



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE
PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE -
PPGCom

ALBERTINA VIEIRA DE MELO GOMES OLIVEIRA

JORNALISMO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO: REVERBERAÇÕES
TRANSFRONTEIRAS DA EDITORIA DE GÊNERO DO JORNAL *THE NEW YORK*
TIMES

Palmas (TO), novembro de 2020

ALBERTINA VIEIRA DE MELO GOMES OLIVEIRA

**JORNALISMO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO: REVERBERAÇÕES
TRANSFRONTEIRAS DA EDITORIA DE GÊNERO DO JORNAL *THE NEW YORK
TIMES***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade como requisito à obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Cynthia Mara Miranda

Palmas (TO), novembro de 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

O48j Oliveira, Albertina Vieira de Melo Gomes.

JORNALISMO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO: REVERBERAÇÕES
TRANSFRONTEIRAS DA EDITORIA DE GÊNERO DO JORNAL THE NEW
YORK TIMES . / Albertina Vieira de Melo Gomes Oliveira. – Palmas, TO, 2020.
100 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em
Comunicação e Sociedade, 2020.

Orientadora : Cynthia Mara Miranda

1. Jornalismo na perspectiva de gênero. 2. Comunicação inclusiva. 3.
Direito das mulheres. 4. The New York Times. I. Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALBERTINA VIEIRA DE MELO GOMES OLIVEIRA

“Jornalismo na Perspectiva de Gênero: Reverberações transfronteiras da editoria de gênero do jornal The New York Times ”

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora

Data de aprovação: 16/12/2020

Banca Examinadora:



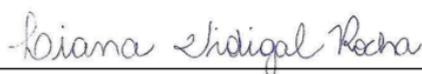
Profa. Dra. Cynthia Mara Miranda
Universidade Federal do Tocantins
Orientadora



Prof. Dr. Elton Antunes
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas, Departamento de Comunicação Social.
Primeiro avaliador



Profa. Dra. Luciana Kind
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Segunda avaliadora



Profa. Dra. Liana Vidigal
Universidade Federal do Tocantins
Terceira avaliadora

Dedico este trabalho à minha mãe, ao meu pai,
ao meu marido, ao meu filho e às minhas filhas.

Pela maior parte da história, “anônimo” foi uma mulher.
Virginia Woolf

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata a Deus, por ter me dado o dom da vida, por ter permitido que eu fosse recebida na família que tenho aqui neste plano. Sou grata a Deus por todas as possibilidades que Ele me oferece a cada novo dia, sou grata a Deus por ser mulher.

Sou grata à minha mãe, com certeza a mulher mais inspiradora, inteligente e forte que eu já tive a honra de conhecer, sorte a minha ser filha dela. Mamãe, juntas em todos os momentos, sempre, e quando uma cair, que seja no colo da outra. Te amo muito.

Sou grata ao meu pai, pessoa inteligente, bondosa e o homem mais feminista que eu já tive o prazer de conhecer, aquele que me fez perceber as nuances do feminismo dentro de casa, sempre me inspirando a ser uma pessoa melhor. Sinto muito a sua falta, pai! Olhe sempre por mim, de onde estiver. Te amo muito.

Sou grata ao meu marido, companheiro em todos os momentos, sempre pronto a ajudar, pai amoroso e uma das pessoas mais inteligentes que conheço. Te amo, Fenando.

Sou grata ao meu filho Ahmed e as minhas filhas Maria Fernanda e Alice por toda forma de amor que me ensinaram, eu amo vocês!

Sou grata à minha irmã Rita, e aos meus irmãos Beto e Fred. Cada um teve participação neste processo, sempre estavam dispostos ouvir. Amo vocês.

Sou grata à minha vizinha, Dona Cininha. Uma fortaleza, dona de uma sanidade invejável e sempre disposta a aprender. Te amo muito.

Sou grata ao meu padrasto Manny, por me acolher em seus braços, assim como em sua casa e completar a vida da minha mãe. Te amo Manny.

Sou grata às minhas cunhadas e aos meus cunhados, a minha sogra e ao meu sogro. Vocês são a família que eu escolhi.

Sou grata à minha orientadora, Cynthia, por todos os ensinamentos e por ser inspiração desde os tempos da graduação. Você é uma mulher de força tremenda e de capacidade ímpar. Obrigada por ter acreditado em mim, você foi minha companheira desde o início deste sonho.

Sou grata à professora Liana Vidigal, pelos ensinamentos, pela amizade construída, e por agora avaliar e fazer parte deste momento tão importante pra mim.

Sou grata ao professor Elton Antunes e à professora Luciana Kind, por avaliarem e por estarem comigo neste momento tão importante na minha vida.

Sou grata a todos os professores(as) que eu já tive, todos(as) deixaram em mim mais do que levaram consigo.

Sou grata ao PPGcom-UFT - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, e a Universidade Federal do Tocantins, por oferecerem espaço transformador de conhecimento.

Sou grata às grandes amigas e amigos que eu tenho, que me trazem conforto, alegria, verdades e que dividem angústias. Ao Lima, Joésia e Eliene, que fazem parte da minha vida desde a faculdade e que sempre estiveram comigo, em momentos bons e ruins. A minha querida amiga Daniela, sempre disposta a ajudar, companheira de muitos momentos importantes em minha vida. A minha querida amiga Isabela (cabeção), pessoa que me ensinou muito sobre tanta coisa, que tem um lugar especial no meu coração. À minha amiga Luara, por se fazer presente em todos os momentos. Todos e todas participaram deste processo de certa forma.

Sou grata pelas amigadas que fiz na adolescência e que permanecem até hoje, são todas mulheres inspiradoras. Obrigada, Andreza, Glaécia, Alcione, Leônidas e Fátima.

Sou grata aos (as) colegas de sala no PPGcom, pelo tempo que tivemos juntos (as).

Sou grata à vida, e às voltas que ela dá. Alguns momentos foram mais difíceis do que eu poderia imaginar, mas, aqui estou. Sou mais forte hoje, do que quando caí. A vida é um gestar a si mesma, um caminho a ser percorrido de olhos abertos. Com atenção às dores e prazeres, senti-los faz parte do caminho. Não se desespere, há sempre uma ponte a nossa espera. O confiar,

está intimamente ligado ao dar-se, ao se entregar e não questionar quais meios nos levarão ao final da trilha. Confia nos seus passos, levanta a cabeça e segue adiante.

RESUMO

A democratização da comunicação é um caminho necessário para oferecer representação e representatividade de gênero. O jornalismo, nessa direção, tem sido instrumento para inclusão da perspectiva de gênero em sua rotina profissional e na sua produção cotidiana. A perspectiva de gênero no jornalismo, objeto de estudo desta pesquisa, possibilita uma representação das mulheres de forma ampla e justa (equiparada), pelos veículos de comunicação. A pesquisa parte da seguinte indagação: em que medida os assuntos pautados sobre os direitos das mulheres no jornal *The New York Times* podem ultrapassar as fronteiras americanas e reverberar na produção jornalística brasileira, em especial na plataforma de notícias Universa do Portal de Notícias UOL. Na presente pesquisa nos interessa estudar o jornalismo na perspectiva de gênero como uma ação que pode repercutir no avanço da igualdade gênero nos meios de comunicação. Por meio da análise de conteúdo, foram buscadas as reverberações da editoria de gênero do jornal americano NYT na plataforma de notícias brasileira Universa, a partir de um *corpus* formado por textos jornalísticos selecionados da *In Her Words*. Após as análises realizadas nos conjuntos de textos de cada veículo, percebeu-se que houve similaridade parcial de alguns aspectos analisados, enquanto na análise das categorias temáticas, não houve reverberação efetiva dos temas trabalhados pelo jornal americano, na plataforma brasileira.

Palavras-chave: Jornalismo na perspectiva de gênero. Direito das mulheres. Comunicação inclusiva.

ABSTRACT

The democratization of communication is a necessary way to offer gender representation and representativeness. In this sense, journalism has been an instrument for including the gender perspective in its professional routine and in its daily production. The gender perspective in journalism, the object of study in this research, allows a broad and fair representation by the media. The research is based on the following question: the extent to which issues based on women's rights in the newspaper The New York Times can cross American borders and reverberate in Brazilian journalistic production, especially on the Universa news platform from the UOL News Portal. In this research we are interested in studying journalism from a gender perspective as an action that can have an impact on the advancement of gender equality in the media. Through content analysis, the reverberations of the gender editorial of the American newspaper NYT were sought on the Brazilian news platform Universa, from a corpus formed by selected journalistic texts from In Her Words. After the analyzes carried out on the sets of texts of each vehicle, it was noticed that there was partial similarities of some aspects analyzed, while in the analysis of the thematic categories, there was no effective reverberation of the themes worked by the American newspaper on the Brazilian platform.

Keywords: Journalism from a gender perspective. Womens right. Inclusive communication.

LISTA DE SIGLAS

FNDC	Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação
OREALC el Caribe	Oficina Regional de Educação para a América Latina Y
TICS	Tecnologias da Informação e Comunicação
NYT	The New York Times
ASNE	American Society of News Editor
WMC	Women's Media Center
GAMAG	Global Alliance on Media and Gender
GMMP.	Global Monitoring Media Project

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Textos jornalísticos da <i>In Her Words</i>	50
Quadro 2 Textos jornalísticos da plataforma Universa	52

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Layout da editoria de gênero com o nome de Gender Letter	31
Figura 2 Layout da editoria de gênero como In Her Words	32
Figura 3 The New York Times apresenta a editoria de gênero e pede opinião sobre a iniciativa da editoria de gênero.....	33
Figura 4 Restruturação do editorial de gênero.....	36
Figura 5 Primeira homepage do UOL - 1996	37
Figura 6 dezembro de 1996 - Mudança no layout para agregar novos serviços	38
Figura 7 março de 2000 - Layout verticalizado e mais conteúdo.....	39
Figura 8 setembro de 2001 - Homepage para a cobertura do atentado de 11 de setembro	39
Figura 9 março de 2020 - Homepage atual do portal UOL	40
Figura 10 Homepage plataforma Universa.....	42
Figura 11 Eixos temáticos e subseções.....	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Origem dos textos Universa.....	63
Gráfico 2 - Autoria dos textos Universa.....	63
Gráfico 3 - Perspectiva de gênero (fontes) In Her Words	65
Gráfico 4 - Perspectiva de gênero (fontes) Universa.....	66
Gráfico 5 - Perspectiva de gênero (linguagem) In Her Words	67
Gráfico 6 - Perspectiva de gênero (linguagem) Universa.....	68
Gráfico 7 - Elementos textuais In Her Words	71
Gráfico 8 - Elementos textuais Universa.....	71
Gráfico 9 - Categoria temática In Her Words.....	72
Gráfico 10 - Categoria temática Plataforma Universa.....	76

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 JORNALISMO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO	16
3 HISTÓRICO DAS EDITORIAS DE GÊNERO – NYT E UNIVERSA.....	26
3.1 Histórico da editoria de gênero do NYT.....	26
3.2 Histórico da editoria de gênero Universa	37
4 METODOLOGIA.....	44
4.1 Análise de conteúdo das narrativas jornalísticas.....	45
5 ANÁLISE DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS DA <i>IN HER WORDS</i> E UNIVERSA... 	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é talvez uma das formas mais antigas de trocar informações no mundo. Para Cardoso (2016) a comunicação só se dá de forma eficiente quando o emissor consegue que a informação chegue ao receptor de forma clara e objetiva, para que ele a entenda. Por conseguinte, a comunicação só acontece quando os dois sujeitos envolvidos na ação desenvolvem um diálogo eficiente, no qual ambos trocam informações em busca de um entendimento.

Para que haja comunicação de forma efetiva, é necessário que haja diálogo. Cada cidadã e cidadão têm que ter voz ativa e a opinião respeitada. Os meios de comunicação de massa, nessa direção, deveriam permitir o diálogo e a representatividade de todas as camadas da população de maneira democrática e não serem os promotores das invisibilidades e silenciamentos de grupos marginalizados.

Contudo é possível ser observado em várias partes do mundo a ausência do tratamento democrático para a representação e representatividade de gênero nos meios de comunicação. É relevante que a sociedade entenda o que permeia o conceito de gênero, para então, reclamar os seus direitos e reconhecer os seus deveres.

Miranda e Parente (2014) citam que o conceito de gênero oferece estratégias para o entendimento sobre a construção das relações entre mulheres e homens, sendo então observadas por meio de perspectivas sociais, culturais e históricas, observando hodiernamente as atribuições sociais delegadas a cada um dos gêneros, sendo no trabalho, na política, na família e nas instituições sociais que são permeadas pelas relações humanas.

Nesse sentido, há de se debruçar sobre a importância da pluralidade da mulher e das várias formas de representá-la nos meios de comunicação. Mulheres não são uma matriz única, existem diferenças visíveis ou não em termos de etnias, classe social, geração que as delineiam e as alçam ao mesmo conjunto. Esta pesquisa embasou-se no conceito de gênero binário, tal qual definido acima por Miranda e Parente (2014), tratando de observar as formas de inclusão e de fazer a comunicação mais inclusiva, partindo da perspectiva da mulher. Sendo assim, não será analisado nesta pesquisa os demais conceitos que podem ser inerentes a gênero, como por exemplo a população que se encontra dentro das definições LGBTQI+.

A pluralidade na representação das mulheres é uma das formas fundamentais para a construção da democracia. Nessa direção, em 1982 foi produzido pela Organização das Nações

para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) o Relatório MacBride que é considerado um marco sobre a temática do direito à comunicação. No relatório, um amplo debate é realizado sobre a necessidade de avançar na implementação de estratégias para democratização dos meios de comunicação, o que implica necessariamente garantir a representatividade e a diversidade.

Passados 74 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e 36 anos do Relatório MacBride, a mídia passou a ocupar um lugar cada vez mais central na vida das pessoas, mas em direção oposta a essa expansão observa-se, de um modo geral, que não houve avanço considerável na democratização dos meios de comunicação, mesmo com a existência de um amplo debate mundial sobre o tema e documentos de organizações internacionais apontando estratégias. A concentração da propriedade dos meios de comunicação nas mãos de poucas famílias, interfere na falta de diversidade e representatividade de vários segmentos societários – entre eles, as mulheres, sobre o qual a presente dissertação irá aprofundar suas reflexões –, essa é a realidade de vários países na América Latina, entre eles o Brasil.

A democratização da comunicação é o caminho para ampliar a perspectiva de gênero nos meios de comunicação e os seus obstáculos vem sendo estudados há décadas. Desde 1995 o projeto de pesquisa *Global Media Monitoring Project* (GMMP) que realiza um monitoramento das notícias no mundo tem se debruçado a cada cinco anos sobre os problemas que a falta da perspectiva de gênero impacta na produção das notícias.

É relevante aqui destacar que a pesquisadora integrou a equipe local que participou do GMMP na edição de 2020, da qual o Brasil fez parte pela primeira vez, desde a primeira edição do projeto. Foi uma oportunidade para ampliar a percepção acerca das mulheres na mídia e conhecer a metodologia proposta pelo estudo, que contribui para as reflexões das notícias no presente estudo. O último relatório¹, divulgado em 2015 aponta que “as mulheres constituem 24% das pessoas que são ouvidas, lidas ou vistas nas rádios, jornais e canais de TV”, de acordo com o conteúdo informativo coletado em 114 países. O dado evidencia que as mulheres ocupam menos espaço como fonte das notícias em vários países do mundo, o que tornam estudos como o proposto aqui, relevantes para compreender os desafios para a construção de um jornalismo na perspectiva de gênero.

Miranda (2019) afirma que é necessário um olhar mais atencioso para as diferenças entre as representações imagéticas desiguais de homens e mulheres em nossa sociedade, e buscar compreender como essa representação desigual tem sido um obstáculo para a busca de uma nova perspectiva comunicacional.

¹Disponível em: [http://cdn.agilitycms.com/whomakesthenews/Imported/reports_2015/highlights/highlights_es.pdf]. Acesso em 5 de out de 2020.

Os meios de comunicação constituem hoje em dia um dos mais importantes agentes de socialização de gênero. Através deles se transmite, de modo muito sutil e inconsciente, uma visão parcial e estereotipada das mulheres e dos homens. De forma que o papel atribuído às mulheres, onde além do mais aparecem em menor porcentagem que os homens, é o de vítimas, artistas, objetos sexuais e ultimamente se está transmitindo muito a imagem da mulher “*superwoman*”, bonita, inteligente, com estudos superiores, mãe de família e trabalhadora assalariada, amante e feliz com sua vida. É raro que apareçam mensagens nas quais se questione a dupla jornada de trabalho desempenhada por essas mulheres ou nas que as protagonistas sejam mulheres que detenham o poder ou sejam consultadas como especialistas. Por outro lado, os homens costumam ser representados em profissões de mais status social: políticos, esportistas ou empresários e muito poucas vezes aparecem em anúncios relacionados com a manutenção da casa. (FRANCO; CERVERA, 2006, p.11).

A reflexão, aponta para a necessidade de reconfigurar a representação de gênero em todas as instâncias. Apesar de organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) demonstrar alguma preocupação com a desigualdade de gênero nos meios de comunicação e propor estratégias aos países para avançar nessa pauta, poucos avanços foram notados desde a IV Conferência Mundial da Mulher realizada em Pequim em 1995, na qual foi gerada uma plataforma de ações para avançar no combate à desigualdade entre os gêneros no mundo. A quarta conferência mundial sobre as mulheres, realizada em Pequim², teve a adesão de 189 governos, comprometidos em adotar medidas estratégicas em 12 áreas fundamentais: pobreza, educação e formação, saúde, violência, conflitos armados, economia, poder e tomada de decisão, mecanismos institucionais, direitos humanos, meios de comunicação social, ambiente e meninas,

O capítulo J da Plataforma de Pequim³ tratou exclusivamente das questões relacionadas às mulheres e à mídia, abrangendo desde a busca de uma representação mais justa e plural das mulheres até o combate à violência de gênero midiática. Em 2020 a Plataforma de Pequim completou 25 anos e é possível afirmar que o capítulo J está entre os capítulos que menos avançaram no mundo em termos de aplicação das estratégias nele preconizadas.

A XIV Conferência Regional da Mulher realizada pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe, órgão vinculado a Organização das Nações Unidas, aconteceu em Santiago, no Chile, entre os dias 28 a 31 de janeiro de 2020. Durante a conferência, foram pautadas questões relevantes para a mudança no modelo social, econômico e político, visando o estreitamento das desigualdades de gênero. A conferência reuniu centenas de feministas da

² Matéria disponível em: [<http://www.onumulheres.org.br/noticias/pequim25-geracao-igualdade/>]. Acesso em: 8 de mar. de 2020.

³ Plataforma de Pequim. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2014/02/declaracao_pequim.pdf]. Acesso em: 30 de set 2019.

América Latina para discutirem ações eficientes na busca da igualdade de gênero, após 25 anos da Conferência Internacional de Mulheres de Pequim.

O principal objetivo do encontro foi promover discussões no sentido de não recuar nos direitos já conquistados, diante da proposta de redução da Plataforma de Pequim para 6 eixos, dos doze que foram implementados no ano de 1995⁴. Entre os eixos a serem eliminados, estaria o parágrafo J que aborda a importância da mídia para alcançar a igualdade de gênero. Em razão dessa proposta de eliminação que comunicadoras, jornalistas e organizações como a *Global Alliance on Media and Gender* (GAMAG) estão fazendo *lobby* para a questão não ser deixada de fora das reivindicações.

Contudo, em decorrência da pandemia do Coronavírus, a conferência da ONU para discutir os 25 anos da Plataforma de Pequim, prevista para acontecer em março de 2020 foi adiada, e a previsão é que aconteça no primeiro semestre de 2021. Movimentos feministas em vários países do mundo têm se articulado na defesa da manutenção do eixo J em razão da compreensão de que o cenário dos meios de comunicação ainda é desigual para homens e mulheres.

Na prática, o direito à comunicação requer que sejam criadas, de fato, as condições necessárias para um fluxo efetivo de comunicação, que envolva um processo não apenas de busca, recepção e transmissão de informações, mas também de escuta, compreensão, aprendizagem, criação e resposta, o que passa por medidas que assegurem a diversidade da propriedade e dos conteúdos dos meios de comunicação, indo além da liberdade de expressão como direito individual (INTERVOZES, 2015).

A busca pelo direito à comunicação está na ordem das reivindicações dos movimentos sociais. No Brasil em 1995 foi criado o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), a entidade congrega fusão da sociedade para enfrentar os problemas da área no país.

São mais de 500 filiadas, entre associações, sindicatos, movimentos sociais, organizações não-governamentais e coletivos que se articulam para denunciar e combater a grave concentração econômica na mídia, a ausência de pluralidade política e de diversidade social e cultural nas fontes de informação, os obstáculos à consolidação da comunicação pública e cidadã e as inúmeras violações à liberdade de expressão⁵.

O FNDC por meio de sua atuação social tem apontado as consequências que a falta do

⁴ Disponível em: [https://www.pagina12.com.ar/244602-a-veinticinco-anos-de-la-conferencia-internacional-de-las-mu?fbclid=IwAR0Vdu2wXonPb1A9AV4S5mnu0rA6XZpTk89P-m91-F3_zjXOOLRmID4wsGE]. Acesso em: 8 de mar. de 2020.

⁵ Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Disponível em: [<http://fndc.org.br/forum/quem-somos/>]. Acesso em: 30 de set 2019.

direito humano à comunicação ocasiona no país. Entre as consequências destacamos a desigualdade de gênero nos meios de comunicação. No que diz respeito ao acesso das mulheres à comunicação muitas são as lacunas, tanto no que se refere ao direito de falar, ao direito de ser ouvida, como também o direito de ter uma representação justa (equiparada do ponto de vista da representação de gêneros e sem violência de gênero) e diversificada pelos meios de comunicação.

Ao considerar a comunicação como direito humano básico conforme preconizado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), algumas ponderações destacam-se para que esse direito seja efetivado como “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”.

A linguagem como instrumento para perpetuação da desigualdade entre os gêneros é a principal ferramenta dos meios de comunicação e provoca efeitos duradouros no imaginário social. Maffia (2007) ao refletir sobre o potencial dos discursos apresenta um questionamento sobre a utilização de palavras ditas “masculinas” na delimitação de direitos para ambos os sexos.

Quando digo "todos os homens nascem livres e iguais e têm os mesmos direitos", existe uma palavra - "todos" - que indica o universal, esta é suposta ser a declaração "universal" dos direitos do homem e do cidadão. É universal porque me fala sobre todos. Esse "tudo" da linguagem é o "tudo" da realidade? O universo do discurso nem sempre é o universo de toda a realidade. Quando digo “todos os homens nascem livres e iguais”, “todos os cidadãos nascem livres e iguais e têm os mesmos direitos”, nessa linguagem de “todos”, qual é a relevância, qual é a abrangência do universo? A realidade? O que esse universo de discurso corta da realidade? A totalidade da realidade ou um aspecto previamente cortado pela relevância do discurso?⁶ (MAFFIA, 2007, p.23). Tradução nossa,

A comunicação inclusiva deve ser entendida como uma questão política e de reconhecimento de mais da metade da população mundial, ou seja, não pode ser vista apenas como uma questão gramatical e os meios de comunicação estão totalmente inseridos nesse contexto já que por meio da linguagem podem reforçar e propagar desigualdades. Segato (2005)

⁶ Cuando digo “todos los hombres nacen libres e iguales y tienen los mismos derechos”, hay una palabra – “todos” – que señala lo universal, se supone que esta es la declaración “universal” de los derechos del hombre y del ciudadano. Es universal porque me habla de todos. Ese “todos” del lenguaje ¿es el “todos” de la realidad? El universo del discurso no siempre es el universo de toda la realidad. Cuando digo “todos los hombres nacen libres e iguales”, “todos los ciudadanos nacen libres e iguales y tienen los mismos derechos”, en ese “todos” de lenguaje, ¿cuál es la pertinencia, cuál es el universo de alcance que tiene de la realidad? Ese universo de discurso ¿qué recorta de la realidad? ¿La totalidad de la realidad o un aspecto previamente recortado por la pertinencia del discurso?

ao refletir sobre a violência como linguagem instalada destaca:

Quando um sistema de comunicação com um alfabeto violento se instala, é muito difícil desinstalá-lo, eliminá-lo. A violência constituída e cristalizada em forma de sistema de comunicação se transforma em uma linguagem estável e passa a comportar-se com quase automatismo em qualquer idioma. (SEGATO, 2005, p.277).

Ao nos apropriarmos das reflexões de Segato para pensar a linguagem que propaga a desigualdade de gênero nos meios de comunicação, reconhecemos os grandes obstáculos para a construção de uma linguagem não sexista, tendo em vista que foram ao longo de séculos que socialmente e culturalmente a desigualdade entre os gêneros foi constituída e, portanto romper exige ações institucionais de longo prazo.

A gramática pode ser outra aliada da comunicação na perspectiva de gênero, se utilizada de forma adequada. A linguagem inclusiva prevê a não distinção dos gêneros, tratando as pessoas de forma democrática e oferecendo um caminho na disputa por visibilidades. Um exemplo da utilização da linguagem inclusiva pode ser: ao invés de falar direitos dos homens, utilizar direitos humanos, utilizar pronomes femininos e masculinos, pai e mãe ao invés de pais e etc...

Quando crimes de violência de gênero são praticados e reportados pelos meios de comunicação, por exemplo, ao atribuir a eles o nome de passional, causam danos e estigmatizam a imagem da vítima pois reduzem um crime complexo a um crime supostamente motivado por paixão. É de grande relevância contextualizar os crimes de violência de gênero como parte de um problema social mais amplo que é a desigualdade entre os gêneros na sociedade.

Recentemente, o Senado Argentino aprovou por unanimidade um projeto⁷ de lei que para “promover a paridade de gênero nos serviços de radiodifusão sonora e televisiva do Estado Nacional e das operadoras privadas”. A iniciativa pode ser vista como um direcionamento sobre como serão tratadas as políticas de comunicação naquele país. De fato, a Argentina já caminha na direção da paridade de gênero e de uma comunicação na perspectiva de gênero há algum tempo, Universidades, casas de lei e algumas entidades privadas já têm o seu próprio manual de comunicação, que prevê a comunicação inclusiva.

A linguagem é capaz de se adaptar aos novos anseios sociais e assim pode e deve ser modificada a partir de demandas que emergem do corpo social e como veremos ao longo desta

⁷ Disponível em: [https://www.infobae.com/politica/2020/10/09/el-senado-aprobo-por-unanimidad-una-ley-para-que-los-medios-estatales-tengan-paridad-de-genero-y-otra-que-promueve-la-formacion-integral-en-temas-ambientales/?utm_medium=Echobox&utm_source=Twitter]. Acesso em 09 de out de 2020.

pesquisa existem iniciativas no âmbito do jornalismo. Para Maffia (2007) a adoção de uma perspectiva de gênero na comunicação torna-se necessária para que haja uma compreensão do papel das mulheres em várias esferas da sociedade.

O machismo até então presente nas mais diversas sociedades têm sido um obstáculo para o avanço da igualdade entre os gêneros no campo comunicacional. Para Guillaumin (2014) o machismo atua para influenciar na diminuição da mulher ao status de coisa, na apropriação dela pelo homem, bem como no confinamento da mulher às obrigações do lar e com a família, por conseguinte, na comunicação pode ser visto pela desvalorização dos temas relacionadas às questões de gênero e na representação hipersexualizada das mulheres.

Em sua obra, *Gender and Discourse*, Clare Walsh (2001) discorre sobre como uma sociedade naturalmente masculinista⁸ trata a comunicação e o discurso do ponto de vista de gênero, bem como as várias tentativas de silenciar a mulher e a forma como a mídia naturaliza a massificação da cultura patriarcal e do viés de gênero para a população. A autora explica que a maioria dos textos das mídias são mais propensos a reforçar um padrão de vida de leitores do sexo masculino, e que o capital da mídia das mulheres às vezes é percebido como tão baixo que suas atividades na esfera pública não são consideradas dignas de notícia e são raramente, ou nunca, relatadas (WALSH, 2001).

A ausência da visibilidade do protagonismo das mulheres nas histórias difundidas pelos livros e a representação estereotipada delas em propagandas veiculadas pelos meios de comunicação, refletem um apagamento cultural da figura feminina, direcionando-as a um papel de figurante da sua própria história. Como cita Bourdieu (1992) a relação entre os atores sociais é marcada por um poder simbólico, poder esse, invisível e que só existe quando o (subjugado) ignora a sujeição ao poder. O fato de a história das mulheres por um longo período não ter sido contada, reflete essa relação de poder simbólico. O que o autor descreve dantes, se dá pela naturalização da cultura do patriarcado, amparada pelo processo histórico que atribuía ao homem um pensamento racional e decisório, e à mulher a obrigação e o dever de cuidar do espaço privado.

Ações concretas para avançar na igualdade de gênero nos meios de comunicação no mundo, embora tímidas, têm sido implementadas pela via institucional e também pelas empresas de comunicação, graças à atuação e cobrança constante dos movimentos feministas.

⁸ Termo utilizado pela escritora Clare Walsh para referir-se as práticas discursivas que diferentemente de patriarcado, não pressupõe que essas práticas sejam coerentes ou intencionalmente concebidas para negar à mulher a igualdade de acesso ou status, embora seja frequentemente o seu efeito.

Na presente pesquisa nos interessa estudar o jornalismo na perspectiva de gênero como uma ação que pode repercutir no avanço da igualdade gênero nos meios de comunicação.

Nos estudos iniciais para construção da pesquisa, nos deparamos com a editoria de gênero do jornal americano *The New York Times* (NYT) criada em meados de outubro de 2017. Não foi possível identificar uma editoria de gênero nesses moldes e de amplo impacto no Brasil. Porém, após uma leitura preliminar do conteúdo jornalístico produzido pela editoria de gênero do NYT nos indagamos sobre a potência que esta editoria poderia ter no sentido de reverberar nos assuntos pautados transfronteiras tendo em vista que o NYT é um jornal de alcance mundial.

Assim, construímos a seguinte pergunta de pesquisa: em que medida as temáticas pautadas no NYT podem ultrapassar as fronteiras americanas e apresentar reverberações na produção jornalística brasileira?

A pergunta foi uma motivação para a pesquisadora mergulhar na área dos estudos de comunicação e gênero especificamente, com foco na linguagem como ferramenta para a igualdade de gênero. Escosteguy (2008) afirma que a comunicação na perspectiva de gênero é uma grande oportunidade de pesquisa.

O campo de investigação para aqueles que se interessam em estudar a comunicação sob uma perspectiva de gênero é, sem dúvida, um grande desafio. O tema permite inúmeras possibilidades e variações acerca das interações dos meios com seu público – na maioria das vezes - genericamente diferenciado. (ESCOSTEGUY, 2008 p.28)

Diante da afirmação da autora, esta pesquisa se propõe a estudar a perspectiva de gênero no jornalismo. No jornal *The New York Times*, a editoria de gênero é chamada de *Gender Letter* (Carta de Gênero, tradução livre.) e tem espírito vanguardista por ser o primeiro editorial a tratar exclusivamente das questões de gênero em um jornal de grande circulação. Destarte, incorpora uma visão mais diversa e plural em sua produção jornalística o que para Rodal (2015), significa representar a realidade de forma igualitária e fazê-la de forma justa, promovendo a tolerância nas sociedades democráticas (RODAL, 2015). Ainda de acordo com a afirmação da autora, a preocupação da mídia com a comunicação em uma perspectiva de gênero deveria ser tão corriqueira como outras demandas do dia a dia, haja visto que, só assim, serão percebidos avanços rumo a igualdade dos gêneros.

Nesse sentido, é objetivo desta pesquisa analisar as reverberações da editoria de gênero do NYT na produção jornalística brasileira. Para desenvolver esse objetivo, optou-se por escolher um veículo de comunicação nacional que disponibilizasse uma editoria que abordasse as questões das mulheres em uma perspectiva de gênero. A escolha de ter a *Gender Letter* como

ponto de partida para identificar as reverberações não foi aleatória e deve-se ao fato do seu protagonismo na difusão das referidas temáticas e também ao seu alcance mundial.

Foram analisados os conteúdos da *Gender Letter* e da editoria de gênero brasileira - Universa - que está hospedada no portal UOL, pertencente ao grupo que detêm a propriedade do jornal Folha de São Paulo. No dia 8 de março de 2019 o portal UOL lançou sua plataforma direcionada a assuntos de gênero, sendo um dos primeiros veículos nacionais a trabalhar temas referentes ao universo feminino em um espaço exclusivo. O portal UOL apresentou ao público a plataforma Universa, com uma linguagem direcionada para ao feminino e com seções distintas de conteúdo, o que foi pensado para atingir audiências diferentes. A plataforma Universa oferece conteúdo direcionado às questões de gênero e está ancorada em três pilares temáticos principais, sendo eles: Transforma, Inspira e Pausa. Cada pilar é dividido em abas ou subseções que oferecem textos pertinentes ao que se propõe o eixo temático. Para a pesquisa em questão, foi selecionado o pilar Transforma, por apresentar textos que contemplem a mesma linha editorial da *In Her Words*.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a dissertação é composta por quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta a conceituação e um panorama acerca do jornalismo na perspectiva de gênero. O segundo capítulo apresenta o histórico da editoria americana e da plataforma de brasileira. O terceiro capítulo, apresenta o percurso metodológico utilizado nesta pesquisa e por fim, no quarto capítulo, são apresentadas as leituras das análises propostas na metodologia e por conseguinte, as considerações finais.

2 JORNALISMO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

O jornalismo em pleno século XXI ainda apresenta uma cultura profissional majoritariamente formada e conduzida por homens em muitos países do mundo, especialmente nos cargos gerenciais e no topo da carreira em posições mais remuneradas, mesmo que as mulheres sejam a maioria nos cursos de jornalismo e nas redações. Tal fato não se limita apenas ao setor comunicacional, está presente em grande parte do mercado de trabalho, herança de um país regido pelo patriarcado (WOITOWICZ; ROCHA, 2018).

A *American Society of News Editors (ASNE)* revelou em um estudo, que no ano de 2014 apenas 37,2% de todos os funcionários de redações nos EUA eram mulheres. Na última pesquisa⁹ realizada pela ASNE em 2018, as mulheres ocupavam as redações com percentual de cerca de 41,7%. Ainda assim, não há um equilíbrio em relação a participação dos profissionais na produção das notícias. A *Women's Media Center (WMC)* produz anualmente um estudo sobre a atuação das mulheres na mídia, e no relatório publicado em 2019, ainda é percebida disparidade entre a produção de notícias por homens e por mulheres.

De acordo com a WMC, o panorama da mídia americana apresenta discrepâncias no sentido da equidade de gênero, 63% dos profissionais que assinam textos jornalísticos e recebem créditos por suas matérias veiculadas em veículos impressos, rádio internet e TV são homens, as mulheres configuram 37% do percentual total de profissionais no mercado. Em noticiários noturnos, as mulheres ocupam também apenas 37% das posições. Na mídia impressa, as mulheres são 41%, na internet 40% é composto por jornalistas mulheres

No Brasil, no ambiente das empresas jornalísticas também é possível notar desequilíbrio na ocupação das funções. Um relatório realizado pela Gênero e Número¹⁰ em parceria com a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) chamado de Mulheres no jornalismo brasileiro¹¹, analisou questionários respondidos por 500 jornalistas de todo o Brasil (em 271 veículos de comunicação diferentes) que ocupavam cargos na função de jornalista, para mapear o machismo dentro do jornalismo brasileiro. O estudo indicou que a proporção de homens e mulheres no jornalismo está mais equilibrada, no entanto, no ambiente profissional, mulheres vivenciam situações onde o machismo impera e as diferenças salariais persistem. De acordo

⁹ Pesquisa disponível em: [<https://members.newsleaders.org/diversity-survey-2018>]. Acesso em: 17 out de 2019.

¹⁰ Entidade sem fins lucrativos que promove a exposição e produção de evidências para fomentar o debate. acerca da igualdade de gênero. Disponível em: [<http://www.generonumero.media/>]. Acesso em: 30 set de 2019.

¹¹ Relatório disponível em: [http://mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf]. Acesso em: 30 set de 2019.

com a pesquisa 86,4% das mulheres que participaram do estudo afirmam que já passaram por atos de discriminação de gênero no trabalho e quando questionadas sobre quem é a(o) responsável direta(o) pela edição das matérias escritas por elas, a proporção se deu da seguinte forma: 44% são homens, 37,5% são mulheres, 12% são elas próprias e em 6,2% a pergunta não se aplicava. Das jornalistas entrevistadas, 65% afirmam que existem mais homens em cargos de poder, muitas delas 44% não atuam em nenhuma editoria específica e escrevem sobre diversos assuntos. Vale ressaltar ainda, que apenas 1% delas escreve sobre segurança pública, 0,8% sobre educação e 0,6% sobre tecnologia.

De acordo com os números acima, percebe-se que apesar de o estudo afirmar que o número de profissionais mulheres e homens estar mais equilibrado no jornalismo, fica claro como os cargos de chefia são ocupados por uma maioria masculina. Como afirma Walsh (2001) a mulher tem que fazer o dobro do esforço e trabalho para ser reconhecida, enquanto o homem é beneficiado pela cultura do patriarcado.

O estudo apresenta ainda um panorama sobre o assédio sexual dentro do ambiente jornalístico, onde 73% das jornalistas entrevistadas responderam que já ouviram comentários ou piadas de cunho sexual sobre as mulheres no seu ambiente de trabalho e 70,4% já foram vítimas de cantadas por colegas de trabalho e por fontes que foram entrevistar. Embora seja apenas uma pesquisa para mensurar os dados do jornalismo brasileiro, no que diz respeito a desigualdade de gênero, a pesquisa revela dados significativos para repensar como as práticas jornalísticas em pleno século XXI ainda estão carregadas de amarras culturais ancoradas na desigualdade entre os gêneros.

No Brasil, nota-se a presença de algumas iniciativas recentes para problematizar e repensar as práticas jornalísticas em uma perspectiva de gênero. Segundo Miranda; Gustafson e Guimarães (2019):

Como veículo alternativo especializado em jornalismo na perspectiva de gênero podemos destacar no Brasil o Portal Catarinas que surgiu em 2016 destinado em produzir notícias especializadas em feminismo, gênero e direitos humanos. Antes do Portal Catarinas podemos destacar como primeira experiência em uma discussão especializada das questões de gênero no âmbito de um jornal de grande circulação o Blog da Igualdade criado em 2012, o blog foi um canal criado no âmbito do jornal Correio Braziliense em sua versão online, o jornal é sediado na capital federal do país, Brasília. Não há no país uma rede nacional com atuação em todos os estados voltada para as discussões de comunicação e gênero, os movimentos nessa direção são recentes e muito estimulados pelo avanço das tecnologias que fez com que meios de comunicação alternativos ganhassem espaço na internet e pelo crescente interesse de pesquisadoras sobre o tema que favoreceu a produção de pesquisas na área. Podemos citar como referência no Brasil outras duas iniciativas voltadas para divulgação de conteúdo sobre comunicação e gênero como já mencionado o Instituto Patrícia Galvão que desenvolve seminários e outras ações voltadas a integrar mídia e gênero/mulheres

com 15 anos de atuação e a Revista Gênero e Número que não atua exclusivamente na pauta comunicação e gênero mas busca dar visibilidade a dados e a evidências relevantes para o debate sobre equidade de gênero de forma mais geral. Outros exemplos trabalhos de jornalísticos são o projeto “#UmaPorUma” do Jornal do Comercio, em Pernambuco, vencedor do Prêmio Vladimir Herzog de Jornalismo, e o projeto chamado “Elas por Elas” do Jornal Metrópole, no Distrito Federal, que acompanham de forma aprofundada os casos nos seus estados e dão visibilidade nacional à questão. Trata-se de uma proposta de jornalismo investigativo feminista na defesa do direito social à informação, ampliando o debate sobre as violências estruturais que culminam em feminicídio.¹²

Tais iniciativas referenciadas acima, estão ligadas principalmente à articulação dos movimentos feministas e sua crescente preocupação com a democratização dos meios de comunicação como forma ampliar a participação das mulheres nesses espaços, e a mudança na representação da imagem das mulheres nos meios.

Ruoho e Torkkola (2018) ressaltam a importância de analisar o papel sócio histórico do jornalismo como uma instituição de gênero. Que no geral, segundo as autoras se apoia no sistema binário de gêneros, sistema esse que foi instituído na maioria das sociedades modernas. Tal análise, apresenta uma reflexão de que o jornalismo não seja então uma instituição neutra, e que pelo contrário, reforça a história do jornalismo como indutor da formação de cidadania e gênero.

Para Woitowicz e Rocha (2018) falar sobre feminização do jornalismo, tendo em vista o número crescente de mulheres nos cursos de jornalismo no Brasil, implica reconhecer também as lógicas de precarização do trabalho que recaem sobre jornalistas, especialmente mulheres. Somadas à crescente juvenização da profissão, tais condições perpetuam e em certa medida, acentuam as diferenças entre homens e mulheres no exercício do jornalismo.

Pensar um jornalismo na perspectiva de gênero perpassa não apenas a construção do texto jornalístico, mas também o contexto produtivo em que é produzido. Para Meuli (2017) pesquisadora de gênero, da Universidad Nacional de Tucumán – Argentina, uma sociedade como a nossa, onde a lógica sexista é o pilar do sistema cultural e atua como força para a estruturação, manejo e organização de outros sistemas, é comum que os meios de comunicação de massa reproduzam o sexismo, imagens estereotipadas e preconceituosas das mulheres já que estão inseridos nesse sistema cultural onde a desigualdade entre os gêneros impera. Assim, problematizar sobre a representação da imagem das mulheres na mídia é um exercício necessário para impulsionar transformações.

Para Alberti et al. (2010) a adoção da comunicação na perspectiva de gênero possibilita

¹² Informe Gamag- Brasil. Disponível em:[<https://gamag.net/wp-content/uploads/2020/01/BRASIL.pdf>]. Acesso em 11 abr de 2020.

romper a desigualdade de gênero nos meios de comunicação e potencializa estratégias para que os meios de comunicação possam implementar essa postura ao publicarem as notícias. O que proporciona ao jornalismo é a possibilidade de trabalhar a informação de modo que seja democrática, promovendo equidade, e assim oportunizando que a mulher tenha espaço e voz nos meios de produção da notícia. Por exemplo, ao selecionar as fontes, considerar que as mulheres também podem ser exímias profissionais e não apenas pessoas relacionadas ao privado, estar atento(a) ao uso da comunicação inclusiva, bem como ao uso dos plurais. Destarte, torna-se cada vez mais importante analisar o processo de construção das notícias e dos seus impactos sob a ótica da equidade.

Nessa direção, a *Oficina Regional de Educação para a América Latina Yel Caribe* (OREALC) juntamente com a Unesco/Santiago, vem desde 2008 empreendendo esforços no sentido de alcançar um jornalismo mais inclusivo em uma perspectiva de gênero, e para isso, se vale de um programa de comunicação e informação. Para tanto, produziram o documento “Por um jornalismo não sexista: Pautas para comunicar com perspectiva de gênero no Chile” (tradução nossa). “, que oferece possibilidades da utilização da linguagem inclusiva.

Ainda de acordo com a publicação, os meios de comunicação como atores da construção da agenda, são os grandes distribuidores (concentradores) do poder. É a partir da seleção realizada por esses veículos que a sociedade vai conhecer os principais fatos e quais serão os principais debates sociais. Isso torna o papel do(a) jornalista de extrema importância nesse processo, já que eles(as) escolhem e tomam decisões sobre quais serão as melhores maneiras de levar determinadas informações ao público.

Espaços como a *In Her Words* e a plataforma Universa, têm a oportunidade de inaugurar um novo fazer jornalístico, com mais responsabilidade social, tendo em vista que o foco é representatividade e pluralidade. Contudo, para além da responsabilidade social estão os interesses comerciais e assim a criação de editorias de gênero por grandes grupos de comunicação reflete a preocupação da empresa jornalística em lucrar com uma pauta da igualdade entre os gêneros.

Nessa direção, de acordo com Meuli (2020) seria um movimento pontual das empresas jornalísticas para se adaptar às novas demandas sociais capitaneadas pela ampliação da atuação das mulheres na sociedade, pela cobrança social e dos movimentos feministas na construção de pautas jornalísticas na perspectiva de gênero. Ao ser considerado um movimento pontual, a editoria temática, mesmo tendo um papel simbólico no exercício do pensamento sobre as questões de gênero, tem o seu impacto reduzido porque não é a linha editorial do jornal e nem se propõe a ser um compromisso da empresa com o fazer jornalístico. Contudo, tendo em vista

que não é objeto da pesquisa não iremos nos aprofundar nessa questão, o foco da dissertação são as reverberações do editorial de gênero do *NYT* transfronteira, mais especificamente no Brasil e no portal Universal vinculado a UOL.

O jornal *NYT* é um veículo de alcance mundial, de acordo com uma matéria pelo veículo, especialistas especularam que até 2025¹³ o jornal terá 10 milhões de assinantes. Ainda de acordo com a matéria, mesmo durante a pandemia de COVID-19, houve um aumento do número de assinaturas do jornal, que conta com 6.5 milhões de assinaturas, sendo que dessas, 5.7 milhões são assinaturas digitais. Tal cifra, traz consigo uma poderosa ferramenta dos meios de comunicação, a possibilidade de agendamento da notícia no caso específico da presente proposta de estudo o agendamento das questões de gênero. Neste sentido, MCcombs (2008) chama a atenção para a possibilidade de agendamento intermediático, o que poderia causar a reverberação do editorial americano na editoria brasileira) e que segundo o autor, é um campo do *agenda-setting* que ainda oferece espaço para novas pesquisas.

Nos EUA, há um interessante conjunto de estudos de que determinadas notícias da Associated Press influenciam jornais locais, muito embora eles utilizem essa agência em média 20%. Então, eles usam uma quantidade muito pequena de material, mas acabam por montar a agenda de outros veículos menores. Nos EUA, o melhor exemplo é o *The New York Times*. Os assuntos enfatizados por ele tendem a ser os assuntos também enfatizados por outras organizações noticiosas. Não apenas outros jornais, mas também emissoras de TV. Essa influência é tão institucionalizada que todas as tardes a Associated Press envia mensagens aos seus associados com a seguinte chamada: “Essas são as matérias que estarão na capa do *The New York Times* de manhã”. E a maioria dos jornais seguem esse exemplo. Esta influência é especialmente forte quando o prestige paper introduz um novo assunto na sua agenda. É o agendamento intermediático: um veículo influenciando outros veículos. De um ponto de vista teórico é o mesmo tipo de influência que ocorre entre a mídia e o público. (MCCOMBS, 2008 p. 211).

De acordo com o autor, um veículo de comunicação de grande visibilidade pode agendar os demais e até mesmo as agências de notícias. Deste modo, a análise proposta nesta pesquisa, poderá evidenciar um possível agendamento intermediático do editorial de gênero americano, sobre a plataforma Universal por meio das reverberações acerca dos conteúdos publicados pelo veículo.

As questões de gênero, como é possível notar a partir da criação da editoria *In Her Words*, apresentaram relevância político-social a ponto de justificar o surgimento desse espaço no jornal. Mas afinal o que é o jornalismo na perspectiva de gênero que impulsionou *In Her*

¹³ Disponível em: [<https://www.nytimes.com/2020/08/05/business/media/nyt-earnings-q2.html#:~:text=The%20company%20added%20669%2C000%20net%20new%20digital%20subscribers%2C%20making%20the,10%20million%20subscriptions%20by%202025>]. Acesso em 18 Out de 2020.

Words e que pode reverberar nos demais meios de comunicação.

Para que o jornalismo seja efetivamente realizado na perspectiva de gênero, há de se levar em consideração como a notícia vai impactar a vida de homens e de mulheres, se as perguntas e fontes seguiram uma lógica de equidade ao serem escolhidas

Para Ruoho e Torkkola (2018) é relevante estudar outros aspectos, pois há a necessidade de destacar e analisar as múltiplas perspectivas ou uma variedade de fatores combinados, ao invés de se debruçar em um fenômeno apenas. Cabe nesse sentido, estudar as ligações entre vários aspectos como: organizações, profissões e gênero, aspectos sociais, culturais, experiências individuais de jornalistas mulheres e homens.

Buscar entender o papel da mulher na sociedade e oferecer oportunidades democráticas da percepção do papel do feminino é, certamente, a direção que o jornalismo na perspectiva de gênero deve seguir. Não é necessário que haja um delineamento de informações para as mulheres e sobre as mulheres, e sim que seja trabalhada uma forma de linguagem inclusiva nas redações, e que essas adequações da linguagem aconteçam de forma natural e democrática.

A obra *Por um jornalismo não sexista: Pautas para comunicar com perspectiva de gênero no Chile*” (tradução nossa).”, escrita por Alberti et al. (2010) apresenta diversas possibilidades de trabalhar o jornalismo na perspectiva de gênero de forma prática, como: questionar-se acerca de como situações noticiadas podem afetar homens e mulheres de formas diferentes, no intuito de promover um debate saudável e buscando apresentar soluções para os problemas relacionados a desigualdade entre os gêneros. É necessário também, perceber que existem meandros nas diversas formas do “ser feminino” e do “ser masculino”, respeitando as diferenças de idades, etnias, níveis socioculturais criados pela sociedade.

Oferecer ao público possibilidades de debates sobre temas que não são tão explorados, ampliando as formas de questionamentos e aproximando a população de temas como: migração, *ciberbullying*, cidadania e a valorização do trabalho doméstico não remunerado.

Cada vez mais sutil, o silenciamento busca desarticular argumentos e convicções que vão de encontro ao ideal androcêntrico, prática muito comum no universo corporativo, o *mansplaining*¹⁴ é uma das maneiras mais utilizadas para desacreditar a mulher em um ambiente masculinista.

Walsh (2001) sugere que essa reação tornou explícito o que já eram práticas e valores

¹⁴ *Mansplaining* é uma palavra composta por *man* (homem) e *explaining* (explicar), definida como "explicar algo a alguém, normalmente um homem a uma mulher, de maneira considerada depreciativa ou paternalista". Disponível em: [<https://www.migalhas.com.br/LawEnglish/74,MI237318,61044-Mansplaining>]. Acesso: 3 nov. 2018

que se mascaravam como normas profissionais neutras em termo de gênero. O *maninterrupting* é outra prática comum dos homens, o ato de interromper a fala das mulheres durante cerimônias, reuniões, debates e ou quaisquer atos, públicos ou não. Um aplicativo para celular chamado *Woman Interrupted*¹⁵ foi criado no ano de 2017 com intuito de analisar o índice de interrupção das mulheres pelo mundo. Os dados são fornecidos pelas usuárias e usuários, que relatam situações nas quais mulheres tiveram suas falas interrompidas. Atualmente, segundo o aplicativo, *British Virgin Islands* lidera o ranking com 10,86%. O Brasil apresenta 1,55% e os Estados Unidos 1,42%.

No que se refere à representação da mulher na mídia, a exploração da imagem da mulher no que tange aos papéis que desempenha na sociedade tende a ser concentrada em matérias relacionadas ao dia internacional da mulher 08 de março, dia das mães ou quando é divulgada alguma pesquisa de larga escala relacionada a desigualdade de gênero e/ou violência contra mulher e feminicídio (MIRANDA; NOGUEIRA, 2017). Contudo cabe destacar que matérias relacionadas à violência contra a mulher são constantes na cobertura jornalística o que evidencia que se trata de grave problema social.

Perrot (2006) argumenta que no século XX o texto feminino era qualitativamente escasso e estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia e contos recreativos. O panorama do século XXI é diferente do apontado pela autora, e revela um cenário de expansão para as mulheres.

Aqui cabe destacar o avanço e o ganho de espaço das mulheres nas colunas que tratam de assuntos como política e economia, áreas prioritariamente ocupadas por homens em razão do prestígio. De acordo com o estudo *Mulheres no Jornalismo*¹⁶ (já citado anteriormente), a presença de mulheres nas redações já atinge um status igualitário, no entanto, ainda há discrepâncias entre os salários dos jornalistas homens e jornalistas mulheres e dos cargos ocupados.

Também é possível notar que a presença de mulheres em editoriais considerados masculinos, ainda é tímida. O relatório aponta que 13% das mulheres entrevistadas atuam nos editoriais de política, 9,2% em cultura e 8,4% em economia, o que já aponta uma mudança no *status quo*. É mais uma das grandes conquistas das mulheres, ocuparem um espaço qualificado e não estereotipado no exercício da profissão. No entanto, é possível verificar pelas informações dispostas no relatório que, cerca de 41,2% das mulheres jornalistas ainda não atuam em

¹⁵ Site do aplicativo. Disponível em: [<http://www.womaninterruptedapp.com/pt/>] Acesso em: 15 dez. 2018.

¹⁶ Disponível em: [https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf]. Acesso em: 10 abr. 2020.

nenhuma editoria específica ou em várias editorias ao mesmo tempo, o que as coloca em uma posição de “multitarefa” para os veículos de comunicação.

O instituto Reuters divulgou uma pesquisa¹⁷ mundial na qual aponta que menos de um terço dos editores das principais redações são mulheres. O estudo reitera que: “ao comparar a porcentagem de mulheres que trabalham como jornalistas com a porcentagem de mulheres em posições hierárquicas na mídia, encontramos uma correlação forte e positiva.” O estudo destaca ainda que em nove dos dez países (mercados) analisados, o número de mulheres que atuam como jornalistas é consideravelmente maior do que o número de mulheres que exercem cargos de chefia na mídia.

No campo da ciência, também é possível encontrar um espaço emergente para a escrita feminina. Uma pesquisa¹⁸ da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) evidencia que entre os anos de 2014 a 2017 o Brasil publicou cerca de 53,3 mil artigos científicos, dentre os quais 72% eram assinados por pesquisadoras mulheres como autoras principais ou coautoras.

Apesar de vislumbrar um crescente na presença das mulheres em espaços considerados tipicamente masculinos, ainda é necessário que se estruture a linearidade na questão dos salários e dos cargos de chefia, para dessa forma, a comunicação ser inclusiva e diversa em vários aspectos.

Para a produção de um jornalismo na perspectiva de gênero, Moreno (2012) traz alguns apontamentos a serem considerados e que serão elencados nos parágrafos abaixo, antes da produção da notícia. A autora reforça que para evitar a imagem estereotipada da mulher na mídia, é fundamental que o profissional se abstenha de descrever as mulheres utilizando como foco principal o estado físico e a situação conjugal e/ou familiar, a menos que isso seja de fundamental importância para a notícia. Uma boa comprovação para justificar tal fato, seria se perguntar se incluiria as mesmas informações caso se tratasse de um homem.

Ao buscar fontes para as notícias, sempre zelar pelo equilíbrio entre os gêneros na hora da escolha, perceber a quem se dirige essa notícia e ter uma lista de especialistas prontos (as) para conversar a respeito da pauta. Além disso, certificar-se de ao retratar uma mulher em uma matéria ou reportagem, lembrar de dar a ela o seu próprio título, nome e voz, e não a nomeá-la como a esposa de alguém.

Com o intuito de não corroborar para a perpetuação de jogos de expectativas, não

¹⁷ Disponível em: [<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/mujeres-y-liderazgo-en-los-medios-informativos-en-2020-evidencias-de-10-mercados>]. Acesso em: 19 abr. 2020.

¹⁸ Disponível em: [<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/mulheres-assinam-72-dos-artigos-cientificos-publicados-pelo-brasil>]. Acesso em: 19 abr. 2020.

atribuir às mulheres condições sociais restritivas, que diminuem e trivializam, bem como exploram as mulheres, como por exemplo: “mãe de seis filhos”. O cuidado com a atribuição das descrições por função por sexo também deve estar presente, na prática de um jornalismo na perspectiva de gênero. Descrever as pessoas pelas funções “mulher médica”, “homem enfermeiro”, são colocações inerentemente machistas, que reforçam a imagem de que não é natural ou normal uma mulher ser médica.

Moreno (2012) reafirma a importância do material *Gender Sensitive Indicators For Media Framework Of Indications To Gauge Sensitivity In Media Operations And Contents*, publicado pela Unesco¹⁹ e voltado para os(as) jornalistas, com o intuito de promover uma comunicação na perspectiva de gênero em busca da equidade social. O documento apresenta entre outros apontamentos, a importância da criação de um código de ética para inclusão da representação de gênero na mídia, organização de seminários e cursos que possam oferecer aos profissionais da comunicação temas como: políticas de gênero, código de ética sensível às questões de gênero, de forma a difundir o conhecimento acerca da prática da questão de gênero na mídia.

As ações citadas acima, podem constituir uma via para a comunicação de forma mais inclusiva e equiparada. Oferecendo oportunidades iguais a ambos os sexos, livre de pré-conceitos e estereótipos sócio culturais. Os profissionais da comunicação devem ter ciência da importância que a mídia tem na propagação de uma informação. O ato de retratar a violência contra a mulher é algo a ser constantemente analisado quando se pretende realizar jornalismo na perspectiva de gênero.

Contextualizar a notícia que traz aspectos de violência contra as mulheres é de fato salutar. Trazer para a notícia profissionais que lidam com o problema e que possam oferecer informações relevantes sobre quais atitudes devem ser tomadas em casos de violência contra a mulher. A percepção da população acerca de determinados debates é sempre instigada pela mídia. Cabe a ela, buscar de forma justa retratar as situações de forma que a população possa ser levada a entender a notícia como um acontecimento e assim, tirar as suas próprias conclusões. Não cabe aos meios de comunicação propagar conceitos e estereótipos que induzam a massa a uma direção única, que dessa forma, reforçam as desigualdades na formação da opinião pública.

¹⁹ Disponível em: [http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/resources/publications-and-communication-materials/publications/full-list/gender-sensitive-indicators-for-media-framework-of-indicators-to-gauge-gender-sensitivity-in-media-operations-and-content/]. Acesso em: 15 out. de 2019.

No contexto das desigualdades sociais, Biroli (2018) cita que a divisão sexual do trabalho é a produtora da desigualdade. O acesso desigual aos cuidados necessários e a posição de quem cuida durante a infância e a velhice (momentos de maior vulnerabilidade) também são fatores de determinação de desigualdades sociais, relata a autora. Dito isto, convém ressaltar que a mídia detém o papel fundamental de dirimir as barreiras socioculturais pré-existentes a fim de oferecer um debate democrático, oportunizando a todos e a todas o direito de comunicar, de ser visto enquanto pessoa e de falar.

No caminho para a igualdade entre os gêneros não se pode esquecer que os meios de comunicação além de atuar como atores sociais, cumprindo principalmente o rol de comunicar e informar, tem acima de tudo interesses comerciais pela notícia. Destarte, é natural que busquem a vanguarda no que tange às novas tendências comunicacionais, e ofereçam ao público sempre o que de mais novo está sendo debatido no mundo. Assim se a mobilização das mulheres em vários âmbitos societários está em crescente expansão a mídia irá agendar e oferecer para a população notícias a respeito do que vem sendo discutido na atualidade, para elaboração de matérias ou reportagens. A seguir será apresentado um breve histórico do jornal NYT e da plataforma Universa, para visualizar como as mobilizações das mulheres têm alcançado esses veículos e como pautas têm sido criadas diariamente para atender as demandas das mulheres.

3 HISTÓRICO DAS EDITORIAS DE GÊNERO – NYT E UNIVERSA.

3.1 HISTÓRICO DA EDITORIA DE GÊNERO DO NYT

Inicialmente chamado de *New-York Daily Times*, teve a sua primeira edição publicada por seus fundadores Henry Jarvis Raymond e Georg Jones no ano de 1851. Com o passar do tempo e a morte dos seus fundadores, no ano de 1896, Adolph Ochs, adquire o jornal que passa então a se chamar *The New York Times*.

No ano de 1897 foi cunhada pela primeira vez a frase que virou lema da empresa e que até hoje é impressa na primeira página no canto superior esquerdo do jornal: “toda notícia que couber impressa”²⁰ (tradução nossa).

Nesse caso, no entanto, não se trata de um nome qualquer. Desde Ochs, o *New York Times* constrói sua escalada para se tornar não apenas o grande jornal de referência dos americanos, mas também o grande jornal de referência de todos, na medida em que a América se torna um terreno simbólico a ser vivenciado, ocupado, invadido por qualquer um. Ao lado de seu nome, os dizeres “All the news that’s fit to print” atestam, assim, além da profusão de acontecimentos que se abrem em suas páginas, sua capacidade de não deixar que nos percamos por eles. Essas palavras são também, talvez antes de tudo, a legitimação de sua própria autoridade na definição de quais visibilidades – e somente aquelas – cabem no mapa que o *New York Times* oferece ao leitor. (MANNA, 2016 p.163,164)

De acordo com o autor, o *The New York Times* transcende o nome da empresa e oferece ao leitor uma posição de referência, quando se trata de veículo de comunicação. O nome, pode-se dizer, deixa de ser substantivo, com a função de apenas indicar, e torna-se uma marca que oferece além da notícia, a credibilidade que o nome impõe.

Localizado no coração da cidade de *New York*, na ilha de Manhattan, a sede do jornal ocupa o edifício *New York Times Building*²¹, se destaca pela imponência. Ao longo de todos esses anos, o *The New York Times* já ganhou 125 Prêmios Pulitzer²².

O NYT é considerado pioneiro em oportunizar a entrada das mulheres em seus quadros profissionais. Anne O’Hare McCormick²³ foi a primeira correspondente de guerra mulher e também a primeira colunista a escrever nas páginas do jornal americano. McCormick enviou

²⁰ Frase cunhada pelo próprio Adolph Ochs, depois que um concurso não encontrou um slogan melhor para o jornal. Disponível em: [https://www.nytc.com/who-we-are/culture/our-history/#1835-1880]. Acessado em: 12 ago. 2018.

²¹ Atualmente é considerado o segundo maior edifício da cidade de Nova Iorque, com 319 m.

²² Os prêmios Pulitzer, que são concedidos anualmente pela Universidade de Columbia, são universalmente considerados como os de maior prestígio no jornalismo americano.

²³Primeira mulher do conselho editorial do *The New York Times* e foi também a primeira mulher a receber o Prêmio Pulitzer de correspondência estrangeira. Biografia disponível em [https://case.edu/ech/articles/m/mccormick-anne-ohare]. Acesso em: 16 nov. de 2018.

despachos ao *NYT* sobre a Europa pós-Primeira Guerra Mundial, se tornando em 1922 a primeira mulher correspondente internacional do *The New York Times*. No ano de 1936 a jornalista tinha uma coluna três vezes por semana no jornal. McCormick entrevistou líderes políticos como Mussolini, Hitler, Roosevelt e Stalin.

De acordo com um relatório²⁴ produzido por sete jornalistas do NYT intitulado “Projeto 2020”, a preocupação com a diversidade e a inclusão sempre foi um compromisso e continua sendo uma meta a ser melhorada o que, dessa forma, instiga a pesquisadora a refletir sobre uma narrativa jornalística que é parte de um projeto maior do jornal que busca dar espaço a diversidade e a inclusão na produção jornalística.

Elizabeth Spayd, editora do jornal *The New York Times*, publicou na página de opinião do referido jornal, no dia 28 de janeiro de 2015 uma mensagem²⁵ enviada por Celeste Royce, leitora do jornal, e achou justo que o questionamento fosse exposto para os(as) leitores(as). Na mensagem, Royce questionava o motivo de na seção cartas ao editor, haver uma preponderância de autores masculinos. Argumentou ainda se tal fato representava a realidade das mensagens enviadas ao jornal e se os(as) profissionais se atentavam ao equilíbrio na identidade de gênero das cartas selecionadas para publicação.

Spayd solicitou ao editor de cartas, Thomas Feyer, que respondesse ao questionamento de Royce. Sendo assim, a resposta oficial do editor de cartas do jornal se baseou no princípio de que o jornal *NYT* já estava ciente e buscava manter o equilíbrio de gênero, mas nem sempre com sucesso. Informou ainda, que a maioria das cartas recebidas são de homens, justificando a maior quantidade de cartas do sexo masculino publicadas em alguns assuntos. Feyer continuou dizendo que muitas publicações de mensagens de mulheres se dão em momentos específicos e que parecem ser de preferência das mulheres. Segundo o editor, dos três funcionários que trabalhavam no setor de cartas ao editor na época em que o questionamento foi feito, duas eram mulheres e a editora de arte do jornal também era uma mulher, e finaliza afirmando que o jornal *NYT* não discriminava as mulheres que escrevem cartas ao jornal.

Em 16 de junho de 2017, Linda Stein²⁶ ativista e presidenta fundadora de uma organização sem fins lucrativos para a justiça dos gêneros, a *Have Art: Will Travel!*²⁷, percebeu durante as leituras diárias das páginas do *The New York Times*, que a seção de cartas dos(as)

²⁴ Disponível em: [<https://www.nytimes.com/projects/2020-report/index.html>]. Acesso em: 23 set. de 2019.

²⁵ Disponível em: [<https://publiceditor.blogs.nytimes.com/2015/01/28/perfectly-reasonable-questions-gender-of-letter-writers/?searchResultPosition=1>]. Acesso em: 26 set. de 2019.

²⁶ Biografia disponível em: [<https://www.lindastein.com/about/>]. Acesso em: 30 set. de 2019.

²⁷ Mais informações disponíveis na página da organização: [<https://www.haveartwilltravel.org/>]. Acesso em: ago. de 2019.

leitores(as) do referido jornal apresentava uma quantidade maior de publicações masculinas e por muitas vezes, nenhuma de autoria feminina.

Como uma leitora assídua do jornal, Linda esperava que no ano de 2017 houvesse um equilíbrio maior entre os gêneros nas cartas ao jornal. Por isso, decidiu liderar uma investigação²⁸ para identificar se havia sexismo na seção de cartas do jornal NYT.

Durante os 3 meses analisados, Linda percebeu que a maioria das cartas publicadas no jornal eram de autoria masculina. A quantidade de publicações mensais separadas por gênero se deu da seguinte forma: janeiro de 2017 (176 homens e 104 mulheres), fevereiro de 2017 (168 homens e 92 mulheres) e março de 2017 (158 homens e 96 mulheres) o que resultou em uma porcentagem de 63% de publicações masculinas contra 37% de publicações femininas.

Mediante os achados da investigação, Linda escreveu um e-mail para direção do jornal esperando uma resposta com a estatística de envio de cartas por mês e recebeu resposta das editoras Sue Mermelstein e de Elizabeth Spayd. Mermelstein afirma que estava ciente que de fato, às vezes, a seção de cartas é dominada por publicações masculinas e justifica esse fato informando que pode ter sido causado pelo grande número de editores homens na redação da seção em questão. Afirmou ainda, que as cartas são escolhidas por mérito e não há seleção por gênero.

Spayd também respondeu ao e-mail de Linda, dizendo que a questão levantada poderia dar um bom projeto e que em março de 2017 ela mesma já havia escrito a matéria “*The declining fortunes of woman at The Times*”²⁹ sobre a escassez de mulheres no prédio da sede do jornal e que esperava que as mulheres tivessem mais acesso aos meios de comunicação.

As pesquisas e os fatos aqui mencionados sobre o jornal NYT lançam linhas de indagação sobre avanços e retrocessos do referido jornal em seu compromisso com a igualdade de gênero e motivam reflexões a serem conduzidas a partir do desenvolvimento da presente proposta de pesquisa.

Judi Rudoren, diretora editorial da NYT global, afirmou na matéria *Meet the New York Times's first gender editor*³⁰ publicada na Vogue Teen, que sempre houve uma preocupação em tratar os assuntos publicados naquele veículo de forma equilibrada, e que vislumbrasse as questões de gênero. A preocupação apareceu com mais vigor, assim que as denúncias de assédio

²⁸ Matéria disponível no site: [<https://www.veteranfeministsofamerica.org/female-voices-must-beard-new-york-times-letters-editor/>]. Acesso em: 4 ago. de 2019.

²⁹ Matéria disponível em: [https://www.nytimes.com/2017/03/04/public-editor/the-declining-fortunes-of-women-at-the-times.html?_r=0]. Acesso em: 4 ago. de 2019.

³⁰ Disponível em: [<https://www.teenvogue.com/story/new-york-times-first-gender-editor>]. Acesso em: 21 abr de 2020

sexual contra Harvey Weinstein começaram a ganhar mais visibilidade, porquanto a diretora preocupou-se em como as notícias seriam entregues ao público, e o veículo optou por tratar os conteúdos veiculados pela lente de gênero, designando uma editora para lidar com essas questões.

O primeiro espaço destinado às mulheres, nas páginas do NYT surgiu em 7 de novembro de 1875. Era uma coluna voltada para a dona de casa, e que segundo o jornal, alçou Juliet Corson à posição de primeira colunista estrela da empresa.

A coluna começou em 7 de novembro de 1875, com o nobre propósito de suprimir o descontentamento que turva a vida familiar "por meio de jantares mal escolhidos ou mal preparados". O tema inaugural foi o "tratamento adequado daquela fonte fecunda de brigas na casa - carneiro frio"³¹. (DUNLAP, 2017) Tradução nossa

Corson foi colaboradora do espaço que foi publicado entre as décadas de 1870 a 1880 e que o jornal definiu como sendo um espaço familiar e alimentar. A coluna chegou a receber 200 cartas por semana, com sugestões de receitas enviadas por leitoras e leitores.

No entanto, a história do *The New York Times* e a sua relação com as jornalistas que trabalhavam no veículo nem sempre foi aberta e receptiva. Allen (1992) afirma que desde que se tornou editor, em 1896, Adolph Ochs permeou uma campanha contra a presença das mulheres nos jornais.

Em meados de 1955 as chamadas *Women's Pages* (Páginas Femininas – tradução nossa) ou também, como ficaram conhecidas: 4F's Food, Fashions, Family, Furnishings (Comida, Moda, Família, móveis - tradução nossa) eram escritas por mulheres e para mulheres. No entanto, as jornalistas eram mantidas no nono andar do edifício do jornal, separadas do restante dos profissionais homens que trabalhavam nas demais seções. Em uma matéria publicada pelo próprio NYT, é possível ter acesso a informações acerca de como era a relação entre profissionais do jornalismo naquele veículo em meados de 1955. Nela, Svachula (2018) afirma: "4 escritoras da seção 4F's disseram que foram esquecidos pelo resto do Jornal, A Sra. Levin, disse que os homens do andar de baixo as visitavam com pouca frequência, era como se tivéssemos sarampo".

McFarlin (2014) cita que no ano de 1947, sete funcionários (as) do NYT entraram com um processo contra a organização, pois mulheres recebiam menos do que os homens que

³¹ The column began Nov. 7, 1875, with the lofty purpose of quelling the discontent roiling family life "through badly-chosen or badly-cooked dinners." The inaugural theme was the "proper treatment of that fruitful source of bickering in the household — cold mutton."

exerciam a mesma função, o que acabou levando a uma ação coletiva com mais de 500 funcionários do jornal.

Após este período, a cultura do NYT parece ter mudado (não se sabe se pela pressão do público, para tentar se adequar às novas culturas, ou se pelo apelo comercial dos novos nichos que o mercado vem apresentando).

Antes da criação da editoria de gênero, o *The New York Times* já vinha trabalhando a agenda de gênero de maneira mais transversalizada, como citado anteriormente, ao veicular, por exemplo, matérias relacionadas ao movimento feminista e textos direcionados para o público feminino em uma perspectiva de gênero. A jornalista Jessica Bennett publicou entre outras matérias, algumas que tem relação estreita com a ideia de representatividade feminina nos meios de comunicação: *She? Ze? They? What's In a Gender Pronoun*³² de janeiro de 2016, *When a Feminist Pledges a Sorority*³³ de abril de 2016, *Ask a Feminist: How Empowering Is My Brand?*³⁴ em maio de 2017, *If Wonder Woman Can Do It, She Can Too*³⁵ em junho de 2017 e *How Silicon Valley Turned Into 'Brotopia'*³⁶ em março de 2018.

A abertura de espaço para uma editoria de gênero ampliou a visibilidade do movimento #MeToo que colocou em evidência as denúncias de assédio sexual feitas por celebridades do *show business* e a necessidade de punir os assediadores. O movimento #MeToo tinha um apelo sócio-político, relevância e caráter social o que aumentava a sua potencialidade para tornar “notícia”.

E foi assim, aproveitando da grande repercussão da matéria³⁷ sobre as novas acusações de assédio sexual contra o produtor de Hollywood Harvey Weinstein, que o jornal *NYT* apresentou aos(as) leitores(as) a sua editoria de gênero, a jornalista Jessica Bennett.

No jornal, a editoria de gênero (denominada pelo jornal inicialmente como boletim) foi chamada de *Gender Letter* (Carta de Gênero, tradução livre.) e publicou um texto dentro daquele espaço pela primeira vez em abril de 2018. De espírito vanguardista por ser a primeiro

³²Disponível em: [<https://www.nytimes.com/2016/01/31/fashion/pronoun-confusion-sexual-fluidity.html>]. Acesso em: 4 set. 2019.

³³ Disponível em: [<https://www.nytimes.com/2016/04/10/fashion/sorority-ivy-league-feminists.html>]. Acesso em: 4 set. de 2019.

³⁴Disponível em: [<https://www.nytimes.com/2017/05/11/opinion/ask-a-feminist-how-empowering-is-my-brand.html>]. Acesso em: 4 set. de 2019.

³⁵ Disponível em: [<https://www.nytimes.com/2017/06/05/opinion/wonder-woman-movie.html>]. Acesso em 4 set. de 2019.

³⁶ Disponível em: [<https://www.nytimes.com/2018/03/19/books/review/brotopia-emily-chang.html>]. Acesso em: 4 set. de 2019.

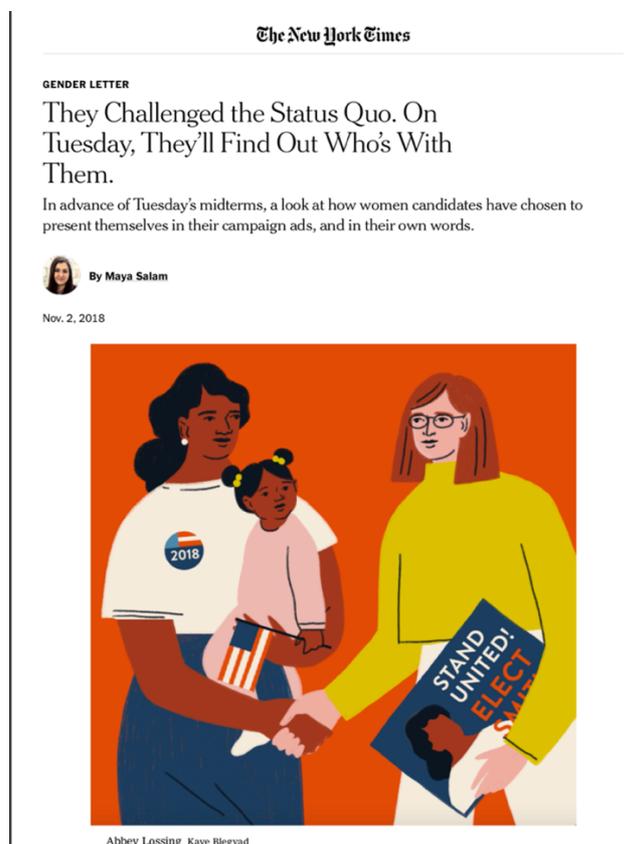
³⁷ New Accusers Expand Harvey Weinstein Sexual Assault Claims Back to '70s. Disponível em: [<https://www.nytimes.com/2017/10/30/us/harvey-weinstein-sexual-assault-allegations.html?module=inline>]. Acesso em: 12 nov. 2018

editorial a tratar exclusivamente das questões de gênero, abriu espaço para a iniciativa do jornal *El País*³⁸, que iniciou uma editoria de gênero de forma mais transversalizada com a jornalista e editora responsável, Pilar Álvarez. Aqui cabe destacar, que o jornal americano intitula a *Gender Letter* como um boletim informativo, que apresenta textos jornalísticos trabalhados e direcionados para as mulheres.

Com publicação semanal, o layout dos textos é bem moderno, colorido e utilizando uma linguagem de leitura agradável, o editorial é atraente, traz assuntos de interesse para as mulheres, tendências e cultura; bem como abre espaço para relacionamento com as leitoras e leitores. As figuras abaixo ilustram o layout da editoria quando o nome ainda era *Gender Letter* e após a mudança (o jornal renomeou o espaço) para *In Her Words* (nas palavras dela, tradução nossa), nos dois casos é possível notar ilustrações coloridas e atraentes, relevantes aos temas de cada texto.

A seguir, as imagens demonstram o editorial como *Gender Letter* e o editorial como está atualmente, denominado *In Her Words*.

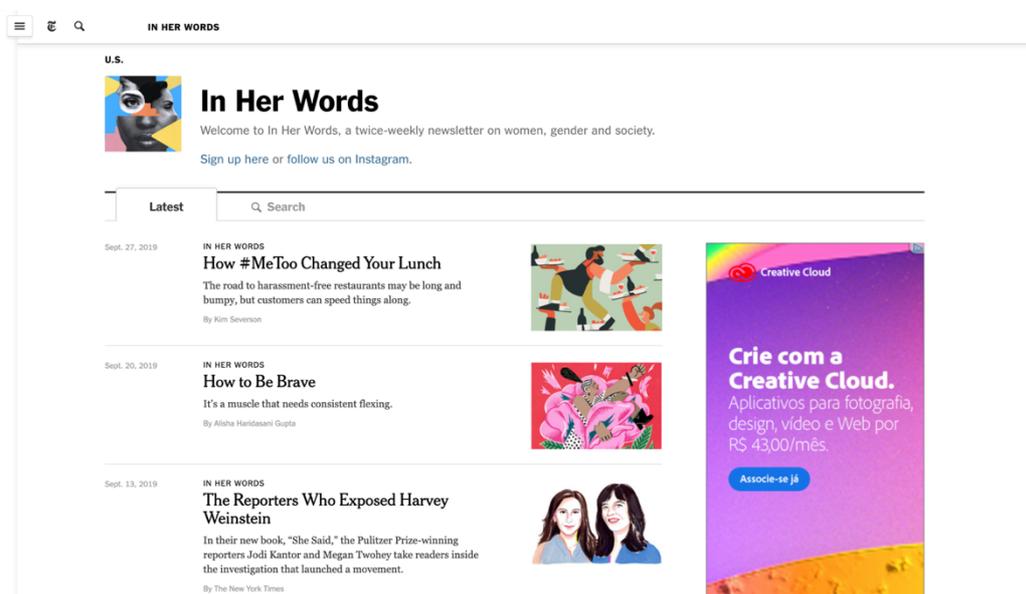
Figura 1 Layout da editoria de gênero com o nome de *Gender Letter*



³⁸Matéria disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/11/internacional/1526063643_313967.html]. Acesso em: 26 set. de 2019.

Fonte: *The New York Times*

Figura 2 Layout da editoria de gênero como *In Her Words*



Fonte: *New York Times*

Enquanto a *Gender Letter* não era oficialmente lançada, o jornal anunciava em suas páginas que a jornalista Jéssica Bennett (que mais tarde viria a ser editora de gênero) publicaria o “*The #metoo moment*”:

À medida que os escândalos de má conduta sexual continuam a se desdobrar, nossa nova editora de gênero, Jessica Bennett, fornecerá atualizações, análises e reflexões sobre a cobertura e a conversa em um novo boletim informativo. Inscreva-se aqui para acompanhar esse momento cultural divisor de águas e conte-nos o que você acha em nytgender@nytimes.com.³⁹ (BENNETT, 2017) Tradução nossa

Os boletins tinham caráter informativo e apresentavam à população as reviravoltas acerca da atuação e importância do *#metoo* nas denúncias de assédio sexual. O boletim também publicava assuntos referentes às questões de gênero, sobre a relevância de haver conhecimento acerca das formas de representação das mulheres na mídia. O boletim, foi o início de Bennett na sua função propriamente dita, dando forma a textos que buscavam informar com perspectiva de gênero.

O jornal *The New York Times* como destacado, já estava preparando o(a) leitor(a) para o lançamento da *In Her Words*, querendo “sentir” o que a população estava pensando sobre o

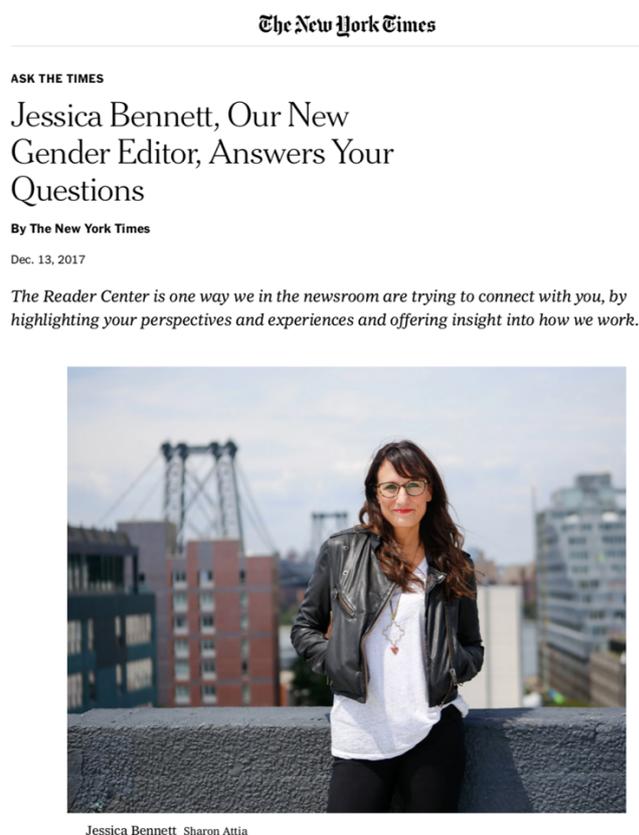
³⁹ As sexual misconduct scandals continue to unfold, our new gender editor, Jessica Bennett, will provide updates, analysis and reflections on coverage and conversation in a new newsletter. Sign up here to follow this watershed cultural moment and tell us what you think at nytgender@nytimes.com

#metoo e toda a pressão que ele vinha causando, ao cobrar posicionamentos para casos como o de Harvey Weinstein, o famoso produtor de Hollywood envolvido em escândalos sexuais.

A editora de gênero foi apresentada ao público, e o jornal pediu para os(as) leitores(as) enviarem mensagens falando a respeito do que pensavam a respeito da editoria de gênero no jornal.

No dia 13 de dezembro de 2017 (figura 3), o jornal *The New York Times* publica no espaço “*Reader Center*” uma reportagem chamada: “*Jessica Bennett, Our New Gender Editor, Answers Your Questions*”⁴⁰ onde apresentou a jornalista Jessica Bennett como a nova editora de gênero do jornal e logo abaixo, Bennett respondeu a alguns dos principais questionamentos enviados ao “*Reader Center*” pelas leitoras e leitores do jornal, no intuito de esclarecer ao público quais eram as intenções do jornal ao iniciarem uma comunicação na perspectiva de gênero.

Figura 3 *The New York Times* apresenta a editora de gênero e pede opinião sobre a iniciativa da editoria de gênero.



Fonte: *The New York Times*

⁴⁰ Disponível em: [<https://www.nytimes.com/2017/12/13/reader-center/jessica-bennett-our-new-gender-editor-answers-your-questions.html>]. Acesso em: 22 set. de 2019.

Jessica Bennet⁴¹ foi a jornalista escolhida para ficar à frente da editoria de gênero do jornal *The New York Times*. Nascida em Seattle – Washington, a escolha de Jessica para editoria da coluna fazia todo sentido, já que a jornalista já produzia matérias relacionadas aos movimentos feministas, que suscitavam a discussão e o diálogo, trazendo visibilidade a temas atuais e polêmicos. Jessica Bennett também é autora do livro “*Feminist Fight Club*” *An Office Survive Manual (for a sexist workplace)* em livre tradução “Clube de Luta Feminista” Um manual de sobrevivência (para ambientes de trabalho sexistas).

A carreira de Jessica começou na Newsweek⁴², como escritora e editora, onde chegou a ganhar o prêmio NY Press Club. No ano de 2010, Jessica e mais dois jornalistas escreveram uma matéria de capa sobre a história do sexismo na Newsweek, que posteriormente virou um livro *The Good Girls Revolt*, de Lynn Povich e uma série de televisão (com o mesmo nome) para o streaming da Amazon.

No NYT, Jessica escreveu sobre o movimento #metoo, criou projetos como o *Overlooked*⁴³ (obituário para as mulheres que nunca tiveram a oportunidade de ter um), e também esteve a frente do *This Is 18*, projeto com intuito de mostrar a vida de várias meninas de 18 anos ao redor do mundo e que posteriormente foi transformado em livro e também em uma exposição fotográfica que viaja o mundo.

Jessica já trabalhava no NYT desde o ano de 2012, e por isso já conhecia da dinâmica do ambiente e sabia das aspirações do conglomerado a respeito de novas possibilidades de comunicação.

O projeto do obituário feminino pode ser destacado como uma forma de tirar grandes mulheres da invisibilidade histórica. Perrot (2006) revela que o poder está no centro das relações entre homens e mulheres, na história ou no presente. A autora afirma ainda, que muitas vezes a mulher é excluída da história, primeiramente relacionando isso ao nível do relato dos fatos, pois o ofício do historiador era destinado aos homens, que escreviam a história no masculino, nessa direção relatar a morte das mulheres não teria muita importância.

Para completar a equipe, a jornalista Maya Salam, que também escreve para a editoria e reveza com Jessica as publicações na *Gender Letter (In Her Words)*. A primeira publicação

⁴¹ Biografia disponível em: [<http://jessicabennett.com/about>]. Acesso em: 16 jan de 2020.

⁴² Revista americana com tiragem semanal.

⁴³ Os obituários dos jornais eram quase sempre destinados a homens de cor branca. Por isso, surgiu a iniciativa de criar um obituário para lembrar as grandes mulheres da história. Disponível em: [<https://www.nytimes.com/2018/03/08/insider/overlooked-obituary.html>] e em [<https://revistatrip.uol.com.br/trip/the-new-york-times-faz-obituarios-tardios-de-homens-e-mulheres-negros-que-morreram-no-esquecimento>]. Acesso em: 22 set. de 2019.

em um espaço destinado especificamente ao editorial de gênero nas páginas do NYT foi em abril de 2018. No espaço era possível ter acesso a textos jornalístico de assuntos variados como: desigualdade de salários, mulheres na política, assédio sexual, mães no trabalho, *#metoo*, entre outros.

Em uma matéria publicada no Portal Imprensa, com a manchete “*New York Times* anuncia editora de “gênero”⁴⁴, o jornal afirma que a intenção inicial do jornal não era ter um espaço específico para discutir gênero, uma vez que a editora de gênero poderia atuar de forma linear nas publicações do veículo. No entanto, percebe-se que tão logo os boletins e os textos começaram a ser publicados e a efervescência das denúncias sexuais levantadas pelo movimento *#metoo*, o jornal parece ter adotado uma nova perspectiva ao perceber a adesão do público.

A própria editora de gênero no NYT em uma entrevista à agência de notícias RFI, publicada sob a manchete “*New York Times* gender editor pushes feminism in flight equality”⁴⁵ “afirmou que há 5 décadas o jornal já teve uma seção específica para assuntos de gênero, chamada *Women’s pages*”, mas que no entanto, a intenção da jornalista neste momento não era seccionar as notícias, e sim oferecer ao público uma noção macro do que é uma editoria de gênero pode ser e de como isso pode transformar a percepção do público acerca do que é veiculado.

Durante os estudos para a realização desta pesquisa, a editoria de gênero passou por outra mudança e tomou proporções maiores, tornando-se um editorial mais abrangente, um espaço destinado aos assuntos de gênero e sociedade, denominado *Gender and Society* (figura 6).

O editorial *Gender and Society* agrega textos mais politizados, no entanto os textos mais focados em gênero, ficam dispostos na *In Her Words* (que agora está dentro do editorial *Gender and Society*), e oferece ao público textos jornalísticos que abrangem a temática de gênero e de sociedade, abrindo espaço para reportagens e matérias colaborativas e vídeos majoritariamente voltados ao público feminino, além de manuais⁴⁶ (O que fazer quando você é a única mulher

⁴⁴Disponível em: [\[http://portalimprensa.com.br/noticias/internacional/79916/new+york+times+anuncia+editora+de+genero\]](http://portalimprensa.com.br/noticias/internacional/79916/new+york+times+anuncia+editora+de+genero). Acesso em: 21 abr. 2020.

⁴⁵ Disponível em: [\[http://www.rfi.fr/en/visiting-france/20190308-nyt-gender-editor-pushes-feminism-flight-equality\]](http://www.rfi.fr/en/visiting-france/20190308-nyt-gender-editor-pushes-feminism-flight-equality). Acesso em: 21 abr. de 2020.

⁴⁶ Disponível em: [\[https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/token-woman-in-room\]](https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/token-woman-in-room), [\[https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/what-to-do-if-youre-being-sexually-harrassed\]](https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/what-to-do-if-youre-being-sexually-harrassed), [\[https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/overcome-impostor-syndrome\]](https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/overcome-impostor-syndrome), [\[https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/hustle-culture-avoid-burnout\]](https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/hustle-culture-avoid-burnout) e [\[https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/do-less-achieve-more\]](https://www.nytimes.com/guides/working-womans-handbook/do-less-achieve-more).

da sala, O que fazer se você estiver sendo assediada sexualmente, Síndrome do impostor e etc.), para mulheres em situação de vulnerabilidade.

Nesse ponto, pode-se dizer que a tentativa do jornal americano “olhar com as lentes de gênero” o que era veiculado, resultou em uma reformulação editorial de maiores proporções, que pode caracterizar uma nova percepção de como o veículo enxerga o seu público e também uma nova forma de monetização. O consumo e a aceitação do conteúdo podem ter impulsionado e antecipado um novo modelo de jornalismo.

A partir desse momento, a editoria de gênero passou a se chamar *Gender and Society*, no entanto, a *In Her Words* continua com espaço cativo e publicações passaram a acontecer duas vezes na semana (e não apenas uma, como era no início) dentro da editoria. Dessa forma, vamos debruçar-nos no espaço que despertou interesse para esta pesquisa, a *In Her Words*.

Pode acontecer de o texto referir-se ao editorial citado e nos anexos referentes às reportagens, constar o antigo nome do editorial (*Gender Letter*). É relevante saber que, houve a mudança feita pelo jornal, e que neste trabalho foi considerada, mas como a mudança aconteceu após o início desta pesquisa, o material coletado para análise será tratado como *In Her Words*.

Figura 4 Restruturação do editorial de gênero

WORLD

Gender & Society

News, trends and culture through the lens of gender from The New York Times.

DESIREE RIOS FOR THE NEW YORK TIMES

NEWS ANALYSIS

Subscribe to In Her Words: Where Women Rule the Headlines

A newsletter about women, gender and society.
November 11, 2019 · By THE NEW YORK TIMES

This Is What Girlhood Looks Like

'This Is 18' — a new book from The New York Times showcasing teenage girlhood around the world.
February 11, 2020 · By THE NEW YORK TIMES

NEWS ANALYSIS

She's the Next President. Wait, Did You Read That Right?

A new study, which found that Americans were reluctant to use the word "she" to describe a hypothetical candidate, highlights the...

Fonte: *The New York Times*.

A reestruturação do layout, a abrangência de conteúdo e um editorial exclusivo para assuntos de gênero e sociedade, reforçam a relevância dos temas ali tratados. A *In Her Words*

foi absorvida por este editorial maior, no entanto, não deixou de publicar os textos pertinentes as mulheres e buscando respeitar a perspectiva de gênero.

3.2 HISTÓRICO DA EDITORIA DE GÊNERO UNIVERSA

O portal UOL⁴⁷ é a maior empresa brasileira de conteúdo, tecnologia, serviços e meios de pagamento. De acordo com dados do portal de notícias, nove em cada dez internautas acessam o UOL todos os meses, o que gera a métrica de mais de 111 milhões de visitas em um único mês. O portal de notícias também oferece 30 canais variados de informações, que juntos acumulam mais de 1 milhão de visitantes ao mês. São mais de 2,5 milhões de assinaturas, entre os diversos serviços oferecidos pelo portal, que afirma ser o maior conteúdo em língua portuguesa do mundo.

Para chegar ao formato que apresenta na atualidade, o portal UOL detalha em uma linha do tempo⁴⁸, todas as mudanças significativas que ocorreram desde o seu lançamento até os dias atuais, levando o portal até o posto de maior empresa brasileira de conteúdo. O início das atividades na internet foi no ano de 1996, oferecendo bate papo online, edição diária da Folha de São Paulo com aproximadamente 250 mil textos, além de reportagens do NYT traduzidas para o português – o que confirma que os conteúdos produzidos pelo NYT já reverberavam no portal desde os seus primórdios. Na primeira homepage do portal (figura 5), o layout simplista e foco no nome Universo Online (UOL).

Figura 5 Primeira homepage do UOL - 1996



Fonte: UOL

Nos anos de 1997 e 1998 (figura 6), o portal de conteúdo já tinha uma *homepage* com

⁴⁷ Disponível em: [https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/]. Acesso em: 12 mar. de 2020.

⁴⁸ Disponível em: [https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/]. Acesso em: 12 mar. de 2020

layout diferente e lançou a TV UOL, 24 horas no ar (especialmente feita para o ambiente online), pioneira na transmissão de conteúdo ao vivo. Os jogos olímpicos de Sidney foram transmitidos pelo portal, inaugurando novas possibilidades de transmissão. No ano de 2002 ocorre a primeira transmissão (exclusiva para assinantes) de um amistoso da seleção brasileira. Um link na página principal redirecionava o (a) leitor (a) para uma série de reportagens do NYT traduzidas para o português, o que pode configurar que naquele momento, já acontecia o agendamento intermediário do UOL pelo jornal americano.

Figura 6 dezembro de 1996 - Mudança no layout para agregar novos serviços

Em dezembro de 1996, nova home marcava a fusão das operações Internet da Folha e da Abril

- Na nova página "espacial", a logomarca voltou a ocupar o lugar central, agora envolvida por uma elipse onde se encontram os links para 18 estações de conteúdo do Universo Online, já incorporando o conteúdo do Grupo Abril
- A barra de navegação horizontal conduzia aos serviços mais importantes do UOL
- Brasil Online passou a ser o nome do primeiro jornal online brasileiro atualizado em tempo real
- Três selos retangulares serviam de atalho a conteúdos como Isto É, reportagens traduzidas do The New York Times e à loja do Pão de Açúcar



Fonte: UOL

Em 2008, o portal inova e oferece por meio do UOL Host, a inclusão de diversos empreendedores no comércio online, possibilitando e facilitando as vendas online. Em 2010 foi transmitido pelo UOL o primeiro debate presidencial exclusivo para a internet, alcançando mais de 1,4 milhões de pessoas em 127 países.

O layout da página do portal sofre nova alteração no ano 2000 (figura 7) e passa a ter uma orientação horizontal, com rolagem da página. Foram acrescentadas diversas possibilidades de conteúdo para o leitor.

Figura 7 março de 2000 - Layout verticalizado e mais conteúdo

Em 1º de março de 2000, um novo projeto gráfico entra no ar

- O logotipo do UOL passa para o canto esquerdo
- Anúncio no alto da página
- Área para destaques multimídia
- Uma coluna de cor diferente aglutina os serviços interativos e os atalhos para buscas. É exibida a agenda de bate-papos com convidados
- São 36 estações listadas no Índice

Fonte: UOL

Para a cobertura do atentado as torres gêmeas em 11 setembro, em Nova Iorque, a homepage do portal sofreu mudanças no layout, para oferecer uma experiência diferente ao (a) leitor (a). A orientação da página deixa de ser horizontal e se apresenta verticalizada, uma coluna lateralizada a esquerda apresenta os principais conteúdos aos(as) leitores(as) e as matérias estão sinalizadas pelas manchetes em hiperlinks.

Figura 8 setembro de 2001 - Homepage para a cobertura do atentado de 11 de setembro

Terça-feira, 11 de setembro de 2001

- Entre 16h19 e 20h10, o UOL recebeu o público do portal com uma página especial. Fotos, informações e análises dos principais jornais, revistas e agências de notícias, correspondentes, colunistas e internautas integraram a ágil cobertura do fato que deixou o mundo perplexo. O público queria ter informação de qualidade. A home page do UOL foi vista mais de 9 milhões de vezes nesta dia

Fonte: UOL

No ano de 2014, novo recorde de audiência com a cobertura das eleições. No mesmo ano, o portal lança o UOL Tab, plataforma de conteúdo interativo com novas reportagens todas as segundas-feiras.

Atualmente, o portal UOL apresenta um layout intuitivo, orientação vertical e barra de rolagem que permite ao leitor ter acesso a todos os conteúdos que são dispostos nas várias seções de notícias. A homepage tem espaço para anúncios pagos, que ajudam a monetizar a página.

Figura 9 março de 2020 - Homepage atual do portal UOL

The image shows the UOL homepage interface. At the top, there's a navigation bar with the UOL logo, user login fields (USUÁRIO, SENHA, ENTRAR), currency exchange rates (Dólar 5,027, Euro 5,418), weather for Palmas (31°C, 22°C), and a search bar. Below this is a horizontal menu with categories: PRODUTOS, CORONAVÍRUS, NOTÍCIAS, CARROS, ECONOMIA, FOLHA, ESPORTE, ENTRETÊ, TV E FAMOSOS, UNIVERSA, VIVABEM, TILT, NOSSA, START, and CANAIS. A large advertisement for wine is featured, with text: 'COMPRE SEM SAIR DE CASA! FRETE GRÁTIS* SÓ HOJE COM O CUPOM FRETE-UOL'. The ad shows a bottle of La Motte Pinot Noir with a price tag of R\$29,90, a 70% discount from R\$99,90. Below the ad, there's a news section with a red header 'DA REDAÇÃO Acompanhe as últimas notícias sobre a pandemia de coronavírus'. The main headline is 'Brasil tem 1.128 casos confirmados de coronavírus e 18 mortes, diz ministério'. To the right, there's a photo of elderly people in a market with the caption 'Isolados pelo vírus, idosos pedem ajuda a policiais para fazer mercado'. The source is cited as 'Fonte: UOL'.

No ano de 2019, o portal bate o próprio recorde de audiência ao lançar 4 novas plataformas. A plataforma ECOA, veio com foco no jornalismo propositivo. A plataforma START, que oferece cobertura sobre games e eSports, a plataforma de tecnologia TILT e a plataforma MOV, produtora de vídeos do portal. Dessa forma, alcançando a audiência de 111 milhões de usuários únicos⁴⁹.

O portal de conteúdos UOL oferece 30 canais com mais de 1 milhão de visitantes ao mês, mais de 7,4 bilhões de páginas vistas mensalmente. Ao todo, são 2,5 milhões de assinaturas de diversos serviços disponibilizados no portal.

⁴⁹ Disponível em: [https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/]. Acesso em: 6 abr. de 2020.

Vislumbrando os dados acima mencionados, percebe-se que o portal UOL é uma empresa se antecipa às possibilidades e as apresenta por meio de novos formatos jornalísticos no universo online para as leitoras e leitores. Sendo assim, podemos considerar que a apresentação de uma editoria de gênero traz uma inovação inerente ao projeto editorial da empresa de comunicação, que ofertou ao público uma nova possibilidade - mais democrática e inclusiva - de ter acesso as notícias.

A plataforma Universa (figura 10) foi lançada no dia internacional da mulher, 8 de março de 2018 (cabe aqui ressaltar que a editoria de gênero do NYT já havia sido apresentada em outubro de 2017, no entanto, não é objetivo desta pesquisa observar a data de lançamento de cada editoria, e sim observar a reverberação da editoria americana na editoria brasileira) e oferece conteúdo diferenciado, para acompanhar a dinâmica social da mulher moderna. De acordo com uma matéria⁵⁰ publicada no Content Lab do UOL, o Universa substituiu o antigo portal UOL Estilo⁵¹, e buscou criar um vínculo de pertencimento para as mulheres que não se veem representadas nos conteúdos propostos pelos veículos de comunicação brasileiros.

O Universa oferece uma proposta editorial que trata de temas que questionam antigos padrões comunicacionais que limitavam o conteúdo feminino a moda, beleza, maternidade e casamento. Dessa forma, o editorial publica temas como: política, finanças, direitos das mulheres, diversidade social e etc.

De acordo com informações publicadas na matéria citada acima e publicada no Content Lab, o UOL tem uma audiência de 44 milhões de mulheres (entre 18 e 54 anos) por mês, por isso o maior desafio foi construir um editorial que rompesse com os padrões limitantes de gênero e fosse capaz de inovar, propondo uma comunicação que também atendesse a mulher contemporânea

Diferente do editorial americano, que publica reportagens específicas para as questões de gênero, e que alega fazer uma leitura pelas lentes de gênero nas publicações, o Universa abrange um conteúdo misto e dá espaço para publicações de matérias jornalísticas de temas diversos em seu editorial sem necessariamente adotar uma perspectiva de gênero na produção do conteúdo.

⁵⁰ Matéria disponível em: [<https://blog.publicidade.uol.com.br/2018/03/14/universa-nasce-como-plataforma-de-referencia-para-a-mulher-contemporanea/>]. Acesso em: 15 mar. de 2020.

⁵¹ Plataforma que oferecia conteúdos sobre vida saudável, moda, beleza e comportamento e demais assuntos variados.

Figura 10 Homepage plataforma Universa



Fonte: UOL

Em matéria⁵² publicada no site Portal dos Jornalistas, o diretor de conteúdo do portal UOL, Rodrigo Flores (atualmente o portal está sob nova direção), afirma que a plataforma Universa surgiu da necessidade de oferecer uma mudança no debate sobre as questões de gênero.

O editorial Universa, se sustenta em 3 pilares temáticos (figura 11). Sendo eles dispostos a seguir. O primeiro pilar temático é o Transforma, que acompanha a dinâmica social e oferece informação jornalística e publica diversas matérias dispostas em 5 abas: direito das mulheres, violência contra a mulher, autoestima, política e diversidade social. O segundo pilar temático é o Inspira, que publica conteúdo disposto em 8 abas: a poderosa, beleza, carreira e finanças, casa e decoração, moda, mulheres inspiradoras, relacionamentos e sexo. O terceiro pilar temático é o Pausa, pensado para oferecer conteúdo mais leve, um convite para rir e relaxar, divididos em 5 abas: fofuras, sem filtro, stalkeadas, universa experimenta e hysteria.

⁵² Matéria disponível em: [<https://www.portaldosjornalistas.com.br/universa-e-nova-plataforma-feminina-do-uol/>]. Acesso em: 15 mar. de 2020.

Figura 11 Eixos temáticos e subseções

PAUSA ▾	INSPIRA ▾	TRANSFORMA ▾
Fofuras	A poderosa	Autoestima
Sem filtro	Beleza	Direitos da mulher
Stalkeadas	Carreiras e finanças	Diversidade
Universa experimenta	Casa e decoração	Política
Hysteria	Moda	Violência contra mulher
	Mulheres inspiradoras	
	Relacionamentos	
	Sexo	

Fonte: UOL

Além de oferecer conteúdo direcionado somente ao público feminino, o editorial também dispõe de outras abas que dão acesso a conteúdos como: horóscopo, newsletter, blogs e colunas, vídeos e últimas notícias.

Na aba horóscopo, é possível ter acesso às previsões para os signos. Na opção newsletter, o editorial lista os demais editoriais e possibilita que o leitor (a) faça o cadastro para receber e-mails com novidades. Na aba blogs e colunas, é possível ter acesso aos 18 blogs que estão hospedados no portal UOL, e que oferecem conteúdos variados. Na aba vídeos, o editorial relaciona uma grande quantidade de vídeos, de temáticas variadas e que foram veiculados no portal UOL por algum editorial, matéria e ou blog do conglomerado. Na aba últimas notícias, há uma relação das notícias (de temáticas variadas) publicadas no portal UOL.

O pilar Transforma, (pelo teor das matérias publicadas) é o que mais se aproxima da editoria americana. Sendo assim, para analisar a reverberação na editoria brasileira, ele será utilizado como referencial para o presente estudo

4 METODOLOGIA

O presente estudo teve como objetivo analisar as reverberações temáticas da editoria de gênero do jornal americano NYT na plataforma de notícias brasileira Universa, a partir de um *corpus* formado por textos jornalísticos selecionados da *In Her Words* no período 28 de abril de 2018 a 28 de abril de 2019 totalizando 68 textos, e 297 textos selecionados da plataforma Universa no período de 1º de abril de 2019 a 31 de abril de 2019.

O recorte temporal distinto para os veículos jornalísticos de cada país justifica-se por suas especificidades. A escolha em coletar um ano de textos jornalísticos do jornal NYT (2018 a 2019) contemplou a data de lançamento da editoria americana e a possibilidade de acompanhar a sua evolução ao longo do período de um ano para captar mais atentamente as principais temáticas abordadas no período e como elas reverberaram ou não na plataforma Universa.

Já o recorte temporal estabelecido para coleta de notícias na plataforma Universa de 30 dias (1º a 31 de abril de 2019) justifica-se pela vasta produção e divulgação de conteúdo da mesma. Não foi intenção da pesquisa aplicar uma metodologia comparativa entre o *corpus* dos dois países. Ao escolher dar enfoque as reverberações, o objetivo foi analisar como as temáticas trabalhadas na editoria do NYT podem repercutir no conteúdo da plataforma Universa.

Para desenvolver a proposta foram coletados 297 textos do pilar Transforma, da plataforma Universa, por entender que o conteúdo publicado ali é o mais próximo da proposta editorial da *In Her Words* do jornal NYT. O pilar Transforma apresenta 5 temáticas divididas em abas nas quais os textos selecionados foram retirados.

Como é possível notar, houve uma vasta produção de conteúdo no período do recorte temporal da Universa, o que pode ser justificado pela plataforma estar inserida em um portal de notícias e que por isso, oferece espaço mais amplo para a produção e diversificação sobre o assunto. Aliado a isso, a plataforma não publica apenas materiais produzidos por ela. Foram encontradas matérias de blogs, de colaboradores, matérias de outras seções do portal UOL e matérias de agências internacionais de notícias. Cabe reforçar, que o material coletado do *In Her Words* foi produzido pela equipe daquele editorial, não veiculando naquele espaço matérias de outras seções do jornal e nem publicando textos de agências internacionais de notícias.

Na Universa, 60% do volume publicado foi produzido pela plataforma, sendo o restante diluído entre agências de notícias nacionais, internacionais e colaboradores

Sendo assim, entende-se que o volume de produção referente ao pilar Transforma não pode ser considerado exclusivamente produção da plataforma Universa, haja visto o aporte

recebido de matérias oriundos de outros veículos. Entende-se também, que por estar hospedada em um portal de notícias, seja natural o intercâmbio de informações.

No entanto, é relevante saber que, o editorial americano está hospedado na versão online do jornal NYT e não abre espaço para veiculação de conteúdos produzido por agências ou outros veículos.

Um fator relevante para esta pesquisa, e que não foi encontrado nas publicações retiradas do editorial americano *In Her Word*, foi a repetição de matérias publicadas, diferente da plataforma Universa, que apresentou repetição de matérias.

As repetições de matérias publicadas no Pilar Transforma podem ter acontecido nos mesmos dias ou em dias diferentes, acontecendo sempre que a mesma matéria que havia sido publicada em uma aba, era publicada na íntegra, em outras abas do Pilar.

Outro ponto de observância para esta pesquisa, é referente ao gênero dos textos produzidos pelas editoriais. A *In Her Words* apresenta em sua página, a publicação boletins informativos (*newsletter*), com a presença de reportagens, enquanto a plataforma Universa apresenta em sua grande maioria matérias jornalísticas, em grande parte factuais. A saber, as reportagens exigem mais tempo de produção, variedade de fontes e não são factuais (em sua grande maioria). As matérias jornalísticas são em sua grande maioria factuais, sem necessidade de uma ampla diversidade de fontes e mais rápidas para serem produzidas, pois precisam atender muitas vezes a instantaneidade das notícias.

A estratégia metodológica utilizada para analisar os textos jornalísticos que compõe o *corpus* deste trabalho foi a análise de conteúdo, de natureza qualitativa. O detalhamento do processo utilizado para a realização da análise de conteúdo será apresentado mais adiante, antes apresentamos o histórico da criação da *Gender Letter*, atual *In Her Words* e da plataforma Universa.

4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

Os textos jornalísticos retirados da *In Her Words* podem ser enquadrados tanto no gênero opinativo, como no gênero informativo, ao oferecerem notícias, notas, reportagens e entrevistas, mesmo que seja delimitada pelo veículo como um boletim informativo. Já os textos retirados da plataforma Universa, tem um caráter mais informativo, pois apresentam em sua grande maioria, matérias de caráter factual.

É necessário expor aqui, a relevância da categorização dos gêneros jornalísticos, embora não seja o foco da pesquisa, para a compreensão e contextualização dos(as) leitores(as) ao

buscarem informação.

Para que servem os gêneros jornalísticos? Com certeza servem para orientar os leitores a lerem os jornais, permitindo-os identificar as formas e os conteúdos dos mesmos. Servem, também, como um diálogo entre o jornal e o leitor, pois é através das exigências dos leitores que as formas e os conteúdos dos jornais se modificam. Os gêneros servem ainda para identificar uma determinada intenção, seja de informar, de opinar, de interpretar ou de divertir. (MEDINA, 2001).

Melo e Assis (2016) definem e relacionam os gêneros jornalísticos em cinco formatos e as suas respectivas funções: Informativo (vigilância social) opinativo (fórum de ideias), interpretativo (papel educativo, esclarecedor), diversional (distração, lazer) e utilitário (auxílio nas tomadas de decisões cotidianas). A nomenclatura e a divisão dos gêneros acima delimitados pelos autores estão compreendidas na “Escala Marques de Melo”. Os textos que compõem o *corpus* deste estudo e que serão analisados, enquadram-se no gênero jornalístico opinativo e também no gênero informativo.

A “Escala Marques de Melo” refere-se a imprensa brasileira e ao formato impresso. Vale ressaltar que, a amostra foi selecionada da *In Her Words* do jornal *The New York Times* que é produzido nos Estados Unidos na versão online do jornal, na homepage do jornal, e por isso apresenta algumas diferenças em relação a uma editoria de um jornal impresso.

As colunas são, num impresso, reconhecidas por um título ou o nome do colunista, com espaço na página e periodicidade. No webjornalismo, são identificadas apenas pelo nome do colunista. Quando a página não contém uma seção ‘colunas’, possui, na própria *home-page*, a lista de nomes, que são links para o ‘texto’. Não importa quando, nem sobre o que escreveu, mas quem escreveu. (SEIXAS, 2004).

O *corpus* desta pesquisa conta com 68 textos jornalísticos selecionados da editoria de gênero do jornal *NYT*, e 297 textos jornalísticos selecionados da plataforma Universa, que apresentam caráter opinativo e informativo. O material foi analisado respeitando as delimitações de gênero jornalísticos descritos na “Escala Marques de Melo” e Seixas (2004) no que se refere às especificidades do texto jornalístico no espaço online, buscando desvendar padrões textuais, baseado na ausência ou presença de determinadas características.

Para a imprensa americana, para o profissional que está à frente de uma coluna, e para o jornal *NYT*, a *In Her Words* é vista como um espaço para a publicação de um boletim informativo pelas lentes de gênero. No entanto, pelas características do texto, que apresentam ali considerações e opiniões sobre determinadas áreas, imprime um estilo pessoal e faz com que seja fácil ao(a) leitor(a) reconhecer a assinatura do profissional naquele espaço, pode ser considerada uma coluna.

As colunas baseiam-se principalmente na personalidade do autor, permitindo que ele escreva sobre assuntos em um estilo pessoal. Os redatores de colunas podem adotar uma abordagem humorística ou se especializar em uma área ou tópico específico. É importante que os colunistas desenvolvam sua própria voz que seja reconhecida por seus leitores. Os colunistas podem interpretar eventos ou questões ou escrever sobre suas próprias experiências ou pensamentos pessoais. As colunas geralmente são publicadas semanalmente⁵³. (THE PAK VOICE, 2018). Tradução nossa

De acordo com a citação acima, as colunas têm como esteio a personalidade do(a) autor(a), que transmite ao texto um estilo pessoal. Podendo o texto apresentar uma abordagem bem-humorada ou se especializar em uma área ou tópico específico, desenvolvendo uma voz própria do(a) colunista, que é facilmente reconhecida pelos(as) leitores(as).

É possível observar que a coluna, no jornal americano, segue as mesmas delimitações contidas na “Escala Marques de Melo” utilizada para definição de gêneros jornalísticos no Brasil. Também traz caráter opinativo e informativo para os textos publicados naquele espaço.

A proposta de pesquisa foi analisar o conteúdo de cada texto jornalístico levando em consideração aspectos como fontes referenciadas, forma de abordagem do tema, identificando se a abordagem é aprofundada, bem como outros aspectos que poderão aparecer a partir da leitura de cada unidade da análise. E como os conteúdos do editorial de gênero americano, reverberaram no editorial da plataforma Universa.

O objetivo da pesquisa foi analisar a editoria de gênero *In Her Words* do jornal americano *The New York Times*, com o intuito de fazer inferências a partir desse conteúdo, buscando reverberações do editorial americano na plataforma Universa no recorte temporal definido. Portanto, não é um estudo que tem como foco as especificidades dos gêneros jornalísticos nos dois países, embora reconheçamos as diferenças.

Para organização dos dados, foi utilizado o apoio computacional, visando facilitar a tabulação das informações em planilhas eletrônicas no Excel em um primeiro momento. Para as análises, foi utilizado o software MaxQDA, aparato para pesquisas qualitativas e quantitativas. A utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS) agrega agilidade, organização e equidade na verificação dos elementos dispostos nos documentos.

É necessário enfatizar que foi realizada uma pesquisa teórico-conceitual com intuito de dar forma aos embasamentos relacionados a importância do jornalismo em uma perspectiva de gênero. Dessa forma, foram analisadas diversas teóricas que tratam da desigualdade entre os

⁵³ Columns are based primarily on the personality of the author, allowing him or her to write about subjects in a personal style. Column writers can take a humorous approach, or specialise in a particular subject area or topic. It's important for columnists to develop their own voice that is recognisable by their readership. Columnists can interpret events or issues or write about their own personal experiences or thoughts. Columns are usually published weekly.

gêneros na esfera social, econômica, midiática e também lançam luz sobre a cultura do patriarcado. Walsh (2001) apresenta grande contribuição acerca do papel da mulher na dicotomia público-privado, bem como as relações patriarcais e culturais com a igreja e na mídia. Rodal (2015) contribui com esta pesquisa, ao apresentar um estudo sobre a comunicação na perspectiva de gênero, aplicada a mídia. Giullaumin (2014) engrossa os estudos de gênero, com obras sobre a naturalização e recorrência de processos ideológicos que naturalizavam o sexo e a raça e Saffioti (2018) que abrange a linha de pesquisa de estudos feminista e de gênero, trazendo à tona o patriarcado e as relações de violência. As referidas autoras tratam da desigualdade entre os gêneros, a necessidade de uma comunicação na perspectiva de gênero e das relações culturais do patriarcado.

Das leituras citadas acima, deu-se início ao processo do esboço do que seria o processo para pesquisa científica. Flick (2009) afirma que é importante para o desenvolvimento de um projeto, definir uma pergunta da pesquisa e se cercar de conhecimento referente à literatura existente sobre o tema a ser discutido.

O aporte teórico conceitual foi essencial para aprofundar as interpretações do material para a análise de conteúdo, metodologia aplicada no projeto em questão. A delimitação do que é a análise de conteúdo, foi proposta por Bardin como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p.48).

De acordo com a autora, a análise de conteúdo é uma maneira imparcial de trazer à tona uma ideia de determinado conteúdo, uma vez que, não há interpretação livre e sim aplicação de métodos para inferência que vão culminar em uma conclusão após a exposição dos mesmos a diversos tratamentos, e reforça que o método em questão apresenta como objetivos a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura.

O processo da análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2011) segue um percurso metodológico dividido nas seguintes fases: a análise descritiva, composta pela pesquisa teórico conceitual, a preparação do *corpus* (com os textos jornalísticos separados no recorte temporal já delimitado acima), a aplicação da teoria no *corpus* e a preparação e exploração do material que compõe o *corpus* deste estudo.

A pesquisa aqui proposta é de natureza aplicada, caráter descritivo e procedimento documental, composta por mais duas etapas: análise descritiva, que contempla a pesquisa

teórico conceitual, a preparação do *corpus* (textos jornalísticos), a aplicação da teoria no *corpus* acima descrito e preparação do material para a exploração, que será realizada na etapa posterior.

Denominada aqui nesta pesquisa de percurso metodológico, a próxima etapa foi composta pela leitura flutuante do material que compõe o *corpus* e separação dos textos que eram relevantes para a análise. Foi feito o *download* dos textos jornalísticos da *In Her Words* (para tanto, foi feita a assinatura digital do *The New York Times*) na interseção do recorte temporal definido neste estudo, por meio da homepage do jornal e adicionando-as a uma pasta no computador, para isso, foi feita uma assinatura do jornal, uma vez que o acesso ao conteúdo é restrito para os(as) leitores(as) que não têm assinatura.

Na plataforma Universa, foi feito o download dos 297 textos das 5 abas que compunham o pilar Transforma e que estavam dentro do recorte temporal delimitado. Como Transforma é dividido em subseções, foram criadas pastas no computador, para arquivar os textos referentes a cada aba do pilar Transforma, somente a título de organização.

O *corpus* segue ainda algumas regras delimitadas por Bardin (2011), para a categorização: a regra da exaustividade, que consiste em acumular todo o material ligado ao objeto a ser pesquisado. A regra da representatividade, na qual o material tenha de fato relação de importância e significância com o objeto de pesquisa. A regra da homogeneidade, preconiza que todos os documentos devem obedecer a critérios de escolha e não apresentar diferenças que fujam ao padrão determinado. A regra da pertinência, como o próprio nome diz, devem ser pertinentes ao tema escolhido, assim, todos textos jornalísticos publicados pela *In Her Words* durante o período de um ano estavam enquadrados no critério de representatividade.

Dessa forma, após a explicação dos métodos utilizados na pesquisa científica e na estruturação da pesquisa qualitativa, foi escolhido o material que compõe o *corpus* a ser analisado.

Para a seleção dos textos jornalísticos que compõem o *corpus* desta pesquisa, não foi utilizada uma palavra-chave para busca dos textos, sendo assim, todas as publicações que estivessem dentro do recorte temporal foram selecionadas. Os textos jornalísticos selecionados foram catalogados por dia, mês e ano de publicação.

A seguir apresentamos os títulos dos textos jornalísticos selecionados para a pesquisa e em anexo será disponibilizada uma amostra dos textos jornalísticos selecionados para ilustrar a diversidade que apresentam com a presença de entrevistas, notas, notícias, reportagens.

Quadro 1 Textos jornalísticos da *In Her Words*

No	Título	Data
1	Moms, They Get the Job Done	20/04/2018
2	All the poetry That's fit to print	26/04/2018
3	The Culture Is Changing. Cosby is Proof	27/04/2018
4	Remembering New York City's First Female Cab Driver	04/05/2018
5	45 Stories of Sex and Consent on Campus	11/05/2018
6	Meghan Markle, Our Anti-Princess Princess, Builds a Bridge	18/05/2018
7	Harvey Weinstein 'Perp Walked' Into the Future of #MeToo	25/05/2018
8	Stop Being Grateful! Graduation Advice from 12 Women	31/05/2018
9	It's Serena. 'Ms. Williams' if You're Nasty.	06/06/2018
10	Yes, Britain, You Can Have More Women on Corporate Boards	07/06/2018
11	He Gave a Light Sentence for Sexual Assault. Now He's Off the Bench	15/06/2018
12	Women, Stop Volunteering for Office Housework!	19/06/2018
13	Teenagers Are Here, Queer and Bringing Pride to Prom	22/06/2018
14	Getting Real About Periods, Childbirth, Menopause and More	26/06/2018
15	What Should Women Sound Like	29/06/2018
16	An Ode to Old Maids Everywhere	13/07/2018
17	Hollywood Is as White, Straight and Male as Ever	02/08/2018
18	Rebel Women Are Coming to a Public Monument Near You	09/08/2018
19	When the Resistance Meets the Polls_ A Historic Week for Women Politician	16/08/2018
20	The Persistence of Stormy Daniels	24/08/2018
21	End of Summer Escape, in Poetry and Pictures	30/08/2018
22	Behind the Scenes With Christine Marinoni, Cynthia Nixon's Wife	07/09/2018
23	Serena's Not Alone. Women Are Penalized for Anger at Work, Especially Black Women	13/09/2018
24	Christine Blasey Ford Pushes Back_ Here's What Might Happen Next	21/09/2018
25	Damaging a Man's Good Name Versus Damaging a Woman's Life	28/09/2018
26	One Year After #MeToo, Examining a Collective Awakening	05/10/2018
27	What 18 Looks Like Around the World	11/10/2018
28	Toppled Men Are Down, but Not Necessarily Out	19/10/2018
29	For Transgender Americans, the Political Gets Even More Personal	26/10/2018
30	They Challenged the Status Quo. On Tuesday, They'll Find Out Who's With Them	02/11/2018
31	A Record 117 Women Won Office, Reshaping America's Leadership - The New York Times	07/11/2018
32	Renewing 'Vows' - How the Times Wedding Section Is Changing	23/11/2018
33	South Korean Women Smash Makeup, and Patriarchy	30/11/2018
34	Does 'Having It All' Mean Doing It All	07/12/2018
35	Sisterhood in the Halls of Congress, and You're Invited	14/12/2018
36	Ditch the Tropes_ These Holiday Movies Won't Make You Roll Your Eyes	21/12/2018

37	2018_ Year of the Woman, in 5 Powerful Quotes	28/12/2018
38	5 Reproductive Health Issues We Should Be Talking About	08/01/2019
39	R. Kelly_ Why So Many Ignored the Warning Signs	11/01/2019
40	The Game-changing Women of the N.F.L	16/01/2019
41	Women's March 2019	19/01/2019
42	What Is Toxic Masculinity?	23/01/2019
43	Photographing the Women of the 116th Congress	26/01/2019
44	What Happens When Men Are Too Afraid to Mentor Women?	30/01/2019
45	Goodbye, Flotus	01/02/2019
46	Trump Delivered address	06/02/2019
47	For the Women of Pop Music, Cash Is Queen	08/02/2019
48	Girls Get Tech. They Just Need Others to Believe It	12/02/2019
49	Could the U.S. Get Paid Family Leave? It's Looking Better Than Ever	15/02/2019
50	Finding Clothes, and Identity, Outside Men's and Women's Wear	19/02/2019
51	What Is the Equal Rights Amendment, and Why Are We Talking About It Now?	22/02/2019
52	Taking Back 'Hysterical'	26/02/2019
53	Almost Everything We Know About Women's History is Wrong	01/03/2019
54	Let's Stop Ignoring the Truths of Puberty. We're Making It Even More Awkward	05/03/2019
55	This Is What a Feminist Country Looks Like	08/03/2019
56	The Long Fight for Pay Equality in Sports	11/03/2019
57	Trolls Tried to Sink 'Captain Marvel.' She Triumphed	15/03/2019
58	How the Patriarchy Got in Our Heads	19/03/2019
59	Jacinda Ardern Is Leading by Following No One	22/03/2019
60	Traveling the World, While Looking Over Her Shoulder	26/03/2019
61	Fasten Your Seatbelt and Keep Your Hands to Yourself	29/03/2019
62	Critics to Biden- You're Missing the Point	05/04/2019
63	Abby Wambach's Leadership Lessons- Be the Wolf	09/04/2019
64	Native American Women Are Facing a Crisis	12/04/2019
65	#WhatsMyName Stresses Safety for Uber Riders	16/04/2019
66	Commuting While Pregnant- A Long Ride Could Be a Risky One	19/04/2019
67	Pretty Hurts (Women's Careers)	23/04/2019
68	Why Music Festivals Need More Beyoncé's	26/04/2019

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir apresentamos os quadros com a seleção das notícias da plataforma Universa que serviram de base para verificar a reverberação dos assuntos pautados no jornal NYT no Brasil. Os quadros seguem as nomenclaturas das abas definidas pelo pilar Transforma

(Autoestima, Direitos da Mulher, Diversidade, Política e Violência contra a mulher) para a publicação das matérias.

Quadro 2 Textos jornalísticos da plataforma Universa

Autoestima		
No	Título	Data
1	Chrissy Teigen fala sobre seu peso após dois partos; chegando a um acordo	01/04/2019
2	Com esclerose múltipla, Selma Blair mostra como faz maquiagem. Gargalhe	01/04/2019
3	Atriz de Barrados no Baile rebate críticas por excesso de botox Humana	02/04/2019
4	Agora tem um guia veja como se defender juridicamente contra a gordofobia	03/04/2019
5	Assim como Samara Felippo, estas famosas não ligam para barriga negativa	03/04/2019
6	Capa da Vogue aos 81, Jane Fonda diz é hora de reconhecerem nosso valor	03/04/2019
7	Giovana Cordeiro publica foto de transição capilar e encoraja fãs	03/04/2019
8	Lena Dunham faz tatuagem com a palavra pela qual mais teme ser chamada	03/04/2019
9	Eu me arrependi de fazer bariátrica. Gosto mais de mim gorda	03/04/2019
10	Aula de funk ensina a rebolar e apimentar vida sexual no Rio; veja vídeo	04/04/2019
11	Artista questiona feminilidade por meio de pinturas vibrantes	05/04/2019
12	Perfil do Instagram exalta beleza de cabelos grisalhos e faz sucesso	05/04/2019
13	Evento promove tatuagem e micropigmentação gratuitas para quem teve câncer	06/04/2019
14	Marca é elogiada por escolher modelo com dobrinhas abdominais	06/04/2019
15	Mulher de 44 anos é confundida com irmã dos filhos. O segredo: Evitar make	07/04/2019
16	Khloe Kardashian ensina amor próprio a filha True Eu sou linda; assista	08/04/2019
17	Marca traz modelo plus size em campanha é acusada de promover obesidade	08/04/2019
18	Quando 46 pode ser bonito, diz Lettícia Munniz de polêmica por lingerie	08/04/2019
19	Manu Gavassi aconselha fã que criticou seu cabelo curtinho; faça terapia	09/04/2019
20	Me sinto amada sendo gorda relatos de quem cansou do padrão de beleza	11/04/2019
21	Não sabia onde comprar um vestido do meu tamanho, relembra Rebel Wilson	11/04/2019
22	Essas mulheres saem, viajam sozinhas e se divertem; veja seus relatos	12/04/2019
23	Mulheres com pelos Não é preciso me esforçar para ser igual a uma boneca	13/04/2019
24	Modelo plus size Tess Holliday revela por que responde os haters com amor	15/04/2019
25	Atriz que viverá Lady Di deixou as passarelas após ser chamada de gorda	16/04/2019
26	Body Neutrality_ como é não gostar do próprio corpo, mas seguir adiante	16/04/2019
27	Kendall Jenner revela que já se sentiu mal por não ter curvas como as irmãs	17/04/2019
28	Nem toda gorda é engraçada é hora de parar de estereotipar essas mulheres	17/04/2019
29	12 situações que só mulheres com peitos grandes vão entender	18/04/2019
30	Reese Witherspoon sobre envelhecimento - Ganhei rugas e cabelos brancos	18/04/2019
31	Glamurosas 28 mulheres gordas se reúnem em SP pra trabalhar autoestima	18/04/2019
32	Thais Carla relembra gordofobia - Disseram que não poderia ser fértil	19/04/2019

33	5 influenciadoras plus size negras que merecem nossas curtidas no Instagram	20/04/2019
34	Parece que estou sofrendo, ironiza a modelo Winnie Harlow sobre vitiligo	20/04/2019
35	Brie Larson Estou confortável em saber que meu corpo vai mudar	22/04/2019
36	Intercâmbio depois dos 40 anos tudo para curtir essa viagem diferente	22/04/2019
37	Anitta brinca sobre plásticas: Ainda preciso de duas horas de maquiagem	23/04/2019
38	Mulheres celebram pelos nas axilas em ensaio recriando a _beleza moderna	23/04/2019
39	Inglesa com alopecia conta como superou perda dos fios cabelo não é tudo	24/04/2019
40	Cantora plus size posa nua, pede lugar no Louvre e ganha elogio de famosas	25/04/2019
41	Debate mostra que aceitar seu corpo não acontece em um passe de mágica	25/04/2019
42	Grazi Massafera Cobrem o que quiserem, não garanto que vou obedecer	25/04/2019
43	Luiza Possi mostra antes e depois, é difícil a gente amar todas as fases	25/04/2019
44	Modelo é agredida após posar com axila não depilada para campanha esportiva	25/04/2019
45	Não tenho vergonha de mostrar as minhas pernas_, afirma Ana Maria Braga	26/04/2019
46	Paolla Oliveira - Estou segura de não estar dentro de determinado padrão	27/04/2019
47	Thais Carla mostra nova lingerie - Eu queria entender por que isso incomoda	27/04/2019
48	Ex top responde a afirmação de que está velha demais para usar bustiê	29/04/2019
49	Unfollow do bem deixar de seguir pessoas no Instagram pode ser bom	29/04/2019
Direitos da Mulher		
50	De trajas espaciais a celulares_ como o mundo é desenhado para homens	01/04/2019
51	Papa admite que se equivocou ao dizer que feminismo é machismo de saia	01/04/2019
52	Coletivo atende gratuitamente vítimas de violência doméstica em 40 cidades	02/04/2019
53	Dia do Autismo. Meninas podem não ser tratadas por falta de diagnóstico	02/04/2019
54	Michelle Williams admite que agora tem salário igual ao dos homens	02/04/2019
55	Viúva de Marielle comemora espaço em Paris com nome da vereadora	02/04/2019
56	38% dos americanos creem que desigualdade salarial não existe, diz pesquisa	03/04/2019
57	Disney é processada por discriminação salarial entre homens e mulheres	03/04/2019
58	Nos Estados Unidos, deputada do Alabama propõe lei que criminaliza o aborto	03/04/2019
59	Marroquina é retida na Síria ao tentar resgatar netos com Estado Islâmico	04/04/2019
60	Mulher tem direito a patrimônio mesmo em separação total de bens; veja mais	04/04/2019
61	Consentimento: preservativo argentino só pode ser aberto por duas pessoas	05/04/2019
62	Mulheres tentam manter ópera e balé vivos no Irã	05/04/2019
63	Cris Vianna reflete sobre não querer ser mãe; Mulher engravida se quiser	08/04/2019
64	A milionária que ajudou passageiros do Titanic e sobreviveu ao naufrágio	09/04/2019
65	Atrizes de Hollywood pedem igualdade de salários para o futebol feminino	09/04/2019
66	Ter filhos é terrível para o salário das mulheres	10/04/2019
67	Ashley Judd relembra aborto - Teria que criar um filho com meu estuprador	11/04/2019
68	Brie Larson pede a mulheres que lutem por salários para 'próximas gerações'	11/04/2019
69	Câmara do DF aprova multa de R\$ 5 mil para condenados na Lei Maria da Penha	11/04/2019

70	Violência doméstica - Câmara aprova indenização por danos morais a vítimas	11/04/2019
71	Bancada feminina é formada; líderes isolam candidata bolsonarista	12/04/2019
72	No Arizona, mãe alega ter sido impedida de amamentar filho em escola	12/04/2019
73	ONU quer mais participação feminina em operações de manutenção de paz	12/04/2019
74	Tratamento de fertilização é negado às mulheres obesas, diz especialista	14/04/2019
75	Naomi Campbell lembra luta por igualdade - Exigia os mesmos salários	15/04/2019
76	Doria anuncia Conselho de Cultura_ dos 26 nomes, 3 são mulheres e 1 é negro	16/04/2019
77	Desigualdade em função de gênero e cor diminui, aponta IDH Municipal	17/04/2019
78	Mulheres da política e do pop são destaque em lista de mais influentes	17/04/2019
79	Já foi presa_ líder do Pussy Riot fala de Bolsonaro e papel da mulher	18/04/2019
80	Mais que atleta_ Serena Williams toca empresa para mulheres empreendedoras	18/04/2019
81	Rede de TV italiana propõe canais divididos por gênero e causa revolta	20/04/2019
82	Gostaria que fosse fantasia. Mas não é, diz atriz de The Handmaid's Tale	21/04/2019
83	Astronauta mulher quebrará recorde de permanência no espaço	22/04/2019
84	Débora Bloch define a relação com sua filha - Sororidade_	23/04/2019
85	Greta Thunberg, a adolescente sueca que está sacudindo a luta ambiental	23/04/2019
86	Laqueadura_ mulheres podem recorrer à Justiça se procedimento for negado	24/04/2019
87	Estados conservadores ampliam pressão para os Estados Unidos proibir aborto	26/04/2019
88	Fundadora diz que Me Too não é um movimento de mulheres	26/04/2019
89	Juíza determina, pela primeira vez, medida protetiva para transexual no PR	26/04/2019
90	Mulher trabalha quase dobro de horas que homem nos afazeres domésticos	26/04/2019
91	Mulheres exigem que responsabilidade da contracepção também seja do homem	26/04/2019
92	Sara Winter no ministério de Damares - Amar mulheres não é ser feminista	26/04/2019
93	Charlize Theron critica apresentador por beijar intérprete sem autorização	27/04/2019
94	Após Nova York, Califórnia decide punir discriminação contra cabelo crespo	28/04/2019
95	Prostituição e violência sexual acirram disputa eleitoral na Espanha	28/04/2019
96	Amal e George Clooney criam app para combater violações de direitos humanos	29/04/2019
97	Diferença salarial entre homens e mulheres diminui pós apartheid	29/04/2019
98	Robert Pattinson afirma que trabalharia de graça por equiparação salarial	29/04/2019
99	Stevie Nicks se torna 1 TM mulher a chegar ao Hall da Fama do Rock duas vezes	29/04/2019
100	Governos rejeitam fala de Bolsonaro e lançam campanha contra turismo sexual	30/04/2019
101	Quais países proibiram véus cobrindo o rosto, além do Sri Lanka_	30/04/2019
Diversidade		
102	Artistas criam "afromojis", emojis com cabelo crespo para homens e mulheres	01/04/2019
103	Elas contam como é o ménage só com mulheres	01/04/2019
104	O "antes e depois" que importa no Dia Internacional da Visibilidade Trans	01/04/2019
105	ONU condena Código Penal do Brunei, que institui morte por apedrejamento	01/04/2019
106	Primeira vítima de homofobia registrada no Brasil foi índio morto em 1614	01/04/2019

107	Prostituição de mulheres trans: mortes e desaparecimentos em esquema em SP	01/04/2019
108	6 frases que mulheres trans não aguentam mais ouvir	02/04/2019
109	Agressão transfóbica em Paris causa indignação e reações da classe política	02/04/2019
110	Escritor detido no Sri Lanka por texto sobre homossexualidade no budismo	02/04/2019
111	Itália realiza primeira união civil entre duas mulheres da Marinha	02/04/2019
112	6 vezes em que Daniela Mercury e Malu Verçosa quebraram preconceitos	03/04/2019
113	Chicago elege Lori Lightfoot, sua primeira prefeita negra e lésbica	03/04/2019
114	Agora tem um guia: veja como se defender juridicamente contra a gordofobia	03/04/2019
115	Candidatos homossexuais não precisam mais se esconder para vencer nos EUA	04/04/2019
116	Diretor prefere atores negros e é acusado de racismo reverso. Isso existe?	04/04/2019
117	Irlandesa doa cestas de presentes para mães de bebês com síndrome de Down	04/04/2019
118	O desabafo da mulher que teve a origem racial escondida pelos pais adotivos	04/04/2019
119	Deslocadas da Nigéria: as mulheres em fuga dentro do seu próprio país	04/04/2019
120	Você ainda vai se decidir: por que sempre duvidam da bissexualidade?	07/04/2019
121	Por que mesmo com acusações de racismo Paula é uma das favoritas do BBB?	07/04/2019
122	A história do único casal lésbico a ter união celebrada na Igreja Católica	08/04/2019
123	Malunguinho sobre deputado que disse ser gay após transfobia: "Não ameniza"	08/04/2019
124	Ator de protagonista gay em "Malhação" é bi: "Já namorei menina e menino"	09/04/2019
125	Forrozeiro LGBT: "Virei cantor porque meu pai me usava para xavecar mulher"	09/04/2019
126	Gay também pode ser machista; falamos com três que saíram deste "armário"	09/04/2019
127	Japão elege pessoa transgênero como legisladora pela primeira vez	09/04/2019
128	Modelo transgênero Nathan Westling pode protagonizar editorial da "Vogue"	09/04/2019
129	Taylor Swift doa R\$ 435 mil para campanha contra leis anti LGBTQ nos EUA	09/04/2019
130	Vídeo: Getúlio Abelha _ Laricado	09/04/2019
131	De dia pedreiro, à noite rainha: drag queen está construindo a própria casa	10/04/2019
132	Deputadas negras barradas por seguranças planejam projeto sobre racismo	10/04/2019
133	Fui forçada a parecer o mais branca possível, relata ex_estrela da Disney	11/04/2019
134	Marsai Martin: "Queríamos que outras jovens negras se identificassem na TV"	11/04/2019
135	"É muito louco ser uma mulher trans com deficiência", revela escritora	11/04/2019
136	Ele é trans: "Sou tratado como golpista porque meu nome não foi atualizado"	12/04/2019
137	Essas mulheres querem mudar as condições de saúde das mães negras nos EUA	12/04/2019
138	Proibição de pessoas trans nas Forças Armadas entra em vigor nos EUA	12/04/2019
139	Sandra Oh: "Eu admirava as atrizes negras porque eram como eu"	12/04/2019
140	Que gay pode passar da dor à glória?	12/04/2019
141	Negro ganhar o BBB é exceção. A norma é ganhar racista, diz pesquisadora	13/04/2019
142	Figurinista sofre ataque por cabelo black power após foto no metrô do RJ	13/04/2019
143	Iza opina sobre representar meninas negras: "Eu tive um impacto grande"	14/04/2019
144	Cultura LGBTI se aprende na escola? Na Universidade Federal de Minas, sim	15/04/2019

145	Jameela Jamil: "Me achavam muito velha, gorda e étnica para Hollywood"	15/04/2019
146	Associações pedem a Toffoli 'urgência' no julgamento sobre homofobia	16/04/2019
147	Quem é o homem que pode ser o 1º presidente gay dos EUA	16/04/2019
148	Menina se defende em "protesto" transfóbico e é expulsa de escola nos EUA	17/04/2019
149	Pessoas trans também querem ir às igrejas: "Os religiosos são perigosos"	17/04/2019
150	Pais contam como revelaram aos filhos que são homossexuais	18/04/2019
151	Racismo ou injúria racial: entenda a diferença entre os dois crimes	18/04/2019
152	Ninguém escapa ao julgamento da História	18/04/2019
153	Papa diz que pessoas que rejeitam homossexuais "não têm coração humano"	19/04/2019
154	Quem é Lachlan Watson, artista não binário que faz homem trans em "Sabrina"	19/04/2019
155	Girl: filme escancara a realidade sobre ser transexual na adolescência	20/04/2019
156	Lulu Santos assina união estável e fala em renascimento após aniversário	20/04/2019
157	Qualquer mulher tem o poder de fazer outra gozar? Os mitos do rolê lésbico	20/04/2019
158	10 expressões racistas que deveríamos tirar do nosso vocabulário	21/04/2019
159	Casais homoafetivos contam histórias de adoção. Spoiler: com final feliz!	21/04/2019
160	Casal gay sofre homofobia ao provar trajes para casamento: "Quero respeito"	22/04/2019
161	Converse lança linha de tênis com temática trans e emociona redes sociais	22/04/2019
162	Em 71 países ser gay é crime; homossexuais podem até ser condenados à morte	22/04/2019
163	Suprema Corte dos EUA examinará discriminação de homossexuais e trans	22/04/2019
164	Ellen Page mostra ensaio artístico com a mulher e faz declaração apaixonada	23/04/2019
165	Pai gay consegue licença igual à maternidade e inspira mudança em empresa	23/04/2019
166	Revista de moda rejeita ensaio com negra e só aceita brancas, diz fotógrafa	23/04/2019
167	Virei mulher depois que minha esposa desenvolveu demência	24/04/2019
168	Ela sofre preconceito por causa da religião: "Amor macumbeiro é quase raro"	24/04/2019
169	Príncipe Harry oferece apoio à organização controversa para crianças trans	24/04/2019
170	Sapatão, bicha, viado: os possíveis motivos para chamarem LGBTs assim	24/04/2019
171	Nada mais anticristo que o fascismo	24/04/2019
172	Brasil não pode ser país do mundo gay; temos famílias, diz Bolsonaro	25/04/2019
173	Vamos até o fim, diz federação que impediu patinadora trans de competir	26/04/2019
174	Homem chora ao encontrar curativo com o seu tom de pele: "Pertencimento"	26/04/2019
175	Quem foi o médico gay que desafiou Hitler ao sair em defesa dos LGBTs?	26/04/2019
176	Questionado por "diversidade", comercial do BB tem mais negros que a média	26/04/2019
177	Vetou patinadora de 11 anos: federação é acusada de transfobia	26/04/2019
178	Thais Carla mostra nova lingerie: "Eu queria entender porque isso incomoda"	27/04/2019
179	Namoro à distância: credo ou que delícia?	27/04/2019
180	Após Nova York, Califórnia decide punir discriminação contra cabelo crespo	28/04/2019
181	5 vezes em que Pablio Vittar foi a drag queen mais pioneira do Brasil	29/04/2019
182	Brasileiros sofrem com ameaças de apedrejamento na Universidade de Lisboa	29/04/2019

183	Cara Delevingne e Ashley Benson rebatem comentário homofóbico no Instagram	29/04/2019
184	Consumidora flagra manipulação de foto para deixar modelo mais escura	29/04/2019
185	Imagem de Marielle Franco na SPFW abre debate sobre violência contra negros	29/04/2019
186	Jeniffer Nascimento: "Eu só entendi o preconceito após assumir o meu black"	29/04/2019
187	Pesquisa aponta para falta de modelos negras na capa da "Vogue"	29/04/2019
188	A dificuldade de sair do armário: lésbicas relatam histórias de dor e afeto	30/04/2019
189	Campanha faz modelo magra esticar roupas plus size e gera revolta nas redes	30/04/2019
190	Cynthia Nixon critica "Sex and the City": "Hoje não teríamos só brancas"	30/04/2019
191	Ex N'Sync, Lance Bass relembra história e aponta avanços para jovens LGBTs	30/04/2019
192	Jovem revela ser gay em discurso de formatura e é ovacionado	30/04/2019
193	Jovens se beijam em protesto contra líder italiano Matteo Salvini; entenda	30/04/2019
194	Bruna Linzmeyer: "Ninguém vai tirar minha alegria de beijar no meio da rua"	05/05/2019
195	Categorias 'pai' e 'mãe' reaparecem em formulário de documentação na Itália	05/05/2019
196	Deputado de fala transfóbica revela ser gay e defende arma contra homofobia	05/05/2019
197	Empresas boicotam Brunei por lei homofóbica	05/05/2019
198	Lollapalooza: 7 artistas do festival que são ícones de causas importantes	05/05/2019
199	Organizações LGBT são recebidas no Vaticano	05/05/2019
Política		
200	Chicago vai as urnas para eleger sua primeira prefeita negra	02/04/2019
201	Deputada Martha Rocha: "Um dia após os tiros, acordei e fiz tudo igual"	02/04/2019
202	Chicago elege Lori Lightfoot, sua primeira prefeita negra e lésbica	03/04/2019
203	Candidatos homossexuais não precisam mais se esconder para vencer nos EUA	04/04/2019
204	Na maior democracia da África, mulheres retrocedem na política	04/04/2019
205	Deputado de fala transfóbica revela ser gay e defende arma contra homofobia	05/04/2019
206	Malunguinho sobre deputado que disse ser gay após transfobia: "Não ameniza"	08/04/2019
207	Deputadas negras barradas por seguranças planejam projeto sobre racismo	10/04/2019
208	Elas podem ser presidente dos EUA: 6 mulheres que querem a cadeira de Trump	10/04/2019
209	Bancada feminina é formada; líderes isolam candidata bolsonarista	12/04/2019
210	Maria do Rosário: "Sou a favor da liberdade de expressão, não do ataque"	12/04/2019
211	Dameres diz ser 'impossível' ministério manter casa da mulher brasileira	16/04/2019
212	Doria anuncia Conselho de Cultura: dos 26 nomes, 3 são mulheres e 1 é negro	16/04/2019
213	Violência doméstica: projeto de Dameres para capacitar salões deixa lacunas	16/04/2019
214	A jovem Tabata Amaral, promessa da centro esquerda no Brasil	23/04/2019
215	Projeto quer fim das cotas para mulheres na política; o que pode mudar?	23/04/2019
216	Trans acusa PSOL de preconceito: "Saí e Ciro me estendeu o tapete vermelho"	23/04/2019
217	Comissão no Senado rejeita fim da cota partidária para mulheres	24/04/2019
218	Amy Poehler sobre Trump: "Ele é tudo que devemos temer na figura masculina"	25/04/2019
219	Izabella Camargo: "Encontrei muita gente que não estava a fim de trabalhar"	26/04/2019

220	Joe Biden responde Trump e defende sua interação com as mulheres	26/04/2019
221	Sara Winter no ministério de Damares: "Amar mulheres não é ser feminista"	26/04/2019
222	Prostituição e violência sexual acirram disputa eleitoral na Espanha	28/04/2019
Violência conta a mulher		
223	A "mãe leoa" que matou homem que estuprou filha e foi perdoada pela Justiça	01/04/2019
224	Polícia de Nova York investiga ilusionista David Blaine por abuso sexual	01/04/2019
225	Prostituição de mulheres trans: mortes e desaparecimentos em esquema em SP	01/04/2019
226	As mulheres que acusam ex vice dos EUA de 'contato físico inapropriado'	02/04/2019
227	Indiana é espancada e tem cabelo raspado pelo marido porque não quis dançar	02/04/2019
228	AI denuncia falta de contundência contra estupro nos países nórdicos	03/04/2019
229	Editora de revista do Vaticano: "Convém manter mulheres servis na Igreja"	03/04/2019
230	Estupro marital: "Meu marido me ameaçou com faca e me violentou por horas"	03/04/2019
231	Juiz afirma que sexo conjugal é "direito fundamental" e causa polêmica	03/04/2019
232	Mulher estrangulada em SP havia denunciado o marido no ano passado	03/04/2019
233	A vítima de violência doméstica condenada à prisão perpétua ao matar marido	04/04/2019
234	Ela ofereceu serviço de babá e foi tratada como prostituta: "Recebi nudes"	04/04/2019
235	Érica Malunguinho pede cassação de deputado do PSL após fala transfóbica	04/04/2019
236	Ele achou que era dono dela, diz irmã de mulher assassinada pelo ex no DF	05/04/2019
237	As adolescentes francesas que se prostituem porque 'é moda'	05/04/2019
238	Atriz de "Westworld" sobre violência sexual: "Senti inutilidade e vergonha"	05/04/2019
239	Câmeras escondidas gravavam procedimentos obstétricos em hospital nos EUA	05/04/2019
240	Ela viveu relacionamento abusivo e dá palestras em escolas sobre violência	06/04/2019
241	Jogador de futebol expõe mulher em vídeo e revolta internautas: "Vagabunda"	06/04/2019
242	Professora é demitida após ter foto de topless espalhada por um aluno	06/04/2019
243	Seis soldados do Exército Britânico são presos acusados de abuso sexual	06/04/2019
244	Ativistas acusam Brexit de aumentar a violência contra prostitutas	07/04/2019
245	Juiz é suspenso após falar que vítima de abuso deveria fechar as pernas	07/04/2019
246	Mulheres sofrem constantes abusos e estupro em fábricas de roupas no Vietnã	07/04/2019
247	A mulher que foi torturada em público pelo marido por se recusar a dançar	08/04/2019
248	Disse que me estupraria: apresentadora sobre perseguição de fã por 6 anos	09/04/2019
249	Bispo indiano é acusado de violentar freira repetidas vezes	09/04/2019
250	Casamento infantil afeta 800 milhões de mulheres na atualidade	10/04/2019
251	Sobreviventes relatam violência sexual generalizada e sistemática na Síria	10/04/2019
252	Violência doméstica: juristas criticam PL que facilita medidas protetivas	10/04/2019
253	6 momentos em que Danilo Gentili ofendeu mulheres com suas "piadas"	11/04/2019
254	Ginecologista investigado por abusar de pacientes desde 2011 é preso em SP	11/04/2019
255	Não queria, mas transei depois de muita insistência. Fui estuprada?	12/04/2019
256	Tirar fotos por baixo de saias se torna crime na Inglaterra e em Gales	12/04/2019

257	Mulher é condenada a 1 ano de prisão por tirar véu em público no Irã	14/04/2019
258	A acusação de estupro que divide a Itália	15/04/2019
259	Medidas protetivas são importantes, mas como poderiam ser mais eficazes?	15/04/2019
260	Veja características mais comuns de relações tóxicas, abusivas e saudáveis	15/04/2019
261	Alagoas: Adolescente diz ter sido estuprada por 2h por suspeito de estupros em série	16/04/2019
262	Fui vítima de pornô de vingança e vivi inferno, até saber lidar com isso	16/04/2019
263	Minha mãe nunca me amou: relatos de filhas das chamadas genitoras tóxicas	16/04/2019
264	Quando é com a gente, é diferente, diz amiga de advogada morta em SC	16/04/2019
265	Damares diz ser 'impossível' ministério manter casa da mulher brasileira	16/04/2019
266	Ex paqueta acusa marido de agressão: "Ele sempre foi contra carreira dela"	16/04/2019
267	No Reino Unido, mídia mudará forma de divulgar casos de violência doméstica	16/04/2019
268	A história da jovem estudante queimada viva por denunciar assédio sexual	18/04/2019
269	Advogada algemada no Rio vai apoiar figurinista alvo de racismo nas redes	18/04/2019
270	Bati, mas não espanquei, diz ex namorado de moça agredida em Bertioga (SP)	18/04/2019
271	Rede Feminista de Juristas é contra mudanças na Lei Maria da Penha; entenda	18/04/2019
272	Pega no laço: por que essa expressão ofende mulheres indígenas	19/04/2019
273	Austrália é o país mais seguro do mundo para mulheres, diz relatório	19/04/2019
274	Irmãs alegam fugir de violência na Arábia Saudita e pedem asilo na Geórgia	19/04/2019
275	Morre Jerrie Cobb, aviadora impedida de ir ao espaço por machismo da Nasa	20/04/2019
276	No DF, metade das vítimas de feminicídio era casada com o agressor	21/04/2019
277	Marielle Franco deve virar nome de jardim em Paris	22/04/2019
278	Paquistanesa se empenha em fazer vítimas de ataque com ácido sorrir de novo	22/04/2019
279	Por que alguns casos de sexo consentido são considerados estupro na Índia?	22/04/2019
280	Ativista iraniana é condenada a 33 anos de prisão por ser contra véu	23/04/2019
281	Técnico de futebol Luigi Pescarolo é demitido após denúncia de assédio	23/04/2019
282	A história oculta do abuso contra atrizes de "Azul é a Cor Mais Quente"	24/04/2019
283	Advogada assassinada no PR sustentava a casa: "Ela tinha pena do marido"	24/04/2019
284	Abortos seletivos são responsáveis por ausência de 23,1 milhões de mulheres	25/04/2019
285	Adolescente morta no MT passou a gravidez com medo do ex, conta mãe	25/04/2019
286	Comissão da Câmara lança plataforma em combate à violência contra a mulher	25/04/2019
287	Estuprada, ela implorou por aborto em São Paulo: "Vontade de me matar"	25/04/2019
288	Mulheres são vítimas de abusos sexuais em troca de comida em Moçambique	26/04/2019
289	Tinha medo de sexo: como recuperar a vida sexual após um estupro?	26/04/2019
290	Luiza Brunet: "Questão econômica prende a mulher a uma relação abusiva"	26/04/2019
291	Tribunal francês propõe testar bracelete contra violência doméstica	26/04/2019
292	Comerciante mata ex mulher e enteado e depois se mata em Tabatinga (SP)	27/04/2019
293	Dossiê: a cada 5 dias uma mulher é vítima de feminicídio no Rio	29/04/2019
294	Executiva da Louis Vuitton é instruída a tolerar assédio por ser "cultural"	29/04/2019

295	Três mulheres são assassinadas na capital paulista no fim de semana	29/04/2019
296	Estudantes de medicina sofrem com assédio sexual na faculdade	30/04/2019
297	Rio tem um estupro a cada duas horas; 70% das vítimas são menores de idade	30/04/2019

Fonte: Elaborado pela autora

Os textos jornalísticos selecionados e apresentados nos quadros passaram por um processo da codificação que consistiu em transformar os dados brutos em unidades, e no desenvolvimento da pesquisa apresentaram descrição e características pertinentes a temática. Para Bardin (2011) a organização dessa codificação se dá pelas seguintes etapas: recorte (escolha das unidades), enumeração (escolha das regras de contagem) e classificação e agregação (escolha das categorias).

O *corpus* foi analisado primeiramente do ponto de vista de quatro aspectos que emergiram durante a leitura do material: origem do texto, autoria, perspectiva de gênero e elementos textuais. A **origem** do texto jornalístico refere-se a origem da produção do conteúdo, se é própria do veículo analisado ou se é de terceiros a partir de uma colaboração, por exemplo.

A **autoria**, diz respeito ao gênero do (a) profissional que produziu o texto, e foi relevante para entender qual o papel das mulheres dentro da produção de informação dentro dos veículos.

A **perspectiva de gênero** analisou os aspectos referentes à adoção de uma linguagem hegemônica ou não hegemônica e quanto as fontes citadas nos textos, foi observado dois fatores: sexo e se a fonte citada era uma pessoa comum ou um (a) especialista.

Em relação aos **elementos textuais**, buscou-se entender de que forma estes elementos poderiam promover engajamento e se eram utilizados de forma a contextualizar o (a) leitor (a) durante a leitura dos textos.

As categorias foram criadas com base no referencial teórico dos estudos de comunicação e gênero (WALSH,2001; RODAL,2015; BOURDIEU,1992; BIROLI, 2018) e foram aplicados ao *corpus* (que contém os textos da editoria americana *In Her Words* e da plataforma Universa.

Após a leitura de cada texto jornalístico selecionado, as amostras foram desmembradas a partir da criação de categorias temáticas que foram designadas para agrupar os textos afins e que apresentassem características em comum de acordo com o tema. Diante do exposto, as categorias criadas para a análise temática foram:

Direitos das mulheres, feminismo e protagonismo

Aborda temas como direitos das mulheres, aborto, ativismo feminismo e todos os temas relacionados ao movimento, liberdade sobre as escolhas, protagonismo feminino

Política

Temas ligados a política, legislação, projetos de lei, decisões políticas sobre diversos assuntos, decisões legais sobre o assunto

Discriminação

Racismo, gordofobia, lgbtqfobia, misoginia, religiosa, declarações pejorativas e preconceituosas.

Autoestima, empoderamento e relacionamentos

Temas relacionados ao reconhecimento do poder e das possibilidades da mulher, temas relacionados a beleza (e todas as variações de cuidados que englobe este tema), sororidade, orgulho LGBTQI+, bodypositive, amor, mulheres inspiradoras

Violências

Violência sexual, assédio, estupro, exploração sexual, violência física, feminicídio

Dicotomia

Diferença salarial, patriarcado, preconceito contra as mulheres, padrões culturais limitantes, carreira, filhos, casamento, divisões de funções, tarefas e direitos com base no gênero

As categorias descritas acima, delimitam os temas abordados pelos veículos em cada texto analisado. Diante disso, o tema LGBTQI+, foi adicionado a categorização apenas com o intuito de alocar os textos, haja visto que houve produção textual dessa temática no *corpus* analisado. Amiúde, os textos citados não foram analisados dentro da perspectiva LGBTQI+, pois não eram objeto de análise, uma vez que na introdução desta pesquisa ficou clara a delimitação do conceito de gênero que seria analisado.

No capítulo seguinte, será exposta a análise do material do *corpus*.

5 ANÁLISE DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS DA *IN HER WORDS* E UNIVERSA

Após o processo de codificação do material que compunha o *corpus*, deu-se início a análise do conteúdo. Para isso, foi feita a leitura dos textos que, concomitantemente tiveram trechos selecionados (codificados) de acordo com o direcionamento tomado para a esta investigação. Sendo assim, os códigos pré-definidos para cada parte da análise estavam contidos dentro dos trechos selecionados nos textos. Importante ressaltar que o que compôs a análise desta pesquisa foram os trechos codificados e a ocorrência dos mesmos nos aspectos e categorias dentro de cada texto jornalístico.

No *corpus*, havia ao todo 365 textos (somando de cada veículo) que foram submetidos às mesmas categorizações, para que dessa forma, pudesse ser evidenciada qualquer reverberação e ou a não reverberação.

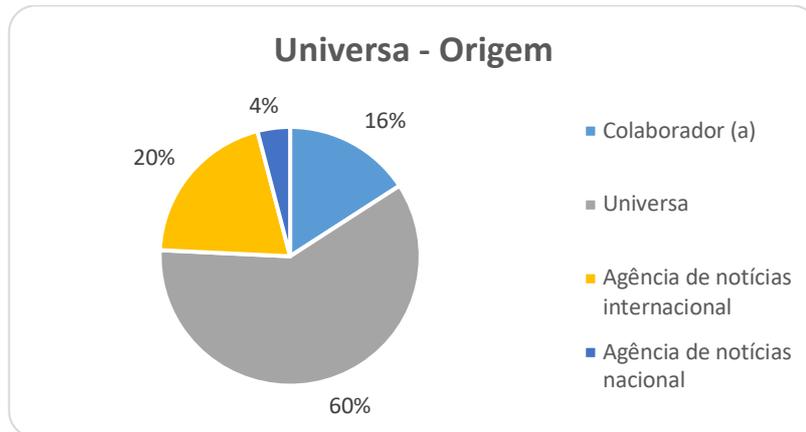
Diante do citado, o material selecionado foi separado em dois conjuntos de textos jornalísticos, sendo eles *In Her Words* e *Universa* e os trechos selecionados e codificados durante a leitura foram alocados nas categorias e aspectos correspondentes, onde puderam ser observados achados que oferecessem substrato para análise.

Como dito na metodologia, inicialmente os textos foram analisados em 4 aspectos (origem, autoria, perspectiva de gênero e elementos textuais) que serviriam de suporte para a análise das categorias. Logo abaixo, serão discriminados os pontos de observância que foram analisados nos textos, bem como a análise dos mesmos.

No que tange à origem dos textos publicados em ambos conjuntos, aferiu-se que 100% dos textos publicados na *In Her Words* eram oriundos daquele editorial, enquanto na plataforma *Universa* (gráfico 1), observou-se que 60% eram originários da plataforma, enquanto 20% do material publicado naquele espaço era oriundo de agências de notícias internacionais, 16% eram de agências de notícias nacionais e 4% de jornalistas colaboradores.

A plataforma *Universa*, no entendimento desta pesquisadora, atuou como um indexador de textos que se referiam a temática proposta por ela no pilar aqui analisado. Vale ressaltar que alguns textos da *Universa* não traziam a identificação da origem da notícia, para isso, foi necessário buscar na internet a origem de alguns textos.

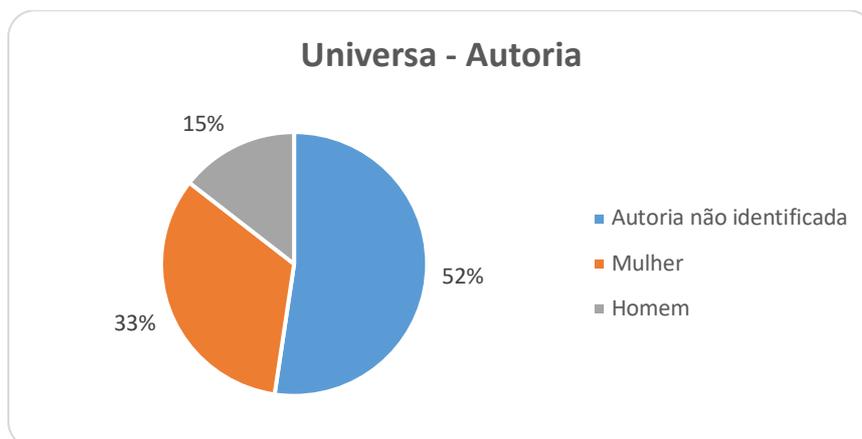
Gráfico 1 - Origem dos textos Universa



Fonte: gráfico produzido pela autora

Em relação à autoria dos textos publicados no editorial americano e na plataforma brasileira, foi possível perceber que houve uma predominância de textos de autoria de jornalistas mulheres. Dentro da *In Her Words*, o percentual foi de 100% dos textos escritos por mulheres e estavam assinados pelas jornalistas responsáveis. Na plataforma Universa (gráfico 2) percebe-se que mais da metade dos textos não traziam a assinatura de um (a) jornalista responsável, totalizando 52% dos textos publicados. É relevante informar que a quantidade de jornalistas mulheres assinando uma notícia foi de 33%, o que é mais do que o dobro de jornalistas homens, que assinaram 15% das matérias naquele espaço.

Gráfico 2 - Autoria dos textos Universa



Fonte: gráfico produzido pela autora

Consonante à análise anterior, cabe uma reflexão, tendo em vista que sendo o título da editoria do NYT "*In Her Words*" é previsível que os textos sejam produzidos por mulheres já

que há um direcionamento expreso para isso, enquanto no pilar Transforma da plataforma Universa os textos não foram produzidos exclusivamente por mulheres, mesmo tendo em vista a proposta da Universa de ser referência de jornalismo e de conteúdo para as mulheres brasileiras.

Após quase um ano de trabalho cuidadoso de pesquisa, testes de conteúdo e estudo de público, nasceu no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, a plataforma Universa. O projeto editorial do UOL, que tem a missão de ser referência de jornalismo e de conteúdo para as mulheres brasileiras, substitui o UOL Estilo. Ao entender que a mulher contemporânea não se enxerga nos conteúdos de massa ditos femininos, que tradicionalmente se restringem a temas como moda, beleza, maternidade e casamento, o Universa traz uma proposta inovadora, que questiona antigos padrões. Assim, a plataforma considera que “todo assunto é assunto de mulher”. “A mudança no debate sobre questões de gênero colocou um enorme desafio para toda a sociedade. Universa é a nossa resposta para esse desafio. Estou orgulhoso de ver o nascimento de uma plataforma para dialogar com essa mulher contemporânea”, diz o diretor de conteúdo do UOL, Rodrigo Flores⁵⁴.

Dito isto, cabe aqui destacar a necessidade de dar crédito ao(a) profissional que escreve as matérias. Nesta pesquisa, que trata do jornalismo na perspectiva de gênero, é relevante para a visibilidade da mulher enquanto pessoa que ocupa e produz em espaços de informação, que elas sejam lembradas por suas produções. Quando não há menção ao nome do(a) profissional em uma matéria, tal situação entra em consonância com a afirmação de Rodal (2015) de que o que não é nomeado não é lembrado, o que pode produzir invisibilidade das mulheres nos espaços que elas já estão ocupando.

Chaher (2010) afirma que fazer jornalismo com perspectiva de gênero, é olhar para a realidade com novas lentes, lançando luz sobre o que estava oculto e dessa forma, corporificar e fazer existir e legitimar essa perspectiva por meio da poderosa amplificação da mídia.

Em consonante, lançando luz acerca da importância da comunicação com perspectiva de gênero, Rodal (2015) cita que uma linguagem patriarcal e sexista, travestida de informação reforça tais padrões na sociedade, fomentando a propagação de estereótipos sociais e culturais, buscou-se observar tais padrões para selecionar os trechos que indicassem a perpetuação da linguagem citada nos textos analisados.

Para isso, foram observados pontos de tensão dentro da dicotomia proposta por Walsh (2001) a fim de identificar e pontuar trechos que contivessem reforço de estereótipos, vitimização e revitimização da mulher e exposição da figura mulher a preconceitos e crenças

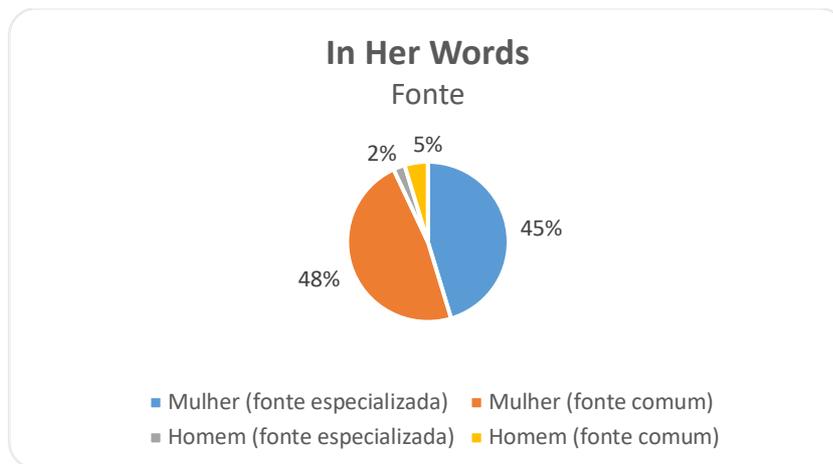
⁵⁴ Disponível em: [<https://blog.publicidade.uol.com.br/2018/03/14/universa-nasce-como-plataforma-de-referencia-para-a-mulher-contemporanea/>]. Acesso em: 08 nov. de 2020.

limitantes, além de analisar a qualidade das fontes de notícia que eram dispostas nos textos publicados.

Durante a análise do material, no que se refere à perspectiva de gênero, os aspectos referentes às fontes e às linguagens foram analisados de forma conjunta e expostas em gráficos separados para que haja uma melhor percepção dos percentuais em cada veículo. É relevante citar que, as fontes foram codificadas de acordo com o número de aparição dentro de cada texto jornalístico, não sendo uma mesma fonte codificada duas vezes. Logo, em um texto poderia haver mais de uma fonte diferente, sendo elas de ambos os sexos ou de apenas um e sendo ainda classificadas como uma fonte especializada ou comum.

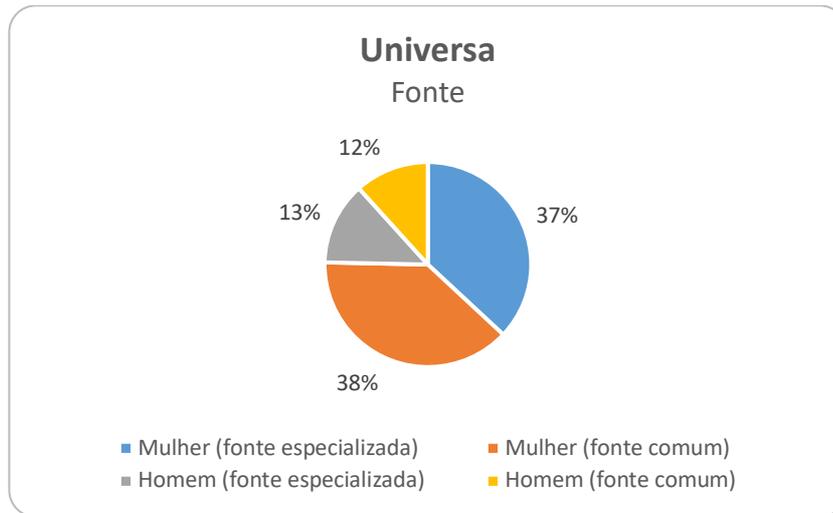
No tocante à linguagem, foi codificada a linguagem correspondente à abrangência dentro de cada texto, não sendo possível assim, que um texto pertencesse concomitantemente aos dois aspectos de análise, linguagem hegemônica e linguagem não hegemônica. Os gráficos 3 e 4 apresentam os percentuais referentes à análise em questão.

Gráfico 3 - Perspectiva de gênero (fontes) In Her Words



Fonte: gráfico produzido pela autora

Gráfico 4 - Perspectiva de gênero (fontes) Universa



Fonte: Gráficos produzidos pela autora

Após a exposição dos gráficos, na editoria americana (gráfico 3) é possível perceber que quando se direciona o olhar no sentido das fontes utilizadas nos textos jornalísticos, as mulheres ocupam a grande maioria das publicações da *In Her Words*, sendo distribuídas da seguinte maneira: mulher como fonte comum 48% e mulher como fonte especializada 45%. Os homens como fonte, ocupam um percentual de 5% para fontes comuns e 2% para fontes especializadas.

Ao debruçarmo-nos sobre o gráfico 4, é perceptível que o veículo em questão também utiliza em sua grande maioria, as mulheres como fonte dos textos jornalísticos veiculados naquele local, sendo os percentuais apresentados da seguinte forma: 38% dos textos apresentam mulheres como fontes comuns e 37% de mulheres como fontes especializadas. Os homens aparecem nos textos jornalísticos no percentual de 13% como fontes especializadas e 12% como fonte comum.

No que diz respeito às fontes, levando em consideração o jornalismo na perspectiva de gênero, Chaher (2010) aponta que

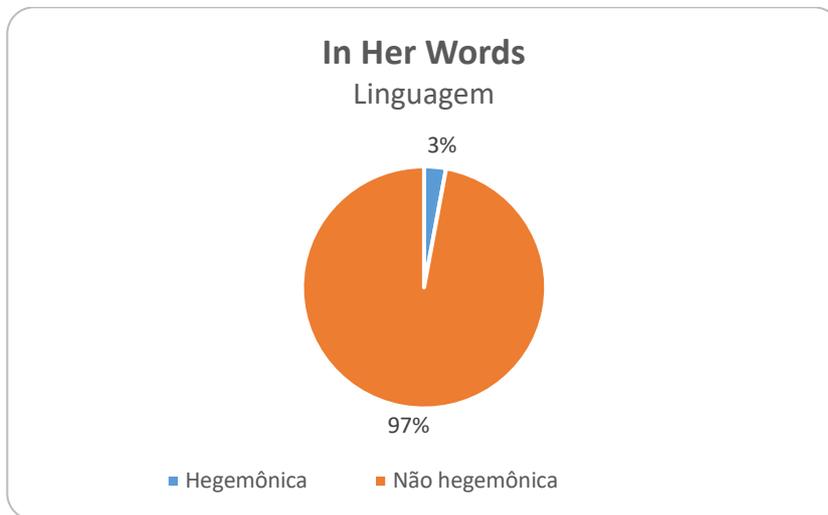
O exercício do jornalismo com perspectiva de gênero também requer um tratamento específico das fontes. Por outro lado, qualquer jornalista - e não apenas aquele que se especializou no assunto - deve começar a considerar a representação por gênero como fonte das histórias. Se uma pessoa que é especialista em um assunto deve ser consultada, e há homens e mulheres para escolher, selecione um e outro igualmente (muitas vezes é considerado - embora agora menos do que antes - que um homem será um profissional melhor do que um colega do sexo oposto), e levar em conta, do ponto de vista de gênero, a importância de promover a mulher como especialista ou portavoz de forma a reverter sua baixa presença na mídia. Ao mesmo tempo, as vozes das mulheres devem começar a estar mais presentes nas notas em todos os tipos de papéis. Ocorre que mesmo nas anotações sobre as questões de gênero, os homens são os consultados como vítimas (podem ser parentes da vítima ou protagonistas indiretos

da situação), embora existam mulheres participantes que poderiam ter prestado seus depoimentos.⁵⁵ (CHAHER, 2010, p.134) Tradução nossa

Destarte, em ambos os veículos se observaram que houve a busca e a prevalência de fontes do sexo feminino, tanto entre as fontes especializadas como entre as fontes comuns. A maior presença das mulheres entre as fontes pode denotar uma possível mudança na forma de fazer o jornalismo dentro destes dois espaços aqui analisados.

Nos gráficos 5 e 6 serão apresentadas as análises referentes à linguagem utilizadas nos textos produzidos pelos veículos.

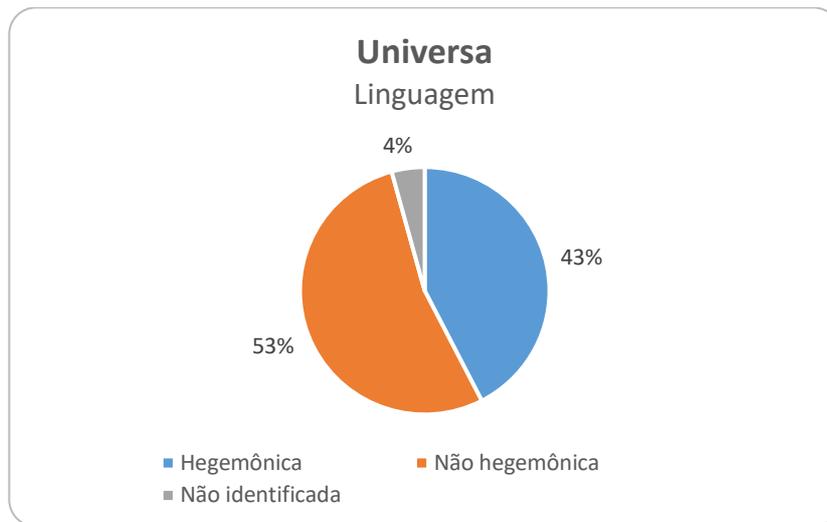
Gráfico 5 - Perspectiva de gênero (linguagem) In Her Words



Fonte: gráfico produzido pela autora

⁵⁵ El ejercicio de un periodismo con enfoque de género requiere también de un tratamiento específico de las fuentes. Por un lado, cualquier periodista –y no sólo quienes se especialicen en el tema- deberían comenzar a considerar la representación por género como fuente de las notas. Si se debe consultar a una persona experta en un tema, y existen tanto mujeres como varones para elegir, seleccionar a unos y otros por igual (muchas veces se considera –aunque ahora menos que antes- que un varón será mejor profesional que una colega del sexo opuesto), y tener en cuenta, desde un punto de vista de género, la importancia de promover a las mujeres como expertas o voceras de tal forma de revertir su poca presencia en los medios. A la vez, las voces de las mujeres deberían comenzar a estar más presentes en las notas en todo tipo de roles. Sucede que incluso en notas sobre temas de género, son varones los consultados como damnificados (pueden ser familiares de la víctima o protagonistas indirectos de la situación), aunque haya mujeres partícipes que podrían haber dado sus testimonios.

Gráfico 6 - Perspectiva de gênero (linguagem) Universa



Fonte: gráficos produzidos pela autora

Consonante aos gráficos produzidos para expor os percentuais referentes às linguagens encontradas nos textos jornalísticos, o gráfico 5 ilustra a utilização de linguagem não hegemônica em 97% dos textos produzidos pela *In Her Words*, enquanto apenas 3% dos textos apresentam linguagem hegemônica. Pode-se afirmar então, que na maioria dos textos não houve reforço de padrões e crenças limitantes, não houve exposição da vítima por meio de fotos, não houve vitimização e ou revitimização de mulheres.

No gráfico 6, foi ilustrada a análise da plataforma Universa, no tocante das linguagens. Diante dos números, percebeu-se que ainda existe um hiato entre a produção a qual a plataforma se propunha a fazer, onde se percebe que do total de produções textuais 53% apresentam características de linguagem não hegemônica, 43% apresentam características de linguagem não hegemônica e 4% dos textos jornalísticos não foram identificados conforme as linguagens analisadas previamente.

Foi observado no material da Universa, trechos de linguagem hegemônica em grande parte dos textos, mas, principalmente naqueles que tratavam de violência, devido à presença de trechos de culpabilização da mulher, revitimização e exposição da mulher que sofreu violência (por meio de foto) e ou de estereótipos, assim como em alguns momentos, a justificação de atos violentos praticados por homens.

O público constrói os sentidos, ressignificando e trocando todas as mensagens e produtos que circulam no espaço cultural e não apenas com os conteúdos e visões que a mídia proporciona sobre a realidade. Uma mudança de perspectiva sobre o tema tem impacto para que a violência contra a mulher, em suas diferentes manifestações, seja incluída na agenda da mídia; a novidade e a atualidade, como fatores de notícia, não

explicam essa inserção. Tão importante quanto a visibilidade da violência de gênero, a partir de sua inclusão na agenda da mídia, é a forma como é abordada e explicada. Estudiosas feministas defendem que a cobertura da violência contra a mulher não pode ser separada da cobertura feita por um mundo de representações a partir da diferença entre homens e mulheres. A produção discursiva não é simplesmente o relato neutro e objetivo dos eventos, mas uma reconstrução ou representação rotineira de certos aspectos ou esferas do mundo social em que se destacam os meios de comunicação das mulheres em geral.⁵⁶ (BARCAGLIONI, 2010, p.148) Tradução nossa

Por mais que a plataforma *Universa* não corrobore com as situações acima delineadas, o reforço delas, em matérias publicadas em um espaço que potencialmente é dedicado a combater a exclusão da mulher da mídia e oferecer às mulheres um espaço de representatividade, não deveria permitir que tais situações fossem ali veiculadas. Em contraponto, a editoria *In Her Words*, quando tratou de temas relacionados a violências contra as mulheres, não publicou fotos das mulheres envolvidas, não justificou os atos dos acusados contra as vítimas e também buscou não revitimizar a mulher.

É válido ressaltar que, o fato de a porcentagem de linguagem sem características hegemônicas ter aparecido em ambos os veículos, não atesta que ambos fazem de fato jornalismo na perspectiva de gênero, mas, aponta que os veículos têm buscado maneiras de fazê-lo. Para aferir se os veículos fazem de fato jornalismo na perspectiva de gênero, é necessário uma análise mais aprofundada neste ponto especificamente, buscando pelas pessoas da notícia, fontes, características de linguagem não hegemônica, que apresente textos livres de estereótipos e que não reproduzam violência de gênero.

É relevante também, traçar um paralelo entre o conjunto de textos, principalmente no que diz respeito a linguagem não hegemônica. A *In Her Words* apresentou 97% dos textos com linguagem não hegemônica e a plataforma *Universa* apenas 53%. No entanto, vale ressaltar que grande parte do conteúdo veiculado pela editoria americana era referente à dicotomia, o que por si só já oferece questionamentos inerentes à perspectiva de gênero. Não que isso justifique o percentual de linguagem com características não hegemônicas encontrado nos textos da

⁵⁶ Las audiencias construyen los sentidos, resignificando e intercambiando todos los mensajes y productos que circulan en el espacio cultural y no sólo con los contenidos y visiones que sobre la realidad aportan los medios. Un cambio de mirada sobre el tema incide para que la violencia contra las mujeres, en sus diferentes manifestaciones, se incluya en la agenda de los medios; la novedad y la actualidad, como factores de noticias, no explican esta inserción. Tan importante como la visibilización de la violencia de género, a partir de su inclusión en la agenda mediática, es la manera como se la aborda y explica. Las académicas feministas plantean que la cobertura de la violencia contra mujeres no puede separarse de la cobertura que hacen un mundo de representaciones sobre la base de la diferencia entre hombres y mujeres. La producción discursiva no es simplemente el relato neutral y objetivo de los hechos sino una reconstrucción o representación rutinaria de determinados aspectos o esferas del mundo social en la cual destacan y los medios de las mujeres en general.

Universa, tendo como parâmetro a quantidade de material colhido em cada editoria.

Um ponto interessante a ser considerado, a editoria americana trazia em grande parte dos textos uma referência a como o jornal NYT tratava determinado assunto em edições dos anos 50, 60, 70 e etc. Foi auspicioso colocar ali naquele espaço, a reflexão crítica ou não, acerca do que foi e como foi notícia no jornal em décadas anteriores.

Ainda no tocante da linguagem, Cuba (2018) afirma que os movimentos feministas, em uma tomada de consciência, buscam maneiras promover a linguagem como uma prática social, intrínseca a uma luta de poderes, este movimento pode ser entendido como perspectiva e ou fenômeno glotopolítico. Em consonância, Del Valle (2018) reforça que “a defesa da linguagem inclusiva⁵⁷ é uma das muitas estratégias dos movimentos feministas na luta contra as formas de organizações sociais que privilegiam os homens.”

Del Valle (2020) reforça a importância da linguagem como ferramenta de inclusão, e também faz uso da perspectiva do glotopolítico para justificar a necessidade de uma mudança.

Portanto, do ponto de vista glotopolítico, a quebra ou alteração da norma não se explica como ignorância gramatical, mas como visibilidade de uma posição social e como potencial construção e manifestação de sujeitos políticos. Esses momentos de transgressão linguística, em suma, são aqueles que desvelam a condição política - socialmente situada e ligada a interesses específicos - da norma transgredida e desmascaram a ideologia política que, por trás do véu de naturalidade com que recobre a norma que guarda, ele se beneficia de sua reprodução acrítica.⁵⁸ (DEL VALLE, 2020) Tradução nossa

Apesar de não ter sido analisada a linguagem inclusiva nesta pesquisa, reforça-se a relevância da proposição desta mudança capitaneada pelos movimentos feministas, do ponto de vista da inclusão e da representatividade das mulheres nos espaços sociais, políticos e bem como no que tange aos aspectos sociolinguísticos.

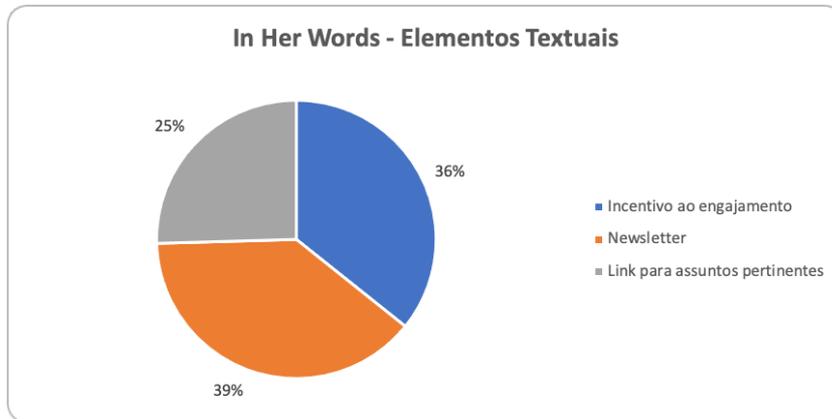
Quanto a análise dos elementos textuais, no gráfico 7, a *In Her Words* apresentou-se mais empenhada em criar engajamento com o público. Cerca de 36% dos textos continham uma chamada para interação, abrindo possibilidade de contato do(a) leitor(a) com as jornalistas. Em 39% dos textos houve a presença de chamada para assinatura do newsletter e em 25% havia a

⁵⁷ Linguagem que utiliza majoritariamente substantivos masculinos, que promove hegemonização masculina e o apagamento das mulheres dentro dos textos. Consequentemente, dos espaços sociais, políticos e linguísticos.

⁵⁸ Por ello, desde una perspectiva glotopolítica, el incumplimiento o alteración de la norma no se explica como ignorancia gramatical sino como visibilización de una posición social y como potencial construcción y manifestación de sujetos políticos. Esos momentos de transgresión lingüística, en definitiva, son los que destapan la condición política —socialmente situada y ligada a intereses concretos— de la norma transgredida y desmascaran a la ideología política que, tras el velo de naturalidad con que cubre la norma que custodia, se beneficia de su reproducción acrítica⁵⁸.

presença de textos pertinentes ao assunto que estava sendo tratado pela autora, a fim de proporcionar contextualização ao público.

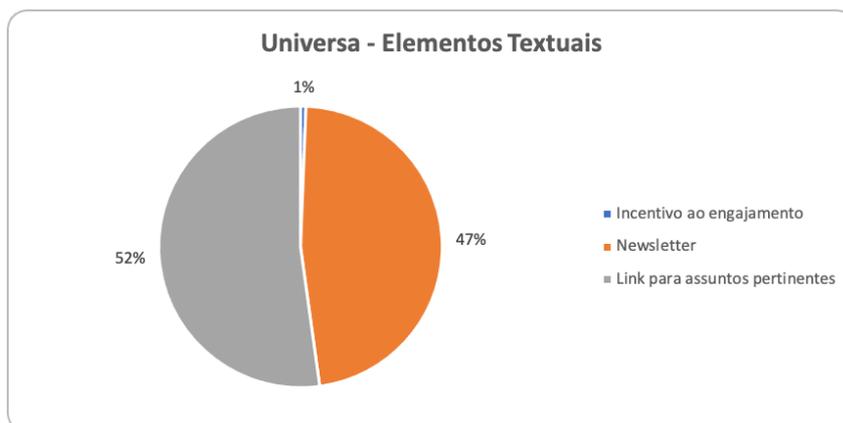
Gráfico 7 - Elementos textuais In Her Words



Fonte: Gráfico produzido pela autora

Na plataforma Universa (gráfico 8) os elementos textuais apareceram da seguinte forma: 1% dos textos traziam incentivo ao engajamento, 47% deles trouxeram uma chamada para a assinatura do newsletter e 52% dos textos apresentavam links para assuntos pertinentes, que poderiam apoiar o público na contextualização.

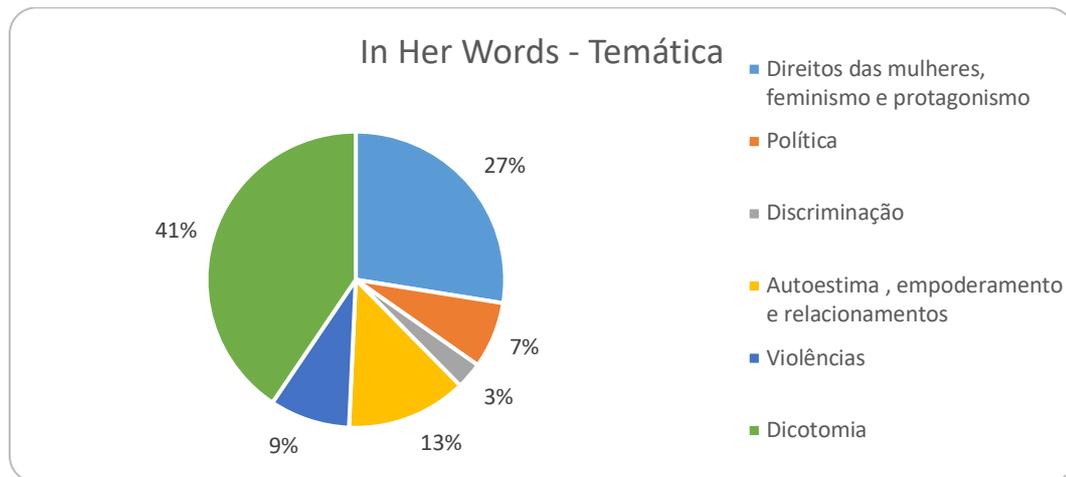
Gráfico 8 - Elementos textuais Universa



Fonte: Gráfico produzido pela autora

Adiante, nos gráficos 9 e 10, serão disponibilizados os percentuais referentes à análise das categorias temáticas observadas em cada conjunto de textos.

Gráfico 9 - Categoria temática In Her Words



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

No que tange à temática dos textos, a *In Her Words* é composta em sua grande maioria por temas relacionados à dicotomia público – privado, com textos acerca de diferenças salariais, de crenças limitantes ligadas às mulheres e à mulher ocupando espaços públicos ditos masculinistas. Seguido de 27% dos textos abordando assuntos referentes aos direitos das mulheres, feminismo e protagonismo de mulheres. Autoestima, empoderamento e relacionamentos compôs 13% dos textos, sobre violências foram 9% dos textos, política abrangeu 7% e discriminação totalizou 3%.

Os percentuais acima, demonstram a preocupação sociopolítica da editoria, empenhada em oferecer textos de conteúdo questionador no que se refere às divisões pré-estabelecidas socialmente pela estrutura patriarcal. Fazer jornalismo com perspectiva de gênero, é também questionar os padrões limitantes.

Para que seja possível visualizar o tipo de comunicação proposta pelo veículo, será colocado um fragmento de notícia referente a cada temática categorizada na editoria. No texto publicado no dia 9 de agosto de 2018, sob o título *Rebel Women Are Coming to a Public Monument Near You*, a jornalista Maya Salam apresenta um olhar questionador sobre a não representatividade das mulheres como figuras históricas. A autora alega que existem 5.200 estátuas públicas representando figuras históricas, e menos de 400 dessas figuras são mulheres. Cita ainda, que durante uma exposição no Museu da Cidade de Nova York, chamada Mulheres Rebeldes, pouco sabia sobre algumas das mulheres que lá estavam representadas. A seguir destacamos trecho selecionado do texto enquadrado na categoria dicotomia.

Essas mulheres buscaram o que muitas mulheres procuram hoje: status profissional, igualdade racial e social e liberdade sexual. Eles eram o meu tipo de pessoa! Então, como foi possível que eu não tivesse ouvido falar de pelo menos metade deles? "Você

não está sozinho", disse Alicia Glen, a vice-prefeita de Nova York, enquanto caminhávamos pela exposição. "Temos que ter representação física", explicou ela, para ajudar a preencher a lacuna em nossa memória coletiva.⁵⁹ (SALAM, 2018a) Tradução nossa

O texto oferece ao público leitor, a possibilidade de conhecer um pouco a respeito das mulheres que estavam na exposição citada pela autora, e abre reflexões sobre o motivo pelo qual muitas mulheres ainda não estão sendo representadas como figuras históricas. O apagamento das mulheres, seja ele da história ou das notícias, é algo que se propagado, normaliza-se. Dito isso, cabe ressaltar a importância de falar a respeito das diferenças e romper as crenças limitantes que distanciam as mulheres de ocuparem os seus lugares na história e na sociedade.

Na temática dos Direitos das Mulheres, a editoria *In Her Words* buscou apresentar textos que trouxessem pertencimento para as(os) leitoras(es), partindo do pressuposto de que é sempre possível estar mais bem informada a respeito dos direitos das mulheres. No texto *What Is the Equal Rights Amendment, and Why Are We Talking About it now?* a jornalista Maya Salam se aproxima do público leitor para dizer que também não sabe tudo sobre o tema e que sempre é tempo para as mulheres aprenderem sobre os seus direitos.

Você entende a Emenda de Direitos Iguais? Essa tem sido a minha pergunta preferida na festa ultimamente e, para minha surpresa, a maioria das pessoas não se desculpa educadamente para reabastecer quando perguntada. As respostas mais comuns que ouvi, especialmente de mulheres da minha idade, foram: "Já não temos isso?" ou "Isso foi coisa dos anos 70, certo?" Na verdade, não o tínhamos - e não era apenas uma coisa dos anos 70. E, no entanto, até recentemente, eu também não tinha ideia do que era. (Sinto muito às minhas amigas feministas, jovens e velhas, que certamente estão horrorizadas com essa lacuna no conhecimento. O capítulo estava ausente de meus livros de história, sem surpresa.) Então, perguntei a dois líderes E.R.A. advogados, Carol Jenkins e Carol Robles-Román, para explicar o que é a Emenda de Direitos Iguais e por que estamos falando sobre ela.⁶⁰ (SALAM, 2019a) Tradução nossa

É relevante para a percepção da mulher e para a percepção social do que é a promoção de espaços igualitários, que os espaços públicos sejam preenchidos também por figuras

⁵⁹ These women sought what many women today seek: professional status, racial and social equality, and sexual freedom. They were my kind of people! So how was it possible that I hadn't heard of at least half of them? "You're not alone," Alicia Glen, the deputy mayor of New York, said to me as we walked through the exhibit. "We have to have physical representation," she explained, to help fill the gap in our collective memory.

⁶⁰ Do you understand the Equal Rights Amendment? That's been my go-to party question lately, and to my surprise, most people don't politely excuse themselves for a refill when asked. The most common responses I've heard, especially from women my age, were to the effect of: "Don't we already have that?" or "That was a '70s thing, right?" In fact, we don't have it — and it wasn't just a '70s thing. And yet until recently, I too had little idea what it was. (Sorry to my feminist friends, young and old, who are surely horrified by this gap in knowledge. The chapter was unsurprisingly absent from my history books.) So I asked two leading E.R.A. advocates, Carol Jenkins and Carol Robles-Román, to explain what the Equal Rights Amendment is and why we're talking about it.

femininas que tiveram papéis importantes para a sociedade como um todo. As mulheres precisam conhecer a história de outra perspectiva, como sendo a própria mulher a escritora e narradora de seus fatos.

Na temática ligada à autoestima, a *In Her Words* publicou no dia 11 de outubro de 2018 o texto *What 18 Looks Like Around the World — Through Girls’ Eyes*, que promove um vislumbre acerca dos 18 anos de várias meninas ao redor do mundo, e como cada uma, a seu modo percebe a si e ao mundo. Exercitando o olhar e o empoderar-se.

Hoje lançamos “This Is 18”, um projeto para capturar como é a vida de meninas que completam 18 anos em 2018 em oceanos e culturas - no México e Mississippi, Ramallah e Rússia, Bangladesh e no Bronx. Como muitas de nós, as meninas apresentadas neste projeto - mulheres jovens - estão descobrindo quem são e quem querem ser.⁶¹ (BENNETT, 2018a) Tradução nossa

O desenvolver nas mulheres, o hábito de se olharem e se perceberem enquanto indivíduos capazes e hábeis para adentrar os espaços, começa quando há o fortalecimento da imagem que essas mulheres têm de si mesmas. A força e a vontade de fazerem parte história que também é feita por elas. A beleza em si, está também no empoderar-se.

Quando analisada a temática violências, foi percebido que muitos casos eram relacionados a assédios e que não houve fotos de vítimas e nem tampouco exposição da mulher em relatos feitos pelas jornalistas. Não foram encontrados nos textos, casos de agressão e ou feminicídio. No dia 11 de maio de 2018 o texto *5 Stories of Sex and Consent on Campus*, trazia uma série de relatos, como o que será disposto abaixo.

“Ele parecia não saber o que a palavra 'consentimento' significa”. Essa é uma das citações que me chamou a atenção de um artigo condenatório publicado pela *The New Yorker* na segunda-feira. Quatro ex-namoradas do procurador-geral de Nova York, Eric Schneiderman, acusaram-no de abuso sexual, descrevendo em detalhes assustadores como Schneiderman as esbofeteou e as estrangulou, às vezes durante o sexo, e abusou delas verbal e emocionalmente. Ele renunciou três horas após a publicação da história.⁶² (BENNETT, 2018) Tradução nossa

No trecho acima, percebe-se que a jornalista adota um tom mais crítico para abordar

⁶¹ Today we launched “This Is 18,” a project to capture what life is like for girls turning 18 in 2018 across oceans and cultures — in Mexico and Mississippi, Ramallah and Russia, Bangladesh and the Bronx. Like many of us, the girls featured in this project — young women — are figuring out who they are, and who they want to be.

⁶² “He seemed not to know what the word ‘consent’ means”. That’s one of the quotes that jumped out at me from a damning article published by *The New Yorker* on Monday. Four former girlfriends of New York Attorney General Eric Schneiderman accused him of sexual abuse, describing in chilling detail how Mr. Schneiderman slapped them and choked them, sometimes during sex, and verbally and emotionally abused them. He resigned three hours after the story was published.

uma situação que foi exposta por outro veículo e propõe aos leitores(as) uma reflexão acerca do termo consentimento, ao trazer parte do relato de uma das vítimas para o texto publicado na *In Her Words*. É relevante que a profissional que se proponha a fazer jornalismo na perspectiva de gênero, promova o estranhamento a situações como a descrita acima, questionando e fomentando o debate público sobre os limites legais e sobre os direitos das mulheres.

Na temática política, o texto *A Record 117 Women Won Office, Reshaping America's Leadership*, publicado em 7 de novembro de 2018 falava a respeito do recorde de mulheres eleitas.

O recorde de 117 mulheres ganhou as eleições nos Estados Unidos na terça-feira, trocando cadeiras e assumindo nomes. Os eleitores, que votaram de forma importante, entregaram coletivamente o controle da Câmara dos Representantes aos democratas, e 17 das 27 cadeiras que conquistaram até agora serão ocupadas por mulheres. Os republicanos fortaleceram sua maioria no Senado, ganhando duas cadeiras, uma das quais foi para Marsha Blackburn, que será a primeira senadora do Tennessee.
⁶³(SALAM, 2018b) Tradução nossa

A relevância de temas e de jornalistas que tratem com perspectiva de gênero as ocasiões em que as mulheres adentrem aos espaços públicos, esteve sempre presente nos textos publicados pela *In Her Words*. Mais do que conseguir ocupar os espaços de poder, é necessário que se institucionalize e se normalize situações assim e que sempre sejam promovidos debates sobre a necessidade de cada vez mais mulheres fazerem parte de espaços nos quais o poder de decisão seja permeado por uma visão masculinista.

Na temática referente à discriminação, o texto *Trolls Tried to Sink 'Captain Marvel.' She Triumphed*, publicado no dia 15 de março de 2019 e no qual é possível perceber o preconceito, discriminação e misoginia promovido por um grupo de pessoas que buscou “derrubar” a classificação do filme da Marvel, no qual a heroína capitã Marvel é a protagonista.

Os trolls tentaram torpedear o novo filme "Capitão Marvel" - mas no final, a shero Carol Danvers (que é o Capitão Marvel nos quadrinhos desde 2012) prevaleceu. O filme ultrapassou US \$ 500 milhões em vendas de ingressos na primeira semana. ICYMI: Poucas horas após o lançamento do filme em 8 de março (Dia Internacional da Mulher), no que parecia ser um esforço concentrado, cerca de 58.000 críticas online de “Capitão Marvel” baixaram sua classificação no Rotten Tomatoes - deixando o filme com uma pontuação péssima de cerca de 30 por cento. O Rotten Tomatoes resolveu o problema naquela tarde, removendo cerca de 50.000 das críticas, que o site disse terem sido escritas antes do filme ser lançado. Entre outras medidas, o site

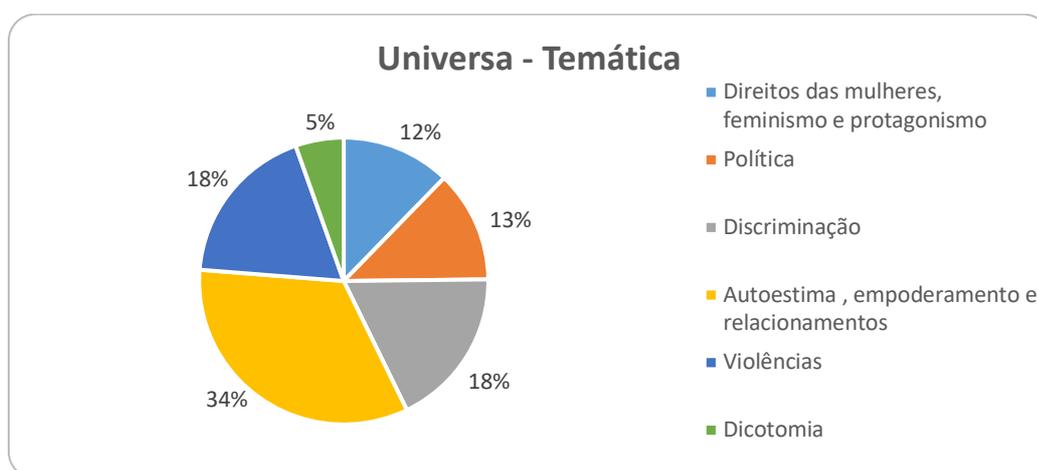
⁶³ record 117 women won elections across the United States on Tuesday, flipping seats and taking names. Voters, who turned out in a major way, collectively gave control of the House of Representatives to Democrats, and 17 of the 27 seats they've gained so far will be filled by women. Republicans strengthened their majority in the Senate, gaining two seats, one of which went to Marsha Blackburn, who will be Tennessee's first female senator.

eliminou rapidamente as avaliações de público de pré-lançamento. ⁶⁴(SALAM, 2019b) Tradução nossa

Foi percebido no texto, a busca por questionar os padrões patriarcais, ao evidenciar por meio da publicação a tentativa frustrada de um grupo, em prejudicar a estreia de um filme de uma heroína. Cabe aqui ressaltar, que a jornalista Maya Salam ainda publicou a palavra *SHERO* para se referir da atriz que interpreta a capitã Marvel nos cinemas desde o ano de 2012, em uma clara tentativa de reproduzir uma linguagem inclusiva.

No gráfico 12, serão apresentadas as temáticas e a divisão delas dentro da plataforma Universa.

Gráfico 10 - Categoria temática Plataforma Universa



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A Universa apresenta 34% de textos que abordam autoestima, empoderamento e relacionamentos. Seguido de violências com 18% dos textos codificados e também 18% em discriminação. Política é referente a 13% dos textos, direitos das mulheres, feminismo e protagonismo são observados em 12% e a temática dicotomia foi referente a 5% dos textos analisados.

Da mesma forma que foi feito na análise da editoria *In Her Words*, para que seja possível visualizar o tipo de comunicação proposta, serão colocados nesta pesquisa, um fragmento de

⁶⁴ Trolls tried to torpedo the new “Captain Marvel” movie — but in the end, the **shero** Carol Danvers (who’s been Captain Marvel in the comic books since 2012) prevailed. The film sailed past \$500 million in ticket sales in its first week. ICYMI: Within hours of the movie’s release on March 8 (International Women’s Day), in what appeared to be a concerted effort, some 58,000 online reviews of “Captain Marvel” had tanked its rating on Rotten Tomatoes — leaving the film with an abysmal score of around 30 percent. Rotten Tomatoes fixed the problem by that afternoon, removing about 50,000 of the reviews, which the site said had been written before the film was released. Among other measures, the site swiftly eliminated prerelease audience reviews altogether.

notícia referente a cada categoria publicada pela Universa. O texto selecionado abaixo foi retirado da categoria Autoestima, sem autoria identificada, a matéria “Assim como Samara Felippo, estas famosas não ligam para barriga” traz para o público leitor a percepção de várias mulheres famosas sobre o que é ser bonita e entre uma das mulheres citadas na matéria, aparece a opinião da brasileira Preta Gil.

Minhas fotos de biquíni causam um misto de sentimentos nas pessoas, e por isso mesmo as posto. Precisamos de uma vez por todas nos livrar de antigos padrões que nos eram impostos, eu não posso e não quero ser prisioneira da minha forma física, sim eu tenho celulite, sim eu tenho estria e isso não vai mudar, e não vou me esconder com vergonha. Deveria ser normal eu postar uma foto de biquíni, não deveria causar tanto rebuliço. Mas pra que isso aconteça precisamos ajudar umas às outras. Precisamos nos reeducar. Então com toda minha vivência eu te digo, se liberte, a vida é preciosa e curta demais para nos escondermos!! #tbtdapreta PS: estou saudável isso sim importa”, escreveu (ASSIM..., 2019)

O depoimento acima, pode causar sensação de pertencimento, acolher e até mesmo fazer com que muitas mulheres que sofrem por cobranças acerca de sua aparência, percebam que todas as pessoas são diferentes, e que é normal não atender às expectativas dos padrões normalizados socialmente.

Na temática de violência, praticamente todas as matérias trouxeram características de linguagem hegemônica, muitas por praticarem violência de gênero. Uma matéria publicada pela Universa, sob o título “Indiana é espancada e tem cabelo raspado pelo marido porque não quis dançar”, no próprio título já é possível perceber a violência de gênero. O texto, sem autoria identificada, justifica a violência do marido, colocando a culpa das agressões na mulher que não quis dançar. No restante da matéria, há a exposição da imagem da vítima com a cabeça raspada e a revitimização da mulher por meio de descrições detalhadas da violência sofrida por ela.

A indiana Asma Aziz, de 22 anos, teria sido despida e espancada com uma vara, antes de ter todo seu cabelo cortado pelo marido, Mian Faisal, em frente a um grupo de amigos do casal. Segundo a vítima em vídeo publicado no Twitter, o ataque teria começado depois que ela se recusou a dançar para Faisal em frente às outras pessoas. (INDIANA..., 2019)

O trecho acima, corrobora com os achados sobre linguagem hegemônica nos textos da plataforma Universa. Apesar de buscar uma linguagem não hegemônica, ainda há resquícios de linguagem hegemônica nos textos analisados na plataforma. Ainda na temática de Violências, foi perceptível que a linguagem hegemônica estava presente a partir dos títulos das matérias, como por exemplo no texto “Vítima de suspeito de estupros em série diz que ato durou mais de 2 horas”. A matéria tratava de um estupro contra uma menina de 14 anos.

A categoria com a temática Discriminação, teve a mesma porcentagem de aparecimento dentro das matérias publicadas na *Universa*, por isso, um trecho de uma das matérias com essa temática será disposto abaixo. Com o título “Deputadas negras barradas por seguranças planejam projeto sobre o racismo”

A deputada estadual Mônica Francisco (PSOL-RJ) viajou nas últimas semanas para a Europa a convite de parlamentares europeus. Lá reuniu-se também com ativistas e cineastas. Esteve em Berlim, na Alemanha, foi para universidades na França, onde encontrou-se com a prefeita de Paris. Também visitou Berna, na Suíça, onde se reuniu com representantes da Anistia Internacional. Em 2018, ela foi eleita com 40 mil votos. Mesmo assim, ao retornar ao Rio de Janeiro, ela diz que é comum ser barrada por seguranças e impedida de circular em espaços como o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, lugar até então com pouca ou nenhuma representante negra. (CÂNDIDO, 2019)

No texto do autor, é possível perceber ainda, que conforme o relato da Deputada, o racismo institucionalizado e naturalizado dentro das instituições, e não somente fora delas. A fonte relata ainda que em outro país, não passou pelo mesmo constrangimento que teve que enfrentar dentro do seu local de trabalho. É cada vez mais urgente que as mulheres, e aqui incluo todas as raças, cores e orientações sexuais, ocupem seus lugares por direito e promovam uma normalização acerca disso.

Na temática referente à política, uma matéria de autoria não identificada e sob o título *A jovem Tábata Amaral, promessa de centro-esquerda no Brasil*, publicada no dia 23 de abril de 2019 trazia a trajetória da deputada e um trecho destacava que apesar de estar em um local ocupado por mérito e por direito, Tábata ainda percebia certa resistência dentro da casa de leis.

"A Câmara dos Deputados não está acostumada às mulheres jovens e da periferia, creio que isso é muito evidente, é como se tivesse entrado um corpo estranho e o organismo quer expulsá-lo", afirma a legisladora. (A JOVEM...2019)

Na matéria, a deputada é descrita pelas suas qualidades acadêmicas e por sua inteligência. É relatada a sua origem simples, e talvez por isso, na fala acima ela mencione o fato de a elite da Câmara não gostar de pessoas da periferia. Os textos jornalísticos são relevantes fontes de informação e podem promover a já citada normalização da figura feminina em ambientes masculinistas, o que pode ser uma forma de enfraquecer o padrão patriarcal que está institucionalizado.

A categoria Direito das mulheres apresentou textos que versavam a respeito de leis, direitos reprodutivos, ativismo feminino entre outros. O trecho selecionado abaixo, foi retirado da matéria *Câmara do DF aprova multa de R\$ 5 mil para condenados na Lei Maria da Penha*, publicada no dia 11 de abril de 2019 e sem autoria identificada.

A Câmara Legislativa do Distrito Federal aprovou na terça-feira (9) o projeto de lei que obriga agressores enquadrados na Lei Maria da Penha a pagar multa, como forma de responsabilizá-lo não só pela agressão, mas por parte dos custos do atendimento à vítima de violência doméstica. O PL 226/2019 foi proposto pela deputada Júlia Lucy (Novo), aprovado em segunda votação e segue para sanção do governador Ibaneis Rocha. (CÂMARA, 2019)

A proposição da lei é relevante pelo fato de punir efetivamente os atos de violência contra as mulheres, e também por se tratar de uma proposição feita por uma deputada. Dito isto, ressalta-se novamente a necessidade de haver mulheres em espaços de poder e participando das decisões em prol da sociedade.

Na temática Dicotomia, a que menos teve representatividade dentro das temáticas analisadas dentro da plataforma Universa, a matéria Mulher trabalha quase dobro de horas que homem nos afazeres domésticos, publicada no dia 26 de abril de 2019 questiona o papel da mulher dentro da dicotomia público-privada.

As mulheres ainda foram maioria nos cuidados com a casa: 145,1 milhões de pessoas com 14 anos ou mais de idade realizaram afazeres domésticos no ano passado, sendo 68 milhões de homens e 82,1 milhões de mulheres. "Há um fenômeno estrutural, que é as mulheres fazerem mais afazeres domésticos que os homens. A taxa de participação dos homens até vem caminhando um pouco no sentido de melhorar, mas ainda é um problema estrutural no nosso País", explicou Águas. (AMORIM, 2019)

O trecho acima, representa a realidade de muitas mulheres que trabalham em espaços públicos, de maneira formal ou não. A tripla jornada é observada com naturalidade pelos homens e como sendo algo inerente do papel da mulher no ambiente privado.

É relevante pontuar, que os segmentos codificados foram sempre relacionados à temática principal de cada texto, sempre na observância de que para contextualização, no tocante à temática, não houve reverberação em relação ao conteúdo publicado, sendo encontrada apenas 1 matéria que ilustrasse de forma mais clara e objetiva a discussão de um mesmo tema pelos dois editoriais, no caso, denúncias de que o candidato a vice-presidente dos EUA teria tocado em mulheres de forma inconveniente.

Indiretamente, as categorias analisadas seguiram uma dinâmica diferente, na qual a *In Her Words* apresenta conteúdo mais voltado para questionamentos referentes ao patriarcado e a dicotomia público – privado, respectivamente mais enquadradas nas categorias Dicotomia e Direito das mulheres e a Universa trabalhou mais com temas relacionados a autoestima e empoderamento, não sendo evidenciada nesta análise a reverberação das temáticas trabalhadas pelas duas editoriais.

Dito isto, as pautas feministas estavam mais presentes na *In Her Words* do que a

Universa, que após a análise, surge mais como um espaço de pautas femininas e não como um espaço pautado pelo jornalismo na perspectiva de gênero. No entanto, é possível sugerir que a pressão social causada pelo movimento feminista acaba por permear as pautas dos veículos, trazendo em algumas matérias indícios da reverberação da atuação deste movimento, que podem acontecer pela inquietação e pela linha editorial ou mesmo pelo interesse na audiência.

Para entender a relação do movimento feminista nas pautas dos veículos, é necessária uma contextualização rápida sobre o início do movimento e o momento atual.

Garcia (2018) define os movimentos feministas como sendo coletivos de mulheres, que fazem parte do coletivo humano, e que despertaram a consciência contra a opressão, dominação e exploração por parte dos homens.

Alves e Pitanguy (2017) discutem o feminismo como um movimento histórico, que não pode ser desvinculado de outros movimentos de libertação tais como: movimentos negros, minorias étnicas, ecologistas, homossexuais e etc... que se organizam em torno de suas especificidades e na atuam na busca pela diminuição das desigualdades. Ainda de acordo com as autoras, quando se afirma que o sexo é político, pois também contém relações de poder, o feminismo quebra os paradigmas criados pelos modelos políticos tradicionalistas.

Martins (2015) afirma que o feminismo pode ser definido em ondas, nas quais as mulheres buscavam por direitos.

Se, na primeira onda do feminismo, se evidenciam, em diversos lugares do mundo, movimentos de mulheres que reivindicam a participação no espaço público e a garantia de condições igualitárias no mundo do trabalho, a segunda onda realoca o sujeito e o situa no espaço privado, de onde estariam a emanar todas as desigualdades. O imaginário de igualdade e da superação das opressões transita, nesse processo, da rua para a casa, da fábrica para o lar. O opressor, do mesmo modo, é personalizado na figura do patriarca – aquele que, no âmbito das relações domésticas e familiares, estaria a inibir por meio da violência física e emocional, a fruição dos direitos e o avanço das conquistas das mulheres. (MARTINS, 2015 p. 234,235)

Ainda segundo a autora, a terceira onda do feminismo é aquela que se apresenta atualmente. Na qual é relevante os estudos de gênero. Garcia (2018) corrobora quando afirma que o feminismo presente, não se dedica apenas à reivindicação, mas indaga as ciências, disciplinas da cultura, o conhecimento e conclui afirmando que não há explicação biológica para a subordinação das mulheres.

Dessa forma, o caráter questionador dos movimentos feministas é o que realça a necessidade que essas mulheres têm de se colocar como sujeitos da própria vida e da própria existência enquanto pessoa. Destarte, um jornalismo que se proponha a ser pensado e realizado com uma perspectiva de gênero, deve ao menos manter a essência contestadora e buscar

promover sempre a visibilidade das mulheres nos espaços públicos, muitos já ditos masculinizados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do aspecto referente à origem dos textos jornalísticos publicados na *In Her Words* e na plataforma Universa, foi de fato, discrepante. Enquanto a primeira primou pela produção integral dos textos jornalísticos publicados naquele espaço, a Universa publicou textos de origens diferentes, o que pode ter sido a causa de alguns textos conterem um viés mais tendencioso ao uso da linguagem hegemônica e sem perspectiva de gênero. Dito isso, pode-se sugerir que as diferenças referentes aos aspectos analisados se devem ao fato de muitas matérias não estarem de acordo com a linha editorial proposta pela Universa, portanto, neste aspecto, não foram observadas similaridades entre a *In Her Words* e a plataforma Universa.

No que tange à análise do aspecto referente à autoria, também foi encontrado um hiato entre os veículos, principalmente em se tratando da quantidade de textos não assinados por um(a) profissional. A plataforma Universa apresentou uma grande quantidade de textos sem identificação da autoria e como já dito anteriormente, pode reforçar a invisibilidade das mulheres na mídia e em consequência a falta de representatividade feminina nos veículos de comunicação. Ainda neste aspecto, foi possível perceber que ambos veículos tiveram um equilíbrio na relação de gênero entre os(as) profissionais que assinaram os textos publicados naqueles espaços. Consonante ao explícito, pode-se afirmar que apesar de a quantidade de jornalistas mulheres assinando as matérias ter sido superior ao de jornalistas homens, a Universa não apresenta similaridades com a *In Her Words*, no aspecto em questão.

Na análise referente à perspectiva de gênero nos textos jornalísticos, a *In Her Words* apresenta similitudes com a Universa, quando enfocada a questão das fontes utilizadas nos textos publicados. Em ambos veículos, houve a predominância de mulheres como fonte de informação. Quanto à linguagem utilizada, não houve similitude neste aspecto, haja visto a discrepância entre os percentuais encontrados na análise dos textos produzidos pelos veículos.

Na análise temática, percebeu-se que ambos veículos publicam textos de assuntos globais, no entanto, o foco do editorial americano é oferecer textos de conteúdo questionador acerca de temas que naturalmente vão de encontro com as imposições perpetradas pelo patriarcado e são predominantes nas pautas feministas. A plataforma Universa, valoriza as questões acerca de quebra de padrões de beleza e aceitação, e também apresenta maior evidência de temas relacionados à violência e à discriminação. Isto posto, é possível afirmar que não houve reverberação das temáticas entre os dois veículos no *corpus* dos textos jornalísticos analisados. A editoria americana caminha em direção a um espaço que busca de fato oferecer jornalismo na perspectiva de gênero, e parece ter foco nas causas feministas.

Aqui, cabe ressaltar o histórico de movimentos feministas como o #metoo e TimesUp, que ascenderam e pautaram veículos de comunicação, inclusive o NYT, principalmente após as denúncias de abuso sexual cometidos por Harvey Weinstein. É relevante ressaltar, que as matérias que apresentavam a mesma temática, seguiam a mesma lógica contestadora, a maioria das vezes com críticas feitas pelas autoras e em outros momentos, com a própria editoria revisitando o passado com a publicação de uma opinião ou matéria do NYT, na qual o posicionamento do jornal poderia ser o mesmo ou diferente do que se apresenta agora. Um exercício de autocrítica e o que pode transparecer, o desejo de propor um jornalismo diferente.

A plataforma Universa, ao que tudo indica, trabalha os temas de modo a oferecer um conteúdo feminino, ainda estando distante de apresentar de fato uma comunicação que possa ser considerada jornalismo na perspectiva de gênero. Reforçando as palavras de Meuli (2020), é necessário que haja observância se de fato o interesse do veículo é pelas pautas feministas e se trabalha em prol da promoção de um jornalismo na perspectiva de gênero ou se o apelo do espaço é nada mais do que um artifício para acertar um determinado nicho identificado pelo mercado.

Um meio de comunicação é realizado em contexto e paralelamente à sociedade, portanto, caso ocorram mudanças evidentes e transcendentais nesta, como estamos vivenciando com a violência de gênero, e as questões de gênero em geral, o meio que informa, e até mesmo a prática do jornalismo deve (ou deve) estar atenta, adequar suas agendas na efetivação da mudança. Por outro lado, não devemos esquecer que a mídia, além de funcionar como ator social, cumpre principalmente o papel de comunicar e informar, São empresas que perseguem fins comerciais, por isso devem estar na vanguarda para continuar no mercado, ser interessantes para as pessoas. Se a questão de gênero é importante hoje em dia, convém não ficar de fora do assunto, pois isso pode significar perda de leitores, no lucro.⁶⁵ (MEULI, 2020)

Na direção do que afirma a Meuli, após a análise do *corpus*, é possível sugerir que a plataforma Universa transita em um espaço feminino comum, no qual o Portal UOL utiliza a proposta de um espaço para a mulher contemporânea e que propõe o questionamento de antigos padrões, apenas para se promover financeiramente, porquanto não há naquele espaço a presença efetiva de um jornalismo na perspectiva de gênero.

Diante dos aspectos elencados anteriormente e com base na análise do *corpus*,

⁶⁵ Un medio de comunicación se lleva a cabo en contexto y paralelo con la sociedad, por lo tanto, si en esta se producen cambios evidentes y trascendentales como lo estamos viviendo con la violencia de género, y las cuestiones de género en general, el medio que informa, y mismo la práctica del periodismo debe (o debería) estar al tanto, adaptar sus agendas en efecto cambiar. Por otra parte, no tenemos que olvidarnos que los medios además de funcionar como actores sociales cumpliendo principalmente el rol de comunicar e informar, son empresas que persiguen fines comerciales, por lo tanto deben estar a la vanguardia para seguir en el mercado, ser interesantes para las personas. Si la temática de género hoy en día es importante, es conveniente no quedarse afuera del tema, ya que eso podría significar perder lectores, en ganancias.

efetivamente na análise das temáticas, levanta-se a hipótese de que os movimentos feministas por meio de suas articulações em âmbito nacional e internacional, podem pautar os veículos que transitam entre o feminino e o feminista. Isso pode ser dito, haja visto a repetição de matérias com a mesma temática dentro da *In Her Words*, o que reforça a ideia de que o feminismo norte americano é mais atuante do que o feminismo brasileiro.

No Brasil, recentemente, um caso de denúncia de assédio sexual cometido pelo comediante e ex diretor da Rede Globo de Comunicação, Marcius Melhem⁶⁶ foi publicado por diversos veículos de comunicação, inclusive pela plataforma Universa. A plataforma publicou ainda, matéria na qual fala a respeito do movimento #metoo no Brasil⁶⁷, e explica que o motivo de o movimento só ter se instalado no país se deu pela necessidade que as idealizadoras tinham de oferecer apoio para as mulheres que buscassem o movimento para fazer denúncias e pedir ajuda. Por isso, o movimento #metoo Brasil, atua em conjunto com a organização As Justiceiras⁶⁸, formada por voluntárias que oferecem serviço de apoio psicológico, jurídico, de assistência social e médico para as mulheres vítimas de violências.

Consonante aos expostos, é possível afirmar q ue em relação às temáticas trabalhadas pelos dois veículos, não há reverberação transfronteiras entre a *In Her Words* e a plataforma Universa, no entanto, é relevante pensar a respeito da hipótese levantada neste estudo no tocante dos movimentos feministas e da possibilidade de eles pautarem o jornalismo na perspectiva de gênero. Cabe ainda, refletir acerca dos movimentos feministas e do fenômeno glotopolítico como uma forma de provocar mudanças e promover estranhamento a tudo o que hegemoniza e não respeita as singularidades de cada pessoa.

⁶⁶ Disponível em: [<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/10/marcius-melhem-foi-violento-com-varias-atrizes-diz-defesa-de-vitimas.shtml>]. Acesso em 4 de nov de 2020.

⁶⁷ Disponível em: [<https://metoobrasil.org.br/>]. Acesso em 04 de nov. de 2020.

⁶⁸ Disponível em: [<https://justiceiras.org.br/#voluntaria>]. Acesso em 04 de nov. de 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A JOVEM Tábata Amaral, promessa de centro-esquerda no Brasil. **Universa**, [s. l.], p. sn, 23 abr. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/afp/2019/04/23/a-jovem-tabata-amaral-promessa-da-centro-esquerda-no-brasil.htm>. Acesso em: 2 nov. 2020.

ALBERTI Garfias, Gloria; Lagos Lira, Claudia Paola; Maluenda, María Teresa; Uranga Harboe, Victoria. **Por un periodismo no sexista: Pautas para comunicar desde una perspectiva de género en Chile**. Santiago de Chile: OREALC/UNESCO. Recuperado de <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001901/190143s.pdf>, 2010>. Acesso em: out. de 2019.

ALLEN, Donna. Nan Robertson, The Girls in the Balcony: Women, Men and “The New York Times.” Random House, 1992. 274 pp. Cloth, \$22. 1993.

AMORIM, Daniela. Mulher trabalha quase dobro de horas que homem nos afazeres domésticos. **Universa**, [s. l.], p. sn, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/agencia-estado/2019/04/26/mulher-trabalha-quase-dobro-de-horas-que-homem-nos-afazeres-domesticos.htm>. Acesso em: 2 nov. 2020.

ASSIM como Samara Felippo, estas famosas não ligam para barriga negativa... - Veja mais em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/03/assim-como-samara-felippo-elas-nao-ligam-para-barriga-negativa.htm?cmpid=copiaecola>. **Universa**, [S. l.], p. sn, 3 abr. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/03/assim-como-samara-felippo-elas-nao-ligam-para-barriga-negativa.htm>. Acesso em: 2 nov. 2020.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Brasiliense, 2017.

BARCAGLIONI, G. Los feminicidios en los medios de comunicación. **Chaer, S. & Santoro S., Las palabras tienen sexo II. Herramientas para un periodismo de género**, p. 143-162, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** São Paulo. SP: Edições, v. 70, 2011.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. Boitempo Editorial, 2018.

BENNETT, Jessica. **The #MeToo Moment: When the Blinders Come Off**. **The New York Times**, New York, 30 nov. 2017. Gender Letter, p. 1. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2017/11/30/us/the-metoo-moment.html?module=inline>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____, Jessica; SALAM, Maya. **Harvey Weinstein “Perp Walked” Into the Future of #MeToo**. *The New York Times*, New York, 25 maio 2018. Gender Letter, p. 1. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/05/25/us/harvey-weinstein-perp-walk.html>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____, Jessica. What 18 Looks Like Around the World — Through Girls’ Eyes. **The New York Times**, [S. l.], p. sn, 11 out. 2018a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/11/world/this-is-18-through-girls-eyes.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

_____, Jessica. 5 Stories of Sex and Consent on Campus. **The New York Times**, [S. l.], p. sn, 11 maio 2018b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2018/05/10/style/sexual-consent-college-campus.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1992.

CÂNDIDO, Marcos. Deputadas negras barradas por seguranças planejam projeto sobre o racismo. **Universa**, [S. l.], p. sn, 10 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/10/deputadas-negras-barradas-seguranças-planejam-projeto-sobre-racismo.htm>>. Acesso em: 13 out. 2020.

CARDOSO, Soraia Souza. **Alfabetização como uma construção dialógica no conhecimento e aprendizado da leitura e escrita**. Veras. Revista Acadêmica de Comunicação, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 45-59, jan. 2016. Disponível em: <<http://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/235>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

CÂMARA do DF aprova multa de R\$ 5 mil para condenados na Lei Maria da Penha. **Universa**, [s. l.], p. sn, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/11/df-aprova-multa-para-agressores-enquadrados-na-lei-maria-da-penha.htm>. Acesso em: 2 nov. 2020.

CHAHER, Sandra. El camino hacia la paridad en los medios. SANTORO, S. Y CHAHER S.(comps.) **Las palabras tienen sexo II: herramientas para un periodismo de género**. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2010.

CUBA, E. Lingüística feminista y apuesta glotopolítica. **Anuario de Glotopolítica**, v. 2, p. 21-40, 2018.

DUNLAP, David W. Cooking With Juliet Corson, The Times's First Star Writer. **The New York Times**, [S. l.], 6 jul. 2017. Looking Back, p. sn.

DEL VALLE, Jose. A política de desconforto. **Anuário de Glotopolítica**, [S. l.], p. sn, 21 ago. 2018. Disponível em: <https://glotopolitica.com/2018/08/21/la-politica-de-la-incomodidad/>. Acesso em: 9 nov. 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**. Edipucrs, 2008.

INDIANA é espancada e tem cabelo raspado pelo marido porque não quis dançar. **Universa**, [s. l.], p. sn, 2 abr. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/02/mulher-tem-aceblo-raspado-pelo-marido-apos-se-recusar-a-dancar-para-amigos.htm#:~:text=Indiana%C3%A9%20espancada%20e%20tem%20cabelo%20raspado%20pelo%20marido%20porque%20n%C3%A3o%20quis%20dan%C3%A7ar,-Asma%20Aziz%2C%20se&text=A%20indiana%20Asma%20Aziz%2C%20de,grupo%20de%20amigos%20do%20casal>. Acesso em: 2 nov. 2020.

HUMANOS, DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 1948.

FRANCO, Paki Venegas; CERVERA, Julia Peres. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. UNIFEM (ONU), 2006.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. Claridade, 2018.

GUILLAUMIN, Colette. Prática do poder e ideia de natureza. In: ABREU, Maira; ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica; FALQUET, Jules (Org.). **O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**: Colette Guillaumin, Paola Tabet, Nicole- Claude Mathieu. Recife, SOS Corpo, 2014

INTERVOZES (2015). **Caminhos para a luta pelo direito à comunicação no Brasil - como combater as ilegalidades no rádio e na TV**. Disponível em: <http://intervozes.org.br/arquivos/interman004cldcnb.pdf>. Acesso em out. de 2019.

- MACBRIDE, Relatório. **Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época.** Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação. 1983.
- MCCOMBS, Maxwell. Um Panorama da Teoria do Agendamento, 35 anos depois de sua formulação. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 31, n. 2, p. 205 - 221, 2008.
- MAFFÍA, Diana. Sujetos, política y ciudadanía. In: CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia. **Las palabras tienen sexo – introducción a un periodismo con perspectiva de género.** Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007.
- MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito" nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. **Revista Café com Sociologia**, v. 4, n. 1, p. 231-245, 2015.
- MCFARLIN, Diane. Are Girls Still in the Balcony? **Medium**, [S. l.], p. sn, 22 maio 2014.
- MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos: repensando a questão.** In: Revista Symposium. 2001. p. 45-55.
- MANNA, Nuno. **Jornalismo e o espírito intempestivo: fantasmas na mediação jornalística da história, na história.** Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2016.
- MEULI, Noelia. **Hacia un periodismo con perspectiva de género.** Análisis sobre las noticias de violencia de género y femicidio. *Question*, v. 1, n. 55, p. 472-489, 2017.
- _____, Noelia. Editoria de Gênero. [Entrevista concedida a Albertina Vieira de Melo Gomes Oliveira]. Palmas 2020.
- MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório.** *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016.
- MIRANDA, Cynthia Mara; NOGUEIRA, Rose Dayanne Santana. **Comunicação E Gênero: reflexões sobre as ações da Defensoría Del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual da Argentina.** *Revista Observatório*, v. 3, n. 1, p. 33-57, 2017.
- MIRANDA, Cynthia Mara. **Caminhos para a igualdade de gênero nos meios de comunicação.** In: Danusa Marques, Daniela Rezende, Máira Kubík Mano, Rayza Sarmento, Viviane Gonçalves Freitas. (Org.). **Feminismos em rede.** ISBN 978-85-8049-072-5. 1ed.Rio Grande do Sul: Zouk Editora, 2019, v. 1, p. 40-53.

MIRANDA, Cynthia Mara; PARENTE, Temis Gomes. Plataforma de Ação de Pequim, avanços e entraves ao gender mainstreaming. In: Revista Opsi, v. 14, p. 413-428, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsi/article/viewFile/26330/17904>>. Acesso em: 05 SET. 2020.

MORENO, Rachel. **A imagem da mulher na mídia: controle social comparado**. Publisher Brasil, 2012.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (2006).

RODAL, Asunción Bernardez. **Mujeres en Medio (s). Propuesta para analizar la comunicación masiva con Madrid**. Fundamentos, 2015.

RUOHO, Iiris; TORKKOLA, Sinikka. *Jornalismo e Gênero*. 2018. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/downloadpdf/j/nor.2018.39.issue-1/nor-2018-0002/nor-2018-0002.pdf>>. Acesso em: 16 out. de 2019.

SALAM, Maya. What Is the Equal Rights Amendment, and Why Are We Talking About it now? **The New York Times**, [S. l.], p. sn, 22 fev. 2019a. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/02/22/us/equal-rights-amendment-what-is-it.html>>. Acesso em: 13 out. 2020

_____, Maya. Rebel Women Are Coming to a Public Monument Near You. **The New York Times**, [S. l.], p. sn, 9 ago. 2018a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/08/09/us/statues-women-america.html?login=smartlock&auth=login-smartlock&login=smartlock&auth=login-smartlock>. Acesso em: 28 out. 2020.

_____, Maya. A Record 117 Women Won Office, Reshaping America's Leadership. **The New York Times**, [S. l.], p. sn, 7 nov. 2018b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/11/07/us/elections/women-elected-midterm-elections.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

_____, Maya. Trolls Tried to Sink 'Captain Marvel.' She Triumphed. **The New York Times**, [S. l.], p. sn, 15 mar. 2019b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/03/15/arts/captain-marvel-trolls.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

SEIXAS, Lia. **Gêneros jornalísticos digitais: um estudo das práticas discursivas no ambiente digital**. XIII Compós. De, v. 22, 2004.

SEGATO, Rita Laura. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, p. 265-285, 2005.

SVACHULA, Amanda. When The Times Kept Female Reporters Upstairs. **The New York Times**, [S. l.], 20 set. 2018. Times Insider, p. sn. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/09/20/insider/times-womens-section-female-reporters.html>>. Acesso em: 8 out. 2020.

THE PAK VOICE. **What is a Journalism and How many kinds of journalism?** Pakistan, 1 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.thepakvoice.com/blogs/46/what-is-a-journalism-and-how-many-kinds-of-journalism?/>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

WALSH, Clare. **Gender and discourse. Language and power in politics, the church and organisations**. Edinburgh and London: Pearson Education Ltd, 2001.

WOITOWICZ, Karina Janz ; ROCHA, Paula Melani . **As mulheres na conquista de espaços no jornalismo paranaense: invisibilidade, lutas históricas e o processo de feminização da profissão**. In: BIANCHI, Graziela; WOITOWICZ, Karina Janz; ROCHA, Paula Melani. (Org.). *Gênero, mídia & lutas sociais: percepções críticas e experiências emancipatórias*. 1ed.Ponta Grossa: Editora UEPG, 2018, v. 1, p. 28-43.

_____, Karina Janz; ROCHA, Paula Melani. **Repensar os parâmetros hegemônicos no jornalismo: a perspectiva de gênero na produção jornalística e na formação profissional**. In: AGUIAR, Leonel; SILVA, Marcos Paulo da; MARTINEZ, Monica. (Org.). *Desigualdades, relações de gênero e estudos de jornalismo*. 1ed.São Paulo: Life, 2018, v. 1, p. 53-68.